



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM ESTUDOS CULTURAIS
CAMPUS DE AQUIDAUANA

ELZÉBER PAIZ FLÔRES

A PRÁTICA DAS ROÇAS ENTRE OS TERENA DA ALDEIA IPEGUE:
PERMANÊNCIAS E ATUALIZAÇÕES



AQUIDAUANA/MS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM ESTUDOS CULTURAIS
CAMPUS DE AQUIDAUANA

ELZÉBER PAIZ FLÔRES

**A PRÁTICA DAS ROÇAS ENTRE OS TERENA DA ALDEIA IPEGUE:
PERMANÊNCIAS E ATUALIZAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Estudos Culturais como parte dos requisitos para a obtenção de grau de Mestre em Estudos Culturais na linha de pesquisa Diferenças & Alteridades, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Campus de Aquidauana/CPAQ, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Ferreira Vargas

AQUIDAUANA/MS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM ESTUDOS CULTURAIS
CAMPUS DE AQUIDAUANA

ELZÉBER PAIZ FLÔRES

A PRÁTICA DAS ROÇAS ENTRE OS TERENA DA ALDEIA IPEGUE:
PERMANÊNCIAS E ATUALIZAÇÕES

Profº. Drº. Miguel Rodrigues de Souza Neto

Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Estudos
Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do Campus de Aquidauana
UFMS/CPAQ

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ____/____/____

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Vera Lúcia Ferreira Vargas (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Profª. Drª. Iára Quelho de Castro (Membro Interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Profª. Drª. Lenir Gomes Ximenes (Membro Externo)
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

AQUIDAUANA/MS

2023

Dedico este trabalho a Deus e a Jesus Cristo por me guiarem e abençoar a minha Fé que tenho em Jesus Cristo e em Deus toda a minha caminhada até esse momento e sem eles eu não seria nada e por tudo que fazem em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e com toda a certeza a Deus e a Jesus Cristo que eu os amo muito por terem guiado meus passos e iluminado meu caminho, pela minha Fé que tenho em Deus e em Jesus Cristo, porque sem ele em minha vida eu não seria nada, por me dar forças em vários momentos difíceis que enfrentei em minha vida, por me direcionar em vários momentos, por todos os momentos de reflexão, pela minha saúde, pela minha vida, pelas bênçãos, pela prosperidade e por tudo de ótimo que irá acontecer em minha vida, por sempre ouvir as minhas orações a Deus e a Jesus Cristo minha gratidão sempre e eterna e com certeza amo muito e sou muito grato, meu muito obrigado eternamente a Deus e a Jesus Cristo.

A minha família amada que sempre me apoiou principalmente a minha Mãe Nilza Paiz Flôres que eu amo muito ao meu Pai Elcio Flôres que eu amo muito e a minha irmã Nilzilene Paiz Flôres que eu amo muito, por todo o incentivo e ajuda de sempre diversas vezes, assim como meus outros irmãos que eu amo muito a todos Elciney Paiz Flôres, Elcimar Paiz Flôres e Nilziane Paiz Flôres, e a todos os meus sobrinhos e sobrinhas, parentes e amigos próximos.

A minha cunhada que eu amo muito Ruthe Luiz Mendes (in memória) que faleceu no ano de 2021, porém sempre me incentivou e apoiou nas minhas decisões e na continuidade de poder estudar mais e buscar mais o conhecimento.

As xamãs Amélia e Lola que deram sua ajuda em vários momentos de minha vida, assim como a Cigana Pérola e ao Pai Xangô que vem me ajudando ao longo de minha vida.

A todos os participantes das entrevistas e pessoas que ajudaram como a Maria Alexandra, Islei, ao Mamédio Antônio, Maurícia Alfredo, Leonardo Flôres Correa, Ivo Paiz, Evaldo Paes Eloy, Elcio Flôres, Demétrio Gonçalves, Gelina da Silva Gonçalves, Joaquim de Oliveira, Adenilson Alfredo Constantino, Edil Alfredo e Miguelina da Silva, por terem aceitado a entrevista e poder compartilhar com eles a minha pesquisa, muito obrigado por terem me recebido em suas residências e por toda a ajuda de sempre.

A minha querida e amada orientadora Professora Doutora Vera Lúcia Ferreira Vargas por ter aceitado me orientar, pelo convite feito para participar do Mestrado em Estudos Culturais e por toda a ajuda de sempre mesmo, por ter apostado na proposta do tema e por tudo mesmo gratidão sempre e eterna, meu muito obrigado.

“Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida. Peça-a, porém, com fé, sem duvidar, pois aquele que duvida é semelhante à onda do mar, levada e agitada pelo vento. Não pense tal pessoa que receberá coisa alguma do Senhor, pois tem mente dividida e é instável em tudo o que faz.” (Tiago 1:5-8)

RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade demonstrar a prática das roças realizadas pelos Terena moradores da aldeia Ipegue, na Terra Indígena Taunay/Ipegue, localizada no município de Aquidauana-MS. Nesse sentido, privilegiou as discussões realizadas pelos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores indígenas, também foi elaborado um roteiro de perguntas, que compôs um questionário aplicado para doze moradores da aldeia. As respostas das questões foram analisadas e se constituíram nas principais informações dessa pesquisa. Pois foi por meio das informações obtidas com os agricultores indígenas que esse texto foi produzido, uma vez que permitiram demonstrar que os trabalhos nas roças ainda são realizados pelos Terena, tanto para agricultura de subsistência, quanto para comercializarem os seus produtos na própria aldeia, assim como nas aldeias vizinhas e também nas cidades próximas. Dessa maneira, mantendo a prática das roças entre eles.

Palavras-Chave: Roça; Terena; Aldeia Ipegue; Agricultura.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate the practice of swiddens carried out by the Terena residents of the Ipegue village, in the Taunay/Ipegue Indigenous Land, located in the municipality of Aquidauana-MS. In this sense, it privileged the discussions carried out by the works developed by indigenous researchers, a script of questions was also elaborated, which composed a questionnaire applied to twelve residents of the village. The answers to the questions were analyzed and constituted the main information of this research. Because it was through the information obtained from the indigenous farmers that this text was produced, since they allowed demonstrating that the work in the fields is still carried out by the Terena, both for subsistence agriculture, and to market their products in the village itself, as well as in neighboring villages and also in nearby towns. In this way, maintaining the practice of gardens among them.

Keywords: Farm; Terena; Aldeia Ipegue; Agriculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comissão Rondon.....	23
Figura 2 – Adenilson Alfredo Constantino.....	60
Figura 3 – Demétrio Gonçalves	61
Figura 4 – Gelina da Silva Gonçalves	62
Figura 5 – Edil Alfredo	64
Figura 6 – Elcio Flôres.....	66
Figura 7 – Evaldo Paes Eloy	67
Figura 8 – Ivo Paiz.....	69
Figura 9 – Joaquim de Oliveira.....	70
Figura 10 – Leonardo Flores Correia.....	72
Figura 11 – Mamédio Antônio.....	73
Figura 12 – Maurícia Alfredo	75
Figura 13 – Miguelina da Silva.....	76
Figura 14 – Roça de Edil Alfredo	84
Figura 15 – Roça de Edil Alfredo	85
Figura 16 – Roça de Joaquim de Oliveira.....	86
Figura 17 – Roça de Mamédio Antônio e Maurícia Alfredo	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP - Autoridade Institucional

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CPAQ - Campus de Aquidauana

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IFMS - Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

MEC - Ministério da Educação

MS - Mato Grosso do Sul

PBP - Programa de Bolsa Permanência

PPGCULT - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais

PREVFOGO - Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais

PROLIND - Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas

SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena

SIS - Ações Saberes Indígenas na Escola

SISU - Sistema de Seleção Unificada

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – ALDEIA IPEGUE: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS INDÍGENAS NA CONTEMPORANEIDADE	21
1.1 - A roça e a aldeia Ipegue.....	30
1.2 - A construção de casas em terras antes destinadas para a construção de roças	35
1.3 - As profissões existentes na aldeia Ipegue dentro dos setores públicos e as outras profissões existentes	39
1.4 – A economia presente na aldeia Ipegue e o trabalho assalariado	49
CAPÍTULO 2 - OS AGRICULTORES TERENA DA ALDEIA IPEGUE.....	57
2.1 - O trabalho na roça realizado pelos agricultores Terena da aldeia Ipegue, informações sobre os agricultores indígenas	59
CAPÍTULO 3 - AS PERMANÊNCIAS E ATUALIZAÇÕES PRESENTES NAS ROÇAS DOS AGRICULTORES TERENA DA ALDEIA IPEGUE	79
3.1 - A roça de subsistência presente na aldeia Ipegue	80
3.2 - O cotidiano do trabalho realizado na roça e os tipos de roças existentes	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO

Está dissertação foi realizada no Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu Mestrado em Estudos Culturais da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana). O título da pesquisa é "A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações" e tem como objetivo descrever as ações dos Terena na aldeia Ipegue no contexto da agricultura local, na prática do trabalho que exercem através de suas plantações em forma de roças.

Iniciei meus estudos em 2004 quando ingressei na antiga 1ª série do Ensino Fundamental na Escola Municipal Indígena Polo Feliciano Pio da aldeia Ipegue e conclui a fase de estudos no ensino Fundamental em 2011, em 2012 iniciei meus estudos no 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Professor Domingos Veríssimo Marcos – MIHIN, localizada na aldeia Bananal tendo a distância de 02 quilômetros da aldeia Ipegue e conclui os estudos no ano de 2014.

Em 2014 realizei as provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), logo em seguida no ano de 2015 através da pontuação total que adquiri no somatório de notas das provas do ENEM, dessa maneira consegui me inscrever para o SISU (Sistema de Seleção Unificada), e assim concorrer a uma das vagas ofertadas pelo Sistema nos cursos que havia a disposição do ensino superior, através do sistema de cotas indígenas optei por uma das vagas no curso de História da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), no CPAQ (Campus de Aquidauana), então consegui ingressar no curso de História e me manter através do benefício ofertado pelo Programa de Bolsa Permanência (PBP) Indígena do MEC (Ministério da Educação). Conclui a graduação em História no ano de 2018, assim terminei essa etapa de ciclo de estudos em minha vida.

No ano de 2020 através do processo seletivo da seleção do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana (PPGCULT/CPAQ), onde optei pela linha de pesquisa Diferenças e Alteridades, por considerar que se encaixava mais a proposta do meu projeto de pesquisa para o Mestrado em Estudos Culturais, consegui a pontuação que era necessária nas fases das etapas do programa de seleção e assim consegui ingressar no programa, dessa maneira pude vivenciar essa experiência, entrar em contato com novos conhecimentos e aprender ainda mais.

Esta pesquisa foi submetida ao sistema de base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos a Plataforma Brasil, onde o preenchimento dos

dados que foram solicitados e necessários pelo sistema ocorreu a partir do segundo semestre do ano de 2021, em seguida submetidos ao sistema da Plataforma Brasil, logo foram enviadas para apreciação do CEP (Autoridade Institucional) da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), depois de feitas as correções necessárias e enviar novas versões para atender da melhor maneira o que era pedido ao sistema, no dia 15 de fevereiro de 2022, o CEP julgou pela aprovação da pesquisa, assim o mesmo CEP encaminhou para o CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) para a sua apreciação da pesquisa, após uma análise e feito os pedidos de mudanças enviados os documentos necessários, com uma nova versão do projeto o CONEP julgou pela aprovação da pesquisa no dia 14 de julho de 2022.

Todos os dados referentes à documentação que foram enviadas como os documentos de aprovação do CEP e também do CONEP constam em anexos nas páginas finais desta dissertação, outro destaque importante é que para a realização desta pesquisa foi utilizada a entrevista oral e o registro fotográfico, para a elaboração final desta dissertação as entrevistas aconteceram após as aprovações no sistema CEP e no sistema CONEP, bem como os ajustes na pesquisa feita após a aprovação no Exame de Qualificação.

Nasci na aldeia Ipegue e pertencço à etnia Terena, da Terra Indígena Taunay/Ipegue, localizada há 60 quilômetros do município de Aquidauana, no Estado de Mato Grosso do Sul. Sou filho de Nilza Paiz Flôres e Elcio Flôres, atualmente tenho 25 anos de idade e sempre morei na aldeia Ipegue.

Compreender como os indígenas da aldeia Ipegue exerce a prática da agricultura, plantando em suas roças, demonstram a valorização da cultura e a importância social, acadêmica desta pesquisa. Procurar evidenciar como os agricultores Terena trabalham atualmente em suas roças na aldeia Ipegue, seus métodos de trabalho e os conhecimentos tradicionais adquiridos pelos anciões e transmitidos às famílias. A pesquisa também explora os desafios enfrentados, como a falta de recursos financeiros, de maquinários e a diminuição do tamanho territorial das roças na aldeia Ipegue.

Sobre a aldeia Ipegue nos últimos anos importantes trabalhos acadêmicos foram produzidos tendo como o título em destaque a aldeia Ipegue, produções essas realizadas em artigos, TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)/monografias, dissertações entre outros, trabalhos em sua maioria realizados por pesquisadores que são moradores da aldeia Ipegue, onde procuraram demonstrar algumas características marcantes,

fomentando a rica história existente, aqui será destacado os trabalhos sobre a aldeia Ipegue, seguindo a ordem cronológica de defesa dessas pesquisas.

- ❖ Em 2010 a dissertação defendida por Celma Francelino Fialho indígena Terena moradora da aldeia Bananal, pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação realizado na UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), na área de concentração: Diversidade Cultural e Educação Indígena, tendo como título da pesquisa “O Percurso Histórico da Língua e Cultura Terena na Aldeia Ipegue/Aquidauana/ MS”.
- ❖ 2011 a monografia defendida por Nilzilene Paiz Flores indígena Terena moradora da aldeia Ipegue ao curso de Pedagogia Licenciatura Plena pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) com o título da pesquisa “O Ensino da Dança Kipaé`xoti e Siputêrena na Escola Indígena da Aldeia Ipegue”.
- ❖ 2015 com a monografia defendida por Edenir Maidana da Silva Santos ele indígena Terena morador do Distrito de Taunay, apresentada ao curso de História Licenciatura Plena pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana) com o título da pesquisa “Aldeia Ipegue: Registros Orais Sobre sua História”.
- ❖ 2017 o artigo produzido para a conclusão de curso da Especialização Antropologia e História dos Povos Indígenas e defendida por Elciney Paiz Flôres indígena Terena e morador da aldeia Ipegue, pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana) com o título da pesquisa “Os Caciques da Aldeia Ipegue (1912-2013)”.
- ❖ 2018 a monografia de Elzéber Paiz Flôres indígena Terena e morador da aldeia Ipegue, defendida no curso de História Licenciatura Plena pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana) com o título da pesquisa “A Difícil Inserção dos Indígenas Terena da Aldeia Ipegue na Perspectiva da Economia de Mercado”.
- ❖ 2019 a monografia de Elcio Flôres indígena Terena e morador da aldeia Ipegue, defendida no curso de Geografia Licenciatura Plena pela UFMS (Universidade

Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana) com o título de pesquisa “Territorialização das Religiões da Aldeia Ipegue”.

- ❖ 2021 o artigo desenvolvido por Elen Flores Alfredo ela indígena Terena moradora da aldeia Ipegue e por Daniela Althoff Philippi ambas pertencentes ao curso de Administração Bacharelado da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana) artigo esse submetido e publicado na Revista Brasileira de Meio Ambiente & Sustentabilidade, com o título de pesquisa “Destinação do Resíduo Garrafa Pet: Estudo com Residentes da Aldeia Ipegue”.
- ❖ 2022 o trabalho de conclusão de curso elaborado em forma de artigo realizado por Erika Flores Joaquim ela indígena Terena e moradora da aldeia Ipegue e defendido ao curso de História pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana) com o título de pesquisa “Saberes Indígenas na Escola Feliciano Pio da Aldeia Ipegue”.
- ❖ Por fim em 2022 a monografia defendida por Edinalva Francisco Paiz indígena Terena e moradora da aldeia Ipegue, ao curso de História pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana) com o título de pesquisa “Koixomunetís na Aldeia Ipegue, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil”.

No total foram 09 pesquisas realizadas até o momento com o tema da aldeia Ipegue, sendo que 07 dessas pesquisas foram produzidas por acadêmicos da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no CPAQ (Campus de Aquidauana), 05 desses trabalhos tiveram a sua defesa no curso de História Licenciatura Plena, e 07 desses trabalhos foram realizados por pesquisadores moradores da aldeia Ipegue.

As afirmações feitas por esses pesquisadores através de seus trabalhos defendidos em cursos de graduação e pós-graduação em várias instituições de ensino superior ajudam a enfatizar o quão importantes são os aspectos e as características presentes na aldeia Ipegue, incluindo cultura, educação, economia, política, religião, entre outros.

Também temos destaque de outros trabalhos que tem sua importância para o meio acadêmico em sua maioria como dissertações e teses, produzidos por indígenas da

etnia Terena e por não indígenas, dessa maneira podemos destacar alguns seguindo a ordem cronológica em que essas pesquisas foram defendidas.

- ❖ Começamos em 2004 com a dissertação de Wanderley Dias Cardoso com o título de pesquisa “A Aldeia Indígena de Limão Verde: Escola, Comunidade e Desenvolvimento Local” defendida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local, Mestrado Acadêmico, pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco).
- ❖ 2004 com a dissertação de Tércio Jacques Fehlauser com o título de pesquisa “Conhecimento Indígena em Perspectiva: Performance, Habilidades e Capacidades Agrícolas dos Terena da Aldeia Limão Verde (Aquidauana – MS)”, defendida no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Agroecossistemas, pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).
- ❖ 2004 com a dissertação de Luiz Gonzaga Vieira com o título de pesquisa “Desenvolvimento Local na Perspectiva Terena de Cachoeirinha, Município de Miranda/ MS”, defendida no Programa de Pós-Graduação e Extensão Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local, pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco).
- ❖ 2006 com a dissertação de Claudionor do Carmo Miranda com o título de pesquisa “Territorialidades e Práticas Agrícolas: Premissas para o Desenvolvimento Local em Comunidades Terena de MS”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local, Mestrado Acadêmico, pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco).
- ❖ Em 2011 com a tese de Doutorado realizada por Wanderley Dias Cardoso com o título de pesquisa “A História da Educação Escolar para o Terena: Origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde”, defendida ao Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).
- ❖ 2012 com a dissertação de Mario Ney Rodrigues Salvador com o título de pesquisa “Os Índios Terena e a Agroindústria no Mato Grosso do Sul: A Relação Capital-Trabalho e a Questão Indígena Atual”, defendida ao Programa

de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, pela UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

- ❖ 2014 com a dissertação de Miguel Jordão com o título de pesquisa “Projetos Agrícolas, Economia Indígena e Assistência Técnica: da Assimilação à Política de Ater Indígena e Participação”, defendida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, pela UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).
- ❖ 2019 com a tese de Doutorado realizada por Luiz Henrique Eloy Amado ele indígena Terena da aldeia Ipegue, com o título de pesquisa “*Vukápavano* O Despertar do Povo Terena para os seus direitos: Movimento Indígena e confronto Político”, defendida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).
- ❖ Por fim em 2022 com a dissertação de Anastácio Peralta com o título de pesquisa “Tecnologias Espirituais: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e os Guarani”, defendida ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade, pela UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados).

As pesquisas mencionadas acima demonstram como os investigadores indígenas são fortalecidos e valorizados e como pesquisas sobre substâncias a cultura e outros contextos indígenas estão ganhando mais espaço para discussões no meio acadêmico e social.

Para o desenvolvimento desta pesquisa buscou-se procurar compreender como a agricultura Terena está presente dentro da aldeia Ipegue e para o aporte teórico estabelecido foi direcionado para o campo dos Estudos Culturais, principalmente por meio do conceito de decolonialidade, pois permite evidenciar as inúmeras ações exercidas pelos Terena em diferentes contextos, principalmente aquelas vinculadas as práticas agrícolas realizadas através das plantações feitas em suas roças.

Para entender melhor sobre os Estudos Culturais Baptista (2009), afirma que:

[...] dirigir a sua atenção para o estudo das classes trabalhadoras, das culturas, de juventude, das mulheres, da feminilidade, da raça e etnicidade, das políticas culturais da língua e dos media, entre muitos outros. O que poderemos sublinhar de interesse comum entre estes objetos em síntese, trata-se de estudar aspectos culturais da sociedade, isto é, de tomar a cultura como prática central da sociedade e não como elemento exógeno ou separado, ou mesmo como uma dimensão mais importante do que outras sob investigação, mas como algo que está presente em todas as práticas sociais e

é ela própria o resultado daquelas interações. (BAPTISTA, 2009, p. 454 – 455)

E complementa que:

Deste modo, é objetivo primeiro dos Estudos Culturais construir um discurso crítico e auto-reflexivo que procure constantemente redefinir e criticar o trabalho já feito, repensar mecanismos de descrição, definição, predição e controle das conclusões a que se chega, bem como ter um papel desmistificante em face de textos culturalmente construídos e dos mitos e ideologias que lhes subjazem. (BAPTISTA, 2009, p. 459)

Assim, os Estudos Culturais ganharam espaço não apenas no ambiente acadêmico, mas também na sociedade em geral. Eles aparecem como uma maneira de discutir formando um campo de pesquisa interdisciplinar, procurando ocupar diferentes culturas e propondo uma reflexão sobre grupos pouco pesquisados, como indígenas, negros, marginalizados, entre outros.

Em uma entrevista realizada em 2013 a Revista IHU (Instituto Humanitas Unisinos) on-line, feita por Luciano Gallas a Walter Mignolo e que teve a tradução realizada por André Langer, sobre os Estudos Culturais é mencionado que:

[...] Os estudos culturais surgem diante dos limites das formações disciplinares e de seus legados. Fazem parte de toda uma gama de formações disciplinares que surgem nos anos 1970. Embora os estudos culturais tenham surgido na Inglaterra, nos Estados Unidos temos gerado pelo Civil Rights Movement, os estudos feministas, de gênero, étnicos, sino/latinos, asiático-americanos, nativo-americanos, afro-americanos, queerstudies, etc. Isto é, uma rebelião ou revolução disciplinar que outorga a pesquisadores/as jovens e estabelecidos/as uma espécie de reflexão e de ação que não encontrávamos nas formações disciplinares (ciências sociais e humanas). (MIGNOLO, informação verbal, 2013, apud GALLAS, 2013, n.p.)

Assim, podemos observar que os Estudos Culturais oferecem a oportunidade de conhecer, estudar e aprofundar diferentes formas de conhecimento existentes nas diversas realidades de diferentes povos, como indígenas, negros, da periferia, entre outros.

Walter Mignolo (2017) aponta para rupturas epistêmicas e mudanças paradigmáticas, dessa maneira considera a decolonialidade como um movimento de pensamento que se concentra na melhoria da compreensão dos grupos de estudos latino-americanos e no objetivo de libertar a produção do conhecimento da episteme eurocêntrica, como objetivo de colocar em destaque novos conhecimentos existentes que não vêm da Europa, mas sim de outros povos, como os da América Latina.

Avila (2021) explica sobre o conceito de decolonialidade dessa maneira afirma que:

A decolonialidade é considerado como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo. O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos que durante muito tempo foram silenciados. É considerado um projeto de libertação social, político, cultural e econômico que visa dar respeito e autonomia não só aos indivíduos, mas também aos grupos e movimentos sociais, como o feminismo, o movimento negro, o movimento ecológico, o movimento LGBTQia+, etc. (AVILA, 2021, n.p.)

A decolonialidade surge como uma alternativa oposta à colonialidade e à modernidade. Consegue quebrar ideias e circunstâncias impostas aos povos que foram dominados pelo eurocentrismo. Também pode promover novas formas de pensar, saber e fazer combinando com o conhecimento local que esses povos acumularam ao longo dos anos de existência.

Esta dissertação foi escrita de forma estruturada e dividida em três partes, cada uma das quais será apresentada em forma de capítulos.

No primeiro capítulo, “Aldeia Ipegue: Histórias, Memórias, Vivências Indígenas na Contemporaneidade”, tem por objetivo contextualizar a história da aldeia Ipegue, principalmente do ponto de vista indígena. Buscar construir a aldeia Ipegue, amparado por trabalhos já existentes sobre a aldeia Ipegue, onde esses trabalhos exploram as mais diversas características da aldeia Ipegue como a sua cultura, economia, religião, entre outros, assim conta com uma grande parte que é indígena e morador da aldeia Ipegue, dar a visibilidade a esses trabalhos se torna de suma importância para a construção deste capítulo, trabalhos esses realizados tanto no âmbito da graduação quanto no âmbito da pós-graduação, as fontes utilizadas para a elaboração deste capítulo ocorreram por meio de leituras e apontamentos buscados em monografias, dissertações, entre outros, bem como também em algumas entrevistas com os agricultores participantes desta pesquisa, assim apresentam as suas informações sobre a aldeia Ipegue, havendo também as contribuições de trabalhos realizados por não indígenas, que ao longo dos anos vem contribuindo com a história dos povos indígenas Terena. As considerações referentes ao primeiro capítulo passam por procurar compreender essas vivências indígenas na contemporaneidade a partir do momento em que mudanças e transformações passaram a ocorrer ao longo dos anos, como a permanência de algumas tradições, a valorização cultural de algumas atividades e é nessa perspectiva que se encaixa o trabalho realizado na roça.

No segundo capítulo, “Os agricultores Terena da aldeia Ipegue”, tem por objetivo conhecer quem são os agricultores Terena da aldeia Ipegue, visto que esses trabalhadores indígenas para se manterem por vezes utilizam de alimentos que plantam em suas roças, as fontes aqui utilizadas são as entrevistas orais e o registro fotográfico que foram realizadas com cada participante da pesquisa em suas residências, assim podemos conhecer profundamente como é a rotina, bem como o trabalho exercido por eles em suas roças, onde também demonstram que através de suas contribuições com suas entrevistas possam auxiliar no melhor entendimento sobre a agricultura na aldeia Ipegue. Assim conhecer esses agricultores é uma maneira de buscar a compreensão da importância que expõem sobre a prática da agricultura, o trato com o solo, com a terra, os alimentos que são plantados, como a mandioca, feijão verde, entre outros, que no passado ajudava no mantimento de muitas famílias e nos dias atuais ainda ajuda, mesmo em menor escala.

Por fim, o terceiro capítulo, “As Permanências e Atualizações presentes nas roças dos agricultores Terena da aldeia Ipegue”, tem por objetivo demonstrar a prática das roças realizadas por nós Terena da aldeia Ipegue, onde as fontes utilizadas ocorrem através de pesquisas bibliográficas realizadas em trabalhos de autores (as) indígenas, e as entrevistas com os agricultores (as) Terena da aldeia Ipegue, demonstram assim que em meio às dificuldades encontradas e vivenciadas pelas modificações aos quais passa a aldeia, como o aumento populacional entre outros fatores que influenciam diretamente em áreas para a formação das roças, ou melhor, da falta de área para a formação das roças, o agricultor Terena busca encontrar maneiras para permanecer com essa atividade, porque está ligada a cultura local, uma atividade que já é desenvolvida há muitos anos, dessa forma passou por várias gerações nas famílias que são praticantes, e por muitos anos era a única forma de sobrevivência dessas famílias, então tudo o que produziam consumiam hoje essa realizada se modificou em meio a benefícios como bolsa família, cesta básica, aposentadoria, entre outros, porém continuam existindo roças e também plantações, nessas localidades. Pensar a roça como um aspecto da cultura local, também é apontar que esse costume sobreviveu em meio a mudanças, da forma de viver, pensar e agir, e permanece como um saber tradicional Terena.

CAPÍTULO 1

ALDEIA IPEGUE: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS INDÍGENAS NA CONTEMPORANEIDADE

Este capítulo tem por objetivo contextualizar a história da aldeia Ipegue, principalmente do ponto de vista indígena. Tarefa que na prática não foi muito fácil, falar do meu lugar de nascimento, de pertencimento, de vivências das mais diversas tanto coletivas, quanto individuais. Para isso, buscamos e priorizamos os trabalhos realizados por pesquisadores indígenas tanto no âmbito da graduação, como da pós-graduação, para demonstrar os diferentes olhares sobre a aldeia já produzidos, buscando como fio condutor a relação dos Terena com as roças. O mesmo ocorreu com os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores não indígenas, que importantes contribuições foram realizadas ao longo da história do povo Terena.

Assim, aldeia Ipegue é lugar de viver, de um viver coletivo, ainda que esse coletivo se separe em grupos familiares, grupos por afinidades políticas, religiosas, econômicas, entre outros interesses coletivos. Pensar e compreender a aldeia Ipegue torna-se sempre um desafio, nesse sentido, começamos com a origem de seu nome, história tantas vezes contada para as crianças e jovens pelos mais velhos, aqui nos utilizamos do trabalho de conclusão de curso realizado por Nilzilene Paiz Flores, no curso de pedagogia pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), que explica a origem do nome da aldeia:

Na beira de um lago chamado “Vonikóe” (língua Terena), tinha uma figueira bem grande, onde todas as aves da região pousavam para dormir e no chão ficavam muitas penas coloridas das diversas aves que ali pernoitavam. Ipeakaxóti (Terena), que significa troca das penas, renovação, foi o primeiro nome da aldeia, mas os purutuyés (não indígena) não conseguiam pronunciar aquela palavra e falavam Ipegue, que passou a ser seu nome oficial – Aldeia Ipegue. (FLORES, 2011, p.14)

Aqui já fica evidente que o nome da aldeia na língua materna Terena *Ipeakaxóti* como era denominado demonstra a ligação direta com a cultura indígena, sua tradução para a língua Portuguesa “troca de penas, renovação”, não foi respeitada pelos não indígenas, a explicação para isso foi que eles não conseguiam pronunciar a palavra corretamente, e, assim a abreviação para Ipegue, que minimamente lembra a sonoridade de *Ipeakaxóti*. Ainda é comum entre os anciãos a pronúncia do nome em Terena. Nesse sentido a escola também tem ajudado, porque explica o nome da aldeia e o seu significado entre os alunos indígenas.

Não é possível precisar o início da formação da aldeia, mas é possível afirmar que os Terena se encontravam na região muito antes dos não indígenas, como demonstram os trabalhos de viajantes, cronistas, memorialistas e demais pesquisadores.

O processo do reconhecimento legal pelo Estado Brasileiro das terras que formam a aldeia Ipegue ocorreu em 1905. Segundo Vargas (2003) o processo de reservamento das terras da aldeia ocorreu por meio de uma reunião, na qual estiveram presentes as autoridades locais, sendo elas o então diretor dos índios Manuel Antônio de Barros, o Major d'Engenheiros Candido Mariano da Silva Rondon, responsável pela demarcação das terras da aldeia, e os fazendeiros que ali estavam para garantir os seus interesses territoriais como segue:

Às nove horas da manhã do dia vinte e sete de setembro do ano de mil novecentos e cinco, decimo septimo da Republica, no lugar denominado “Bananal” os presentes cidadãos Major d'Engenheiros Candido Mariano da Silva Rondon; Coronel Manuel Antônio de Barros como Director dos Índios Terena, Tenente Coronel Estevão Alves Correa e Tenente Francisco Pereira Mendes confinantes da Aldeia do Ipegue e ausente o Coronel Jozé Alves Correa, digo, Jozé Alves Ribeiro também confinante (...) nenhum dos cidadãos presentes alegou razões contra a medição e demarcação da Aldeia do Ipegue, de que aquele Engenheiro foi encarregado pelo governo Estadual. E declararão ainda que nenhum protesto terão a fazer uma vez que fossem respeitados os limites traçados no terreno para as suas terras na parte em que estas confinão com as pertencentes à Aldeia do Ipegue segundo os documentos que apresentarão. (HORTA BARBOSA, 1905, p. 27, Proc. 0981/82 FUNAI Brasília. Apud, VARGAS, 2003)

Dessa forma, as terras da aldeia Ipegue foram reservadas e reconhecidas pelo estado brasileiro. A imagem abaixo evidencia as relações entre as lideranças Terena e Rondon, como a indicação do próprio registro “Aldeia do Ipégue onde vivem índios Terêna. Os índios costumavam reunir-se com dois capitães ao lado, para receberem a visita de Rondon”.

Figura 1 - Comissão Rondon



Fonte: Fotografia pertencente ao álbum: Comissão Rondon. Linhas Telegráficas estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Photographias de construção, expedições e explorações desde 1900 a 1922. V.1 p.24. BRMI CRIcA1.180. In: <http://base2.museudoindio.gov.br/cgibin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&cipar=phl82.cip&lang=por>

Esse contexto pode ser compreendido como uma reunião de lideranças. Muitas foram às mudanças que ocorreram na aldeia desde então, as reivindicações territoriais ainda continuam, a busca por direitos junto ao Estado brasileiro também.

Segundo Oliveira (1976) as aldeias Bananal e Ipegue eram contíguas próximas ao então povoado de Taunay. Informa ainda que as primeiras informações referentes aos dados censitários englobavam as duas aldeias. Assim:

Em 1918, Bananal-Ipegue, apresentavam o seguinte quadro estatístico: a população masculina, de menos de 10 anos, 137 indivíduos; de onze a vinte anos, 133 indivíduos; de vinte e um a sessenta anos, 103; de mais de sessenta, 35 pessoas; a população feminina de zero a dez anos, 100 pessoas; de onze a vinte anos, 67; de vinte e um a sessenta, 140; de mais de sessenta, 35; dando um total de 750 indivíduos. (OLIVEIRA, 1976, p. 77)

Ainda segundo o autor, o contexto descrito por ele, passou por constantes alterações devidas ao constante transitar dos indígenas entre as aldeias, Cachoerinha e principalmente entre os diferentes núcleos populacionais existentes nas fazendas. Situação que permitiu afirmar que:

Em 1926, iria se registrar na Reserva ou Posto Indígena Taunay (compreendendo Bananal e Ipegue) uma população de 1.330 indivíduos; em

1941, contavam-se 1.800 pessoas; em 1946, descia para 1.379 e, finalmente em 1955, verificar-se-ia mais um decréscimo, 1.060 indivíduos. (OLIVEIRA, 1976, p. 77-78)

Ainda segundo o autor uma possível explicação para as mudanças populacionais ocorridas entre as aldeias Bananal e Ipegue, demonstravam os conflitos político-religiosos em Bananal, como causa da transferência de Terena para outras aldeias da região¹.

Segundo Oliveira (1976) Ipegue possuía um núcleo central de 50 casas, o subposto que era subordinado ao Posto de Taunay. A escola e a Igreja Católica. Segundo o autor:

Na divisa com Bananal, isto é, próximo ao córrego Ipegue, nos limites da Reserva, temos uma concentração de ranchos, cerca de uma dezena, no lugar denominado “Roças”. Do mesmo modo que Cachoeirinha e Bananal, os roçados dos moradores do núcleo central ficam bastante afastados, áreas devidamente cercadas, fugindo assim não só ao gado como também aos porcos e galinhas. (OLIVEIRA, 1976, p. 79-80)

Aqui um ponto central do trabalho a referencia a roça e aos roçados realizados pelos Terena, moradores nas aldeias, pratica comum entre nós. A roça ainda persiste nos dias atuais, mesmo com muitas mudanças, devido ao sistema de plantação, o que mais impactou na roça foi o aumento populacional, pois isso implicou diretamente nas áreas destinadas a roça, cada vez sendo reduzido ainda mais, devido à necessidade de construção de casas, assunto que será abordado um pouco mais adiante no texto.

Atualizando as informações sobre a aldeia Ipegue nela residem cerca de aproximadamente 1.061 indígenas da etnia Terena. Conforme os dados da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) 2019, com 244 pessoas na idade de 0 a 12 anos, 647 pessoas de 13 a 59 anos e 170 pessoas de 60 anos ou mais.

Nas nossas entrevistas com os moradores da aldeia, constava entre as perguntas uma “Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente” apresentando as respostas aqui:

Miguelina da Silva é moradora da aldeia Ipegue, é anciã e xamã, têm conhecimentos em remédios caseiros feitos através de plantas e de ervas, está atualmente com 80 anos de idade:

¹ Sobre a questão religiosa entre os Terena ver os trabalhos desenvolvidos por MOURA (2001) UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993). E MOURA (2009) O processo de terenização do cristianismo na Terra indígena Taunay/Ipegue no século XX. Sobre o crescimento das igrejas dentro da Terra Indígena Pílad Rebuá ver o trabalho de pesquisa desenvolvido por SILVA (2022) As agências Terena nas igrejas cristãs da Aldeia Passarinho: protagonismos e apropriações.

Aldeia Ipegue no passado, antes tinha uma diferença muito grande, o índio Terena aqui na aldeia Ipegue só falava idioma, não falava Português, até meus pais não falavam o Português, e eu já aprendi a falar o Português, hoje em dia às crianças estão desobedientes, às vezes eu falo quanto mais estuda essa gurizada, mas fica teimoso, não obedece mais a mãe, meu filho já acabou já, e era formado, mais ainda obedecia, mas agora acho que eu não iria conseguir mais. (SILVA, 2023, informação verbal)

Quando ela afirma que o “índio Terena aqui na aldeia Ipegue só falava idioma”, se refere ao fato de que só falava na língua Terena, desconhecia a língua Portuguesa, que foi imposta quando do processo de reservamento das terras indígenas e o estabelecimento do posto indígena na aldeia, que implicava diretamente na presença de um não indígena com sua família quando fosse casado, com o objetivo de “civilizar” os indígenas. Quando menciona que as crianças de hoje são teimosas está entendendo também as transformações que ocorreram no cotidiano da aldeia.

Mamédio Antônio é morador da aldeia Ipegue, está atualmente com 76 anos de idade e quando questionado sobre a aldeia Ipegue, afirmou que:

Não tinha esse negócio de ônibus, não tinha nada disso, aí apareceu expresso mato grosso empresa de ônibus, aí foi modernizando nossa aldeia, até hoje nós estamos assim, acabou aquele como era de primeiro, olha a minha matula também era só hihê e lapêpe agora vocês tem pão para comer de manhã, era mandioca assada também, então tudo isso aí a gente passou, hoje nós temos casa de tijolo, não era assim antes era tudo de barroco, agora a gente tem uma casa mais ou menos, não tinha televisão, rádio essas coisas agora já tem, eu vejo as pessoas de carro, de moto, eu ia a Taunay, buscar um pouquinho de cada coisa, a gente ia a pé, chegava 01 hora, 02 horas, tudo isso eu já passei, não tinha rua que tem agora, era trieiro passava aqui e saía lá no bananal, tudo isso aí eu já passei. (ANTÔNIO, 2023, informação verbal)

Mamédio Antônio aponta para as conquistas da aldeia, atualmente temos uma linha de ônibus que percorre a aldeia para a cidade de Aquidauana todos os dias, com o motorista sendo Terena, e o ônibus ficando na residência do motorista, para poder facilitar a chegada e a saída, faz a linha pela manhã de segunda a sexta-feira saindo bem cedo todos os dias geralmente as 05:00 horas manhã porque a distância da viagem até o município a cidade de Aquidauana é bem longa e volta da cidade para a aldeia no caso Ipegue, a partir das 11:30 horas em diante, esse ônibus faz linha em todas as aldeias da região da terra indígena Taunay/Ipegue não apenas na aldeia Ipegue.

No passado era comum alimentar-se com a comida da culinária Terena, entre eles se destacam o hihê que é um bolinho de mandioca, não leva nenhum ingrediente ele apenas é feito de mandioca, sendo ferventado e após isso é encapado com folha de banana, e também temos o lapêpe que é o biju, é redondo e feito através da massa de mandioca, socado para extrair o polvilho dele. Essa era a comida tradicional Terena na aldeia Ipegue, mas hoje nos temos muitas vendas de outros alimentos industrializados,

entre outros, como pães caseiros, em alguns estabelecimentos que são os bulichos locais, pequenos comércios dentro das aldeias que se encontra a venda de pães caseiros, que são feitos pelos próprios indígenas, que fazem a massa do pão e logo pela manhã começam a vender para os moradores saborearem e incluírem no seu café da manhã.

Maurícia Alfredo é moradora da aldeia Ipegue, anciã, xamã que tem conhecimentos em remédios com plantas e ervas, está com 73 anos de idade atualmente. Ela explica as mudanças na aldeia Ipegue, “agora já mudou bastante, no passado não tinha luz na rua, na nossa casa, agora já têm, antes era na lamparina para a gente não ficar no escuro, agora já mudou bastante de como era no passado aqui na aldeia Ipegue”.

Atualmente na aldeia Ipegue, há iluminação em toda a aldeia, todas as ruas possuem lâmpadas, o que no passado era uma realidade mais distante, pois sem a iluminação elétrica utilizavam velas e lamparinas para ter a iluminação dentro de casa, também sem a luz elétrica tinham o costume de dormirem mais cedo hoje isso mudou bastante.

Demétrio Gonçalves é morador da aldeia Ipegue, atualmente está com 73 anos de idade e faz observações muito semelhantes as que já foram mencionadas anteriormente.

Antigamente aqui na aldeia Ipegue era muito diferente de hoje em dia, porque tudo era mais difícil, e hoje as coisas se tornaram mais fáceis, como a locomoção de conseguir chegar à cidade a gente tem mais transportes disponíveis, ônibus que faz a linha, quem tem carro próprio e moto e tem carteira de habilitação, consegue ter mais essa mobilidade até Aquidauana, e no passado era muito difícil porque não tinha luz e também não havia estradas, ruas grandes e largas como tem hoje. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Elcio Flôres é morador da aldeia Ipegue, está com 65 anos de idade:

No passado pelo o que eu lembro as coisas eram bem mais difíceis, não tinha muita condição financeira para poder se transportar, para se locomover, antes era apenas a cavalo que a gente conseguia se locomover em locais mais distantes, ou então de carreta para quem tinha, e hoje a gente consegue observar que muitos têm seu próprio carro, sua própria moto, os meios de transportes são mais acessíveis como ônibus de linha, alguns que fazem uber com o seu próprio carro, e as condições financeiras também são um pouco melhores, conseguem se manter bem para a realidade que encontramos aqui na aldeia, eu acredito que essa seja a grande diferença presenciada aqui além de que têm mais pessoas com acesso a tecnologia, como a internet, a iluminação se têm em toda a aldeia, as ruas hoje são melhores cascalhadas, são mais largas e mais espaçosas, e também hoje aqui na aldeia a gente tem pequenos mercados, então esses bulichos locais ajudam bastante porque a gente vai aqui mesmo para poder comprar os nossos mantimentos, e assim evita muitos gastos de deslocamento até a cidade para fazer as compras semanais e sim vamos fazer as compras do mês, isso que é a diferença da aldeia Ipegue do passado e da aldeia Ipegue do presente. (FLÔRES, 2023, informação verbal)

Gelina da Silva Gonçalves é moradora da aldeia Ipegue, atualmente está com 65 anos de idade:

A aldeia Ipegue no passado, não tinha iluminação, não tinha água encanada, não tinha ônibus para fazer a linha da aldeia até a cidade e hoje já têm, graças a Deus avançou muito então mudou bastante, teve melhorias para que os nossos jovens possam usufruir dessas melhorias, porque a minha idade já foi, mas graças a Deus ele ajudou as nossas crianças, porque também era nosso sonho que as nossas crianças melhorassem, tivessem melhores condições e mais oportunidades na vida, e que pudessem contribuir e que Deus pudesse conceder bênçãos sobre nossa vida aqui nesse lugar, na aldeia Ipegue. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Ivo Paiz é morador da aldeia Ipegue está atualmente com 62 anos de idade:

A aldeia Ipegue no passado era uma paz, havia muita tranquilidade, durante a noite quando escurecia, não tinha energia elétrica, somente lamparina, lampião, fogo no chão, hoje está tudo mudado, a aldeia praticamente tá perdendo seus valores porque estão havendo muitas infiltrações de conhecimentos de fora, muitas questões, muitas coisas e mudou não para melhor ficou muito bagunçado a aldeia, esse é o meu ponto de vista atual. (PAIZ, 2023, informação verbal)

Edil Alfredo é morador da aldeia Ipegue, atualmente está com 60 anos de idade, e nos conta que, “no passado era tudo mais difícil, não era como hoje que já têm energia elétrica, antes a gente só vivia na lamparina, então hoje está tudo mudado, é muito diferente aqui na aldeia hoje, tudo mudou bastante”.

Joaquim de Oliveira é morador da aldeia Ipegue, tem 55 anos de idade atualmente:

Do que eu me recordo é que no passado era melhor, agora do presente assim, difícil, não está quer dizer acho que está melhor ainda, por causa da tecnologia, do estudo, em conseguirem ter mais fácil acesso, essas coisas, antigamente as pessoas não tinham como estudar, porque tinha que trabalhar, era mais difícil, agora está mais fácil. (OLIVEIRA, 2023, informação verbal)

Evaldo Paiz Eloy é morador da aldeia Ipegue, atualmente está com 42 anos de idade:

Em vista do passado de que como era para como é agora, parece que melhorou muita coisa, principalmente com o uso da tecnologia, como a internet, a rede social, mas algumas vezes a gente tem saudade do tempo passado. (ELOY, 2023, informação verbal)

Na escola municipal indígena polo Feliciano Pio que atende atualmente da educação infantil até o 9º ano do ensino fundamental, os professores em sua maioria são indígenas, assim como os funcionários do setor administrativo. Atualmente a alunos do ensino médio que estão estudando no IFMS há o transporte escolar que leva e trás eles, estudam no período da tarde, e vão junto com os acadêmicos da UFMS que tem seus cursos de graduação no período vespertino.

Nos últimos 10 anos houve um grande aumento de inserção dos Terena dentro das universidades, mais pessoas se qualificando, principalmente os que moram na aldeia Ipegue, gerando assim um grande aumento de pessoas que se formaram em universidades na sua maioria públicas mas em menor escala em instituições de ensino privadas dentro do território do estado de MS (Mato Grosso do Sul), e outros foram estudar em outros estados, porém a maior concentração está presente dentro do estado de MS e podemos destacar as principais UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), IFMS (Instituto Federal de Mato Grosso do Sul), UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), entre outras, informações essas que serão exploradas mais adiante. A o transporte acadêmico que leva os estudantes até a universidade atende alunos da UFMS e do IFMS, a grande maioria dos estudantes da aldeia Ipegue estão em cursos de licenciatura e bacharelado nas graduações existentes na UFMS/CPAQ, também há alunos na licenciatura intercultural, e os que já se formaram muitos estão trabalhando nas escolas da região ou na aldeia Ipegue mesmo.

Leonardo Flôres Correia é morador da aldeia Ipegue, está atualmente com 25 anos de idade, ele também trabalha como locutor em uma rádio existente dentro da aldeia Ipegue, a rádio Kopenoty FM Frequência 102, 3.

No passado não tinha iluminação na aldeia, não tinha a energia elétrica, não tinha a tecnologia, como o acesso à internet, e hoje tudo isso já está aqui dentro da aldeia, então isso é a grande diferença da aldeia Ipegue do passado para a aldeia Ipegue do presente. (CORREIA, 2023, informação verbal)

A internet na aldeia Ipegue se expandiu muito nos últimos 05 anos, tendo empresas do município de Aquidauana, oferecendo serviços como à conexão via rádio, satélite e mais recentemente de fibra ótica, porém é mais comum que na maioria das famílias que possuem a conexão com a internet seja a de via rádio, devido ao custo da mensalidade dessa conexão não ser muito caro em comparação as outras, geralmente as casas que ocupam bastante o serviço são de acadêmicos utilizando para poderem estudar. A rádio Kopenoty FM atualmente é a única rádio existente na aldeia Ipegue, sendo uma rádio comunitária, voltada para o atendimento da população em geral, costuma divulgar eventos e noticiar os acontecimentos da aldeia Ipegue.

Adenilson Alfredo Constantino é um jovem morador da aldeia Ipegue está com 24 anos de idade atualmente, dessa maneira ele menciona “a aldeia Ipegue no passado era muito diferente porque não havia ruas e sim apenas um espaço entre o mato para poder passar, não havia iluminação e nem internet, hoje em dia está tudo diferente”.

De maneira geral as falas dos Terena entrevistados sobre a percepção das mudanças na aldeia como na perspectiva positiva das melhorias na infraestrutura, acesso à comunicação e aos transportes, e a preocupação de alguns com as mudanças comportamentais o que seriam conflitos de geração.

Outro ponto que deve ser destacado é em relação à Igreja Católica que é a Capela Cristo Redentor vale destacar que teve seu templo foi construído em 1932. Dessa maneira Flôres (2019) afirma que:

Em 22 de novembro de 1932 foi fundada na Aldeia Ipegue a Igreja Católica Capela Cristo Redentor que, segundo relatos dos anciões da Aldeia Ipegue, foi à primeira igreja implantada nessa aldeia pelos missionários e padres redentoristas, dessa forma iniciou os trabalhos de evangelização sobre os moradores da aldeia. Os padres começaram a levar para o conhecimento dos indígenas os ensinamentos bíblicos, desta forma foram visitando as casas das pessoas e convidando elas para começarem a frequentar a igreja e, assim, foram incentivando as pessoas a criarem grupos na igreja como: grupo das senhoras, dos senhores, dos jovens, das crianças etc. Com os ensinamentos da catequese também enviaram alguns indígenas para a cidade para fazer o curso que era chamado de pelecista, que hoje equivale ao mesmo cargo de ministro. (FLÔRES, 2019, p.23)

A Igreja Católica Capela Cristo Redentor é a construção mais antiga da aldeia Ipegue se tornando um dos patrimônios mais importantes os cultos acontecem nas quartas-feiras e aos domingos, assim como a missa quando o padre se desloca da cidade de Aquidauana e vem até a aldeia Ipegue, para realizar a missa que acontece aos sábados pela manhã. Próximo à igreja há um campo de futebol que existe há muitos anos e têm uma grande importância para os moradores da aldeia Ipegue, porque foi construído na mesma década que a Igreja Católica e recebeu o nome de Campo Cristo Redentor, e no final de todos os anos no mês de Dezembro acontece o campeonato indígena de futebol entre os times locais da aldeia Ipegue, onde esse campeonato é disputado o mês inteiro e promove lazer e esporte para os moradores da aldeia Ipegue e para os visitantes de aldeias vizinhas.

A expansão religiosa na aldeia Ipegue resultou na divisão entre católicos e evangélicos, assim houve o aumento muito grande de igrejas evangélicas nos últimos 08 anos até os dias atuais, são várias igrejas evangélicas que fazem parte da aldeia Ipegue, entre elas constam: a Igreja Evangélica Presbiteriana Conservadora Indígena, Igreja Evangélica Pentecostal Caminhando Com Cristo Ministério Evangélico, Igreja Evangélica Unidas Indígena, Igreja Evangélica Missionária Eliaquim, Igreja Evangélica Caminhando Com Cristo, Igreja Evangélica Missionária Indígena, Igreja Evangélica Pentecostal Unidas Indígena, Igreja Evangélica Pentecostal Renovada

Independente Indígena, Igreja Evangélica Filadélfia Indígena Independente, todas essas igrejas tem como responsável pela congregação delas, pastores indígenas Terena da aldeia Ipegue, e os dias de culto variam de acordo com o que segue cada congregação, assim pode ocorrer as sextas-feiras, sábados e domingos, como também pegar algum outro dia da semana, mas geralmente é mais comum os cultos serem aos sábados e aos domingos.

Mesmo com esse número grande de igrejas na aldeia, ainda temos os praticantes da pajelança como os anciões se referem às práticas dos curandeiros, benzedores, que durante muitos anos era considerada a religião indígena pela maioria da população em Ipegue, mas como consta atualmente está dividida entre católicos e evangélicos.

No que se refere à saúde, há muitas dificuldades que são enfrentadas, embora em 2019, passou a funcionar um novo posto de saúde local mais amplo e com mais espaço para atendimento as pessoas, ainda que a situação da falta de medicamentos e de equipamentos continue a mesma, porém o espaço é maior para serem feitos os atendimentos.

1.1 – A roça e a aldeia Ipegue

Na aldeia Ipegue ainda existem famílias que são praticantes das roças, ainda que seja no quintal de suas próprias residências, dentre as muitas questões que envolvem a diminuição das roças, como a falta de terras, constam também o trabalho remunerado, sendo ele realizado de varias formas, com professores assalariados que são concursados e são residentes da aldeia Ipegue, demais funções administrativas nas escolas, assim como pessoas que trabalham como técnicos, enfermeiros, aposentados. Para além dessas atividades constam como complementação de renda para algumas famílias indígenas que participam de programas do governo federal, como bolsa família, e estudantes que são bolsistas nas universidades no município de Aquidauana. Bolsa essa que ajuda os acadêmicos indígenas a permanecerem nas universidades, também há o transporte público para os alunos e para os professores, além das linhas de ônibus para o deslocamento da população até o município.

Desse tratado sobre a economia e as fontes de renda existente na aldeia Ipegue, Flôres (2017) destaca que:

Sua economia está concentrada nas vendas de produtos agrícolas, em pequenas criações de gado, em alguns pontos de venda de alimentos, em benefícios sociais como aposentadoria e bolsa família e nos poucos servidores públicos que trabalham na escola e no posto de saúde. Sofre também com a falta de empregos e tem um grande número de moradores

que se mudaram para as cidades em busca de sustento para a sua família e de outras oportunidades de emprego, visto que muitos deles sempre trabalharam no corte de cana-de-açúcar e nas roças de plantio de eucalipto e que hoje já não contratam mais os indígenas para esse trabalho. (FLÔRES, 2017, p.07)

Aqui para podermos entender melhor as fontes de renda iremos recorrer às respostas das perguntas realizadas para todos os participantes da pesquisa², destacando para esse texto a pergunta referente à fonte de renda de cada um deles assim: “existe outra fonte de renda? qual sua fonte de renda principal?”.

Miguelina da Silva com a idade de 80 anos,

Antigamente era a vivência da roça que nos mantinha, conseguia ter uma boa venda da roça, então o dinheiro que a gente conseguia ganhar dava para comprar roupa, mas hoje não dá mais para viver da roça, e como ninguém planta mais então isso dificultou bastante. (SILVA, 2023, informação verbal)

Mamédio Antônio com 76 anos de idade, “hoje a gente tem a aposentadoria, então esse dinheiro nos ajuda, mas sempre que dá a gente planta alguma coisa lá na roça para que depois a gente possa comer”.

Maurícia Alfredo com 73 anos de idade,

Hoje nos estamos aposentado, eu consegui me aposentar, então consegui essa renda, esse velho, o meu esposo, ainda carpe, então se tem mandioca a gente mistura, arroz a gente tem que comprar, não mais como já foi hoje a gente espera o dinheiro que vem da nossa aposentadoria, eu não aguento mais carpir agora, a gente tem mandioca na nossa roça, mas agora plantar assim feijão, milho, acabou não é mais como antes, não tenho mais força de fazer roça, mas temos um pouco ainda na roça de plantação que a gente consegue plantar e depois colhemos para a gente comer, como mandioca. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

Demétrio Gonçalves com 73 anos de idade,

A roça é muito boa, mas, além disso, nos tivemos criações, nos estávamos criando e até hoje vivemos na criação, porque a nossa esperança está no estudo de nossos filhos, dar a eles o incentivo para que consigam uma boa formação e hoje em dia o que segura eles no emprego é o concurso público. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Elcio Flôres com 65 anos de idade,

Sim agora existe porque hoje eu sou aposentado, antes não era, e sim era apenas pelo trabalho realizado na roça, na lavoura, então essa renda é a principal a da minha aposentadoria isso nos ajuda a manter a alimentação e o sustento de casa. (FLÔRES, 2023, informação verbal)

Gelina da Silva Gonçalves com 65 anos de idade, “A gente tem que se virar por aí, têm que procurar criar, caçar emprego, muitos têm que sair daqui para poderem fazer changas, para conseguir sobreviver”.

Ivo Paiz com 62 anos de idade,

² Ver roteiro de perguntas que consta nos anexos da pesquisa.

Praticamente na aldeia a fonte de renda é mais na questão da aposentadoria, porque antigamente o pessoal trabalhava muito nas fazendas, hoje as fazendas já não oferecem trabalho então praticamente mais depende disso e a saída, para a colheita da maçã, e outros meios que encontram para poder entrar um valor para a família. (PAIZ, 2023, informação verbal)

Edil Alfredo com 60 anos de idade, “eu não tenho fonte de renda ainda não, porque eu não aposentei ainda, eu vivo de roça e minha família só a minha esposa que é aposentada e me ajuda a conseguir manter a minha roça”.

Joaquim de Oliveira com 55 anos de idade, “bom a minha forma de renda de hoje é de 1.200 reais por mês, e a minha profissão atualmente é de servente florestal, mas eu quando consigo trabalho na minha roça”.

Evaldo Paes Eloy com 42 anos de idade,

Existe sim forma de renda, para quem quiser ficar assim na lavoura, na roça, agora quem quiser sair pra fora para trabalhar também têm, porque hoje em dia lá as portas se abrem para nos que somos indígenas hoje agora, então se o índio quiser buscar alguma oportunidade de emprego e for viável para ele conseguir trabalhar lá ele consegue sim, e a minha principal fonte de renda que eu gosto de viver e trabalho também é como ajudante de pedreiro, na função de servente, engenharia vamos dizer assim, na construção. (ELOY, 2023, informação verbal)

Leonardo Flôres Correa com 25 anos de idade,

A outra fonte de renda que nos ajuda aqui dentro da aldeia Ipegue é o bolsa família, que nos ajuda bastante, com essa renda fixa mensal e é um dinheiro que ajuda a gente e serve para poder pagar as nossas contas do mês, e eu não tenho outra fonte de renda apenas é através da roça mesmo. (CORREIA, 2023, informação verbal)

Adenilson Alfredo Constantino com 24 anos de idade, “a minha fonte de renda principal é através do trabalho na roça mesmo, então eu sobrevivo através das minhas plantações e da venda desses alimentos aqui na aldeia Ipegue”.

Nesse sentido podemos notar que as fontes de renda giram em torno de cada meio que buscam para poderem se manter como do trabalho realizado na roça e também outras maneiras que formam um complemento da renda.

Aqui iremos destacar outro ponto muito importante que é a relação Terena, terra e roça, ela é expressa na forma da importância que os indígenas estabelecem sobre esses elementos, a maneira como os alimentos são plantados para nutrir os corpos dos Terena, dessa forma aponta Xakriabá (2018, p.71) “[...] A cultura alimenta a alma, a agricultura alimenta o corpo, a comunidade alimenta a vida bem vivida [...]”, tendo a terra como elemento sempre presente sendo fundamental para o processo de cultivos dos alimentos que os indígenas plantam e consomem em maior escala como exemplo a mandioca e o feijão verde, nesse sentido Vieira (2004), aponta que:

A relação com a terra é expressa pelas lideranças como sentimento, paixão e mãe. Argemiro Turíbio, membro da comunidade de Cachoeirinha e atual chefe de posto da Funai: “a nossa luta demonstra o nosso sentimento em relação a nossa terra”. Locídio Polidoro, presidente da Associação de Moradores de Campo Grande: “nela (a terra) nascemos e nela iremos descansar”. Ou, ainda, como definiu o ex-cacique Sabino Albuquerque: “minha paixão é a terra”. Para o cacique da aldeia Lagoinha, Ramão Vieira, A terra é nossa vida, nosso espírito. A terra é nossa mãe, sem a terra é impossível sobreviver. A comida, moradia e futuro de nossos filhos. A terra está apertada, não tem lugar para fazer roça. A terra está com os fazendeiros. Na Constituição Federal, o direito é nosso. O fazendeiro vai botar medo, mas não vai matar. Muitas vezes fica com aquele medo dentro de nós. Esse motivo que fez a gente viesse, os caciques. Falta Izidoro, o início é assim mesmo. Temos que lutar pensando mais tarde, filhos, netos e bisnetos. (VIEIRA, 2004, p.66)

A importância e o significado que a roça tem para os indígenas e que para os agricultores Terena, por já virem desenvolvendo essa atividade/trabalho desde quando são crianças, como no caso os anciões tornando-se assim a roça um elemento cultural, é uma marca que vai se desenvolvendo ao longo da vida, dessa maneira torna-se um saber tradicional, uma prática cultural, sendo muito forte esse simbolismo e caracterizando a importância da roça para os indígenas, em especial para os Terena.

Assim recorremos a um de nossos entrevistados para poder situar o significado da palavra roça para os indígenas Terena moradores da aldeia Ipegue, dessa maneira Elcio Flôres com a idade de 65 anos, nos explica que:

Roça para nós indígenas significa um local, que a gente pega os alimentos para a nossa família, isso já vêm desde os nossos antepassados, que antigamente o pessoal plantava e até hoje a gente pega o que a gente pode comer, como exemplo feijão miúdo, feijão carioquinha, arroz, banana, cana-de-açúcar, mandioca e varias outras coisas, que a gente planta para sustentar a nossa família, isso que a gente vê desde os nossos avós, até hoje a roça significa um mercado, porque é através dela que nos iremos buscar o nosso sustento, lá que a gente vai buscar as mercadorias, então por isso que jamais nos iremos abrir mão de termos uma roça na nossa comunidade. (FLÔRES, 2023, informação verbal)

A valorização da roça enquanto pertencente a uma aldeia indígena passa por uma tradição local, que vai sendo mantida conforme vão surgindo novas gerações, percebe-se que a roça ela ajuda a marcar a identidade do indígena Terena, isso se faz presente e é uma característica marcante na aldeia Ipegue.

A relação que o indígena tem com a natureza com o meio ambiente faz parte de um processo, a forma como é tratada, para que possam conseguir ter uma boa plantação dentro da roça, ter uma boa sintonia, estar em constante relação de harmonia com a natureza, dessa forma o pesquisador indígena Anastácio Peralta (2022) afirma que:

Assim, as cosmovisões indígenas devem ser consideradas no contexto dos seus valores culturais e conhecimentos ambientais. Desse modo, cada povo indígena possui sua própria cosmovisão, que por sua vez se relaciona com o

contexto específico em que cada povo está inserido, de forma que os aspectos territoriais e ecológicos influenciam na visão de mundo. A cosmovisão dos povos indígenas rejeita a separação entre o humano e a natureza, no que muito se diferencia da cosmovisão ocidental. Para nós indígenas, não somos separados da natureza, fazemos parte dela, ou, melhor ainda, somos a própria natureza. Essa filosofia faz com que nos aproximemos do mundo ao redor com cuidado e respeito, pois se ferirmos a natureza feriremos a nós mesmos. Para os não indígenas, a natureza está a serviço do ser humano, por isso eles estão explorando as riquezas infinitamente. Para nós indígenas, o ser humano é a natureza, estamos interconectados em uma única teia da vida, ambos se cuidando. A natureza, para nós, é um ser vivo que deve ser admirado, cuidado e amado. E da mesma forma que não separamos humanos da natureza, não separamos natureza da cultura, assim como fazem os não indígenas. (PERALTA, 2022, p.28-29)

Essa ligação indígena e natureza ela acontece de uma forma natural, porque se trata do respeito, da preservação e da valorização do local, nos últimos anos houve o aumento do desmatado no meio ambiente e principalmente em áreas indígenas com maior intensidade, porém os povos indígenas buscam uma maneira de conseguir manter a preservação local.

Vale destacar aqui um ponto importante que é a dos não indígenas e a maneira como eles analisam os moradores da aldeia Ipegue, fazendo assim o seu próprio retrato da aldeia Ipegue, com todas as suas características, como nos últimos 10 anos houve o aumento do número elevado de estudantes indígenas presentes nas universidades pelo Brasil, aqui no estado de Mato Grosso do Sul gerou um número considerável de acadêmicos indígenas, isso fez com que houvesse outra percepção sobre os indígenas pelos não indígenas, assim tirou-se um pouco a visão de que os indígenas são preguiçosos, dentre outros adjetivos que nos eram atribuídos, criando dessa maneira um estereótipo sobre os indígenas, não sendo diferente com os Terena da aldeia Ipegue, mas com esse aumento de acadêmicos indígenas nas universidades acredito que pode se observar que os indígenas são muito capazes de conquistar seus objetivos, e são tão estudiosos quanto os não indígenas, dentre outros fatores, assim para corroborar com as afirmações mencionadas e demonstrar outras situações acerca do contato e das relações dos Terena com a sociedade em geral, Fialho (2010) afirma que:

O povo Terena desde a sua saída do “Exiva” sempre manteve contato com a sociedade nacional, até os dias de hoje. A comunidade Terena da Aldeia Ipegue permite-nos observar uma peculiaridade especial: esta comunidade apresenta, através dos moradores, uma intensa mobilidade entre aldeia e cidades. Nesta mobilidade os historiadores afirmam a presença de famílias indígenas instaladas na área urbana e suburbana vivendo como cidadinas. Esses indígenas possuem suas famílias na aldeia de origem, como é o caso da Aldeia Ipegue, trazendo para a aldeia um novo jeito de viver, os costumes da sociedade nacional, em particular, a língua portuguesa. Durante a instalação das fazendas de gado, nas proximidades da Aldeia Ipegue, os indígenas serviram de mão-de-obra para atender os interesses dos fazendeiros. São

aspectos que devem ser considerados pelo intenso contato com a sociedade envolvente tornando-se mais uma agência de mudança da cultura e imposição de novos costumes. O trabalho feminino na cidade é outro fator que deve ser considerado, já que traz costumes da sociedade regional para a educação dos filhos, principalmente, usando a língua portuguesa que se exige para a sua comunicação diária, e quando retorna a sua aldeia já vem com hábitos e culturas modificados. (FIALHO, 2010, p. 34)

A autora menciona na citação acima como destaque o trabalho feminino que é exercido nas cidades, as profissões mais comuns que essas mulheres sejam solteiras ou casadas exercem é o trabalho como doméstica nas casas seja em condomínios, hotéis, etc.

Toda essa relação de cotidiano e de percepções seja pelos indígenas Terena e pelos não indígenas, permite observar as mais variadas características que compõe tornando-se presente no dia a dia de uma aldeia.

1.2 – A construção de casas em terras antes destinadas para a construção de roças

O processo que resultou na restrição de áreas denominadas e marcadas dentro da aldeia Ipegue para a construção de roças, que passou a ter menos espaços e um dos fatores que teve um peso enorme para que isso ocorresse foi à construção de casas em terras antes destinadas para que fosse realizado o plantio de alimentos nas roças e a consequência essa foi gerada pelo aumento populacional, nesse sentido afirma Fialho (2019, p.21), “Os Terena, são conhecidos como excelentes agricultores, mas, conforme foi aumentando o número de pessoas nas aldeias, o espaço para o plantio foi diminuindo e a terra foi cansando [...]”. Então esse espaço das roças sendo destinada a construção de casas, gerou marcações dentro da própria aldeia como a área da roça sendo dividida e marcada com arames sejam farpados ou lisos.

As dificuldades e desafios encontrados para que uma família possa conseguir fazer a manutenção da roça, passa pela falta de recursos financeiros, com o ritmo cada vez mais alto que o capitalismo impõe como a necessidade de se viver de uma maneira mais confortável e adquirir bens materiais, sendo usados para o consumo que não são luxos e sim necessidade, ao ser colocado numa balança o que vai pesar mais se é a manutenção e a melhoria colocando o seu investimento do seu próprio recurso financeiro para a área da roça ou então investir esse dinheiro em outra ação, nisso é que se tem caracterizado a relação roça e casa, com o aumento populacional fez com que uma família que tem terras e muitos filhos, faça a doação desse terreno assim o filho ou filha ao se casar constrói no local a sua residência.

O desafio do aumento populacional tem um impacto diretamente com a questão territorial com as roças e também com o espaço de vida que cada família ocupa bem como a distribuição de terras presentes na aldeia Ipegue, a doação de terras é feito pelo pai ou pela mãe que é responsável pelo lote de terra, então se tornou mais comum ter a construção de casas em áreas que na maioria das vezes eram destinadas as roças, e na maioria das vezes terrenos bem espaçosos, assim as roças passaram a sofrer marcações menores no redor tornando-se comum ter casas e no mesmo terreno ter alguma plantação.

Ao longo do tempo os limites territoriais foram ficando cada vez menor, uma vez que as cercas das fazendas aumentavam para dentro das áreas indígenas. Essa situação gerou alguns pontos que podemos destacar como: o fato de muitas vezes não haver uma expansão comercial, a diminuição dos produtos produzidos nas roças, que eram enormes e hoje em dia se reduziram a pequenos espaços dentro da comunidade, isso se deve a questão da redução do tamanho do espaço ocupado pelas aldeias indígenas, consequência da construção de casas nesses espaços antes ocupadas para a construção das roças, sobre esses aspectos Radica (2011), menciona que:

O Povo Terena, assim como todas as populações indígenas sofreram drasticamente com a situação de confinamento que lhes foram impostas através da criação das reservas indígenas. Em 1918, o SPI instalou seu primeiro posto indígena Terena na aldeia Cachoeirinha. Seu objetivo inicial era de fornecer uma “proteção” pregada por Rondon, que rapidamente transformou-se em imposição política baseada numa estrutura de poder colonialista. A imobilização interna de força de trabalho pelos encarregados do posto indígena era uma maneira de torná-la disponível ao mercado externo e de confiná-la aos limites da reserva. Não sendo o suficiente, partiram para a perseguição e opressão. Entretanto, os Terena continuavam a desrespeitar a restrição do seu território, pois pescavam e caçavam em áreas vizinhas que consideravam suas. Dessa maneira, combinando a exploração de terrenos vizinhos e com o êxodo urbano controlado, conseguiram o equilíbrio sócio-econômico dentro das reservas. Mas, a partir de 1980, a situação mudou. Devido aos limites de produtividade advindos de uma maior consistência da demarcação da reserva e a consequente incapacidade de ter uma nova área de lavoura para um jovem recém-casado que traria mais membros para a população indígena. Assim, os Terena passaram a ter elevadas taxas de ocupação e de migração. Revelando que a condição de reserva não propiciou uma produção que fosse capaz de gerar renda e subsistência para o povo indígena. (RADICA, 2011, p.18)

Podemos notar que ao mesmo tempo em que as aldeias indígenas são atuantes como um espaço único, uma localidade tranquila para morarem, também a população notou que precisava de espaço para conseguir adquirir uma qualidade melhor de vida. Novas discussões acerca dos direitos indígenas foram retomadas, ampliando as

discussões sobre saúde e educação principalmente. Essas discussões sempre terminavam na questão territorial, princípio de tudo para os Terena, o seu território.

Para poder tratar sobre a questão territorial podemos mencionar o artigo 231 da Constituição Federal onde menciona que:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. § 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios às terras por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. § 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes [...]. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988, n.p.)

Assim podemos perceber que através do artigo 231 da Constituição Federal, assegurando os direitos originários das terras para os povos indígenas.

Novamente recorremos às perguntas realizadas para os participantes da pesquisa, nesse sentido destacando a questão referente às retomadas indígenas, como segue: “observa o movimento das retomadas em relação às roças” apresentando aqui as respostas:

Miguelina da Silva “Na retomada não tem roça não, o povo só quer criar gado, aí não dá nada, só na base da grana, então não tem se tiver é só um pouquinho, então eu acho que eles não mexem com roça”.

Mamédio Antônio “Eu acho que como eu posso dizer a retomada, eles têm roças, mas é do jeito deles, eles têm o pedaço de terra deles para eles plantar, mas eles hoje em dia mexem mais com criação de gado”.

Maurícia Alfredo,

A gente aqui na aldeia tentou manter as nossas plantações e quando tem trator ajuda a limpar mais a terra, porque quando tá muito sujo não dá para plantar, agora sobre as retomadas não sei muito porque eu não vou lá, então não sei dizer se eles mexem mais com a roça ou se mexem mais com a criação de gado. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

Demétrio Gonçalves,

Na retomada está boa, porque os que têm roça na retomada, está tudo bem, apenas os bichos existentes no mato, eles prejudicam muito a roça, dessa maneira tem que estar cuidando, tem que estar lá sempre para não poder prejudicar muito na roça. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Elcio Flôres “A retomada é um começo, porém é necessário que haja apoio por parte do governo, um projeto que faça alavancar esse sistema de trabalho na agricultura, porque falta ter mais apoio do governo federal”.

Gelina da Silva Gonçalves,

As retomadas, as pessoas que moram lá elas estão sempre trabalhando, sempre buscando melhorias, cada um tem o seu objetivo, mas eu acho que têm que procurar melhorar as retomadas, eles plantam também, mas como tem os animais que vem do mato, os predadores então sempre ali para prejudicar as plantações, porque eles comem o que é plantado, porém a gente sabe que é para a sobrevivência deles também, têm a criação de gados nessas retomadas então buscam investir nisso também. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Ivo Paiz,

Hoje as questões que envolvem as retomadas elas favorecem muito a questão de espaço, para que você consiga trabalhar com o solo, porque antes nós não tínhamos mais espaços para poder fazer tudo isso e hoje estão sobrando faltam apenas condições financeiras, para você poder mexer com a lavoura e poder tirar o lucro suficiente para o seu sustento. (PAIZ, 2023, informação verbal)

Edil Alfredo,

Eu não tenho muito que falar o que explicar, porque não conheço muito sobre o ambiente por lá, mas o que eu sei e observo é que as pessoas de lá querem é mais mexer na criação de gado, eles não ligam para a lavoura não, nós que moramos aqui na aldeia temos um pedaço de terra a gente planta. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

Joaquim de Oliveira,

Eu acho que quem mora na retomada é difícil de ajudar as pessoas, porque eles só veem para o lado deles, o que é melhor para eles, e não o lado da comunidade, e eles praticam mais a criação de gado do que o trabalho na roça, do que construir roças de fato. (OLIVEIRA, 2023, informação verbal)

Evaldo Paes Eloy,

Eu acredito que na retomada eles estão lá mais para praticar a criação de gado, porque dá roça mesmo eles esquecem, sendo que eles têm maquinários nas mãos, mas e para usar esses maquinários, então eles usam muita burocracia também no sentido de ter que pagar fazer tal coisa, então eles estão vendo mais para o benefício deles, para o benefício próprio, sem analisar o que a população tanto da aldeia quanto da retomada mesmo precisa e necessita, porque precisa sim construir roça, mas não levam isso em consideração e para mim a justificativa de ter terras na retomada para ter mais roças não existe na prática de fato e sim está só no papel mesmo, só na fala mesmo, mas na prática é diferente. (ELOY, 2023, informação verbal)

Leonardo Flôres Correia “As retomadas elas também têm suas plantações, têm suas roças, e lá é uma terra boa para poder plantar, é uma terra nova para conseguir obter uma boa plantação”.

Adenilson Alfredo Constantino,

Observo que faltam mais plantações nas roças que existem nas retomadas, e também o interesse em se construir mais roças nas retomadas, porque eles mexem bem mais com a criação de gado e não muito com a construção de roças, ou então em ter mais plantações nas roças que existem nas retomadas, principalmente as que são próximas aqui da aldeia Ipegue, então para mim seria mais interessante ter mais roças presentes nas localidades das retomadas. (CONSTANTINO, 2023, informação verbal)

Através das respostas coletas por meio das entrevistas com os participantes da pesquisa, percebe-se que existe um conflito com relação às atividades das roças nas áreas das retomadas, para alguns a prática é realizada, para outros não, quando apontam para uma nova modalidade que é a criação de gado, em fim não existe consenso sobre as práticas das roças.

1.3 – As profissões existentes na aldeia Ipegue dentro dos setores públicos e as outras profissões existentes

A presença de órgãos públicos na aldeia Ipegue, na qual se destacam a escola municipal indígena polo Feliciano Pio e o posto de saúde, foram reivindicações da comunidade Terena, a princípio os trabalhadores eram profissionais que se deslocavam da cidade de Aquidauana, entre eles professores e professoras, enfermeiros e demais agentes necessários para os trabalhos, atualmente esse quadro mudou. Muitos profissionais são Terena, professores formados nas universidades principalmente na UFMS, pelo campus de Aquidauana, mas também em outros campi da instituição, como na UEMS, UFGD, UCDB entre outras, possibilitam que os cargos públicos que antes eram ocupados exclusivamente por não indígenas, sejam agora ocupados por Terena, professores, diretores de escolas, coordenadores pedagógicos, técnicos administrativos, enfermeiros entre outros.

As aldeias indígenas passam por constantes transformações, uma vez que, a cultura é dinâmica. Um grande número de estudantes indígenas chega às universidades todos os anos, realidade cada vez mais comum aos indígenas no Brasil. Por meio do acesso e permanência nas universidades federais mediante a bolsa indígena ou bolsa MEC, as possibilidades se multiplicaram. Permitindo que o considerável número de diferentes profissionais possa retornar para as suas comunidades e trabalhar nelas.

Essa pode ser uma das explicações que nos últimos 10 anos passaram a haver mais profissionais indígenas inseridos em órgãos públicos dentro das aldeias, na aldeia Ipegue destacamos a escola e o posto de saúde, isso ocorreu, devido a um interesse maior dos jovens, que com o incentivo dos pais para buscar uma formação acadêmica e

para que voltassem até a sua comunidade e exercer sua profissão, e ainda demonstrar o seu conhecimento, para contribuir com o crescimento local, não só em aspectos financeiros, mas também de certa forma intelectualmente, mas obviamente que o aspecto financeiro tem um peso maior devido que as condições atuais conforme o padrão de vida sobe um pouco, quando se consegue um salário maior do que tinha, como no planejamento da reforma da casa ou em querer adquirir um automóvel, requer que tenha um salário que seja expressivo, para poder manter em dia o pagamento das contas já existentes, como alimentação entre outros, e caso consiga uma dessas duas conquistas mencionadas acima, requer que tenha um bom salário fixo, assim há um peso bastante expressivo o aspecto financeiro principalmente nos dias atuais, não só no ambiente da aldeia, mas também no ambiente da sociedade em geral, onde a grande parte que fornece a mercadoria para a alimentação dos indígenas se concentra nos supermercados da cidade, então é preciso também se adaptar aos padrões da cidade.

São a partir dessas inserções em cursos que se podem aprender novos conceitos, novos costumes, novos hábitos, de uma maneira geral há uma mudança de comportamento, da mesma forma quando os trabalhadores indígenas saíram para ir trabalhar pra fora de sua respectiva aldeia e a partir desse movimento passaram a ter um convívio diferente, uma rotina diferente e tentar passar isso para as pessoas que estavam próximas ao seu redor, da mesma maneira ocorre quando esses estudantes entram em um ambiente novo que têm uma complexidade maior. Como Afirma Athayde (2010):

Para muitos universitários indígenas, a escolarização representa vivenciar novos meios de interação escolar, mas também pode ser que não atenda às suas necessidades, o que os faz, em alguns casos, serem discriminados e oprimidos, por meio de processos de classificação, policiamento, dentre outros. (ATHAYDE, 2010, p.84)

No momento atual na escola municipal indígena polo Feliciano Pio da aldeia Ipegue conta com cerca de 90% dos professores que são indígenas, realidade também presente em escolas estaduais como é o caso da escola estadual indígena de ensino médio Professor Domingos Veríssimo Marcos – MIHIN, localizada na aldeia Bananal, onde há muitos professores atuando em diversas disciplinas, como Língua Portuguesa, História, Matemática, Geografia, entre outros, isso ocorreu devido a cotas indígenas em maior número nas universidades públicas e também a programas como o PROLIND (Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas) que formaram vários professores indígenas em diversas áreas de ensino e que muitos destes estão atuando em escolas indígenas da região Taunay/Ipegue. Assim como também

alguns que conseguiram bolsa de estudo em instituições privadas, para permanecerem nessas localidades até conquistarem a conclusão de suas respectivas graduações, a exemplo da UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), porém as dificuldades são enormes para conseguirem permanecer tendo muitas vezes que morar nas cidades, onde estão cursando o ensino superior e contam com a ajuda de seus familiares, para que possam conseguir se manter, porque o custo de vida na cidade é muito alto. Mas através da universidade os indígenas podem ter a oportunidade de adquirir novos conhecimentos assim como trocar experiências de vida. Como menciona Athayde (2010):

As experiências adquiridas pelos indígenas acadêmicos confirma que sua estada na universidade, por meio das cotas, alimenta seus sonhos para propiciar melhores condições de vida e autonomia dos povos indígenas. No entanto, isso significou inseri-los em uma instituição, que não só lhes é estranha, mas que em alguns momentos, desconsidera suas especificidades e seus saberes. (ATHAYDE, 2010, p.92)

Outro fator que podemos destacar é que esses estudantes indígenas após concluírem a sua graduação no ensino superior ao voltarem para as suas respectivas aldeias além de atuarem na sua área de formação, também atuam em prol de conseguir melhorias e muitos destes se envolvem na política para se tornarem representantes do conselho tribal que há na aldeia, então participam de reuniões que a liderança promove, e buscam ajudar com o seu conhecimento adquirido ao longo dos anos em seu curso de graduação. Também há os profissionais que se qualificaram e se qualificam para serem enfermeiros e atuarem dentro da aldeia, porém não são muitos que conseguem concluir o curso de técnico de enfermagem e os que conseguem concluir demoram conseguir se encaixar para poderem trabalhar em um posto de saúde local, porque a interferência política é muito grande em todas as aldeias indígenas e por esses setores serem praticamente os únicos dentro de uma aldeia que oferecem emprego fixo são os que mais recebem atenção e interferência política, principalmente no que se refere à indicação para ocupar um cargo e conseguir uma vaga de emprego, assim como na maioria das aldeias os professores que ocupam os cargos para poderem atuar precisam de apoio para poder ser indicados, os agentes de saúde também são indicações feitas pelo cacique durante o tempo em que dura o seu mandato.

Mas mesmo com essa situação o interesse das pessoas em prosseguir os estudos aumentou, porque através do conhecimento poderiam adquirir novos objetivos, buscar novos alcances, os mais jovens ao receberem o apoio e o incentivo por parte de seus pais que embora não tenham tido a oportunidade de prosseguir com seus estudos,

devido às dificuldades que encontravam para estudar, que eram muito maiores que as de hoje, sempre incentivam os seus filhos a frequentarem as escolas e irem à busca de uma graduação nas universidades, e isso tem sido correspondido por parte desses estudantes mais novos, que ao receberem esse apoio e incentivo se sente encorajados a buscarem por um novo desafio e o sonho de conseguir cursar e concluir uma graduação, porque em muitas famílias é normal que seja a primeira pessoa a cursar uma graduação e a conseguir a conclusão e ter o seu diploma de ensino superior.

Outro ponto que aqui será destacado é em relação à política indígena onde a figura do cacique é o posto mais alto dentro da aldeia, ele fica responsável por fazer escolhas que serão úteis para a aldeia, como negociações políticas, ligados à saúde, educação, entre outros. Tem autonomia para rejeitar ou aceitar algumas propostas que não venham trazer benefícios para as pessoas e sim muitas vezes para benefícios próprios dele ou de terceiros, também é bem visto em relação ao seu posicionamento político como em fazer o seu apoio a um candidato indígena, como um cargo para vereador ou decidir não apoiar e sim apoiar uma candidato não indígena, fato esse que vem se tornando rotineiro nos últimos pleitos eleitorais municipais, têm uma influencia enorme o seu posicionamento no resultado final. Como explica Flôres (2017):

O posto de cacique é tão importante dentro da comunidade indígena do Ipegue que ao ser eleito ou ser indicado pelos habitantes da aldeia, ele ganha respeito, credibilidade, autonomia e admiração. A comunidade começa a viver segundo as orientações dele e todas as dúvidas são sanadas com o mesmo. É com ele e com a liderança Tribal que todas as benfeitorias, projetos e metas são tratados. Tudo que chega de fora recebe atenção e são avaliadas em reuniões para se chegar a uma decisão. (FLÔRES, 2017, p.12)

Além disso, o indígena que consegue o cargo de cacique tem deveres perante a comunidade, como zelar pelo bem estar de todos que ali residem independentemente de terem votado ao seu favor ou contra, o cargo também exige que tome as melhores decisões possíveis, tenha um bom diálogo com os representantes não indígenas, como prefeito, vereador, entre outros.

Garantir o bem estar de todos passa por questões como a organização social, como saúde, educação, cultura, comércio, etc. Outro ponto é que o cacique tem que ter confiança na sua liderança tribal para que assim não haja desconfiança em relação às decisões como indicações a cargos para trabalhar na escola ou no posto de saúde, cabe a ele consultar seus companheiros para poder tomar uma decisão conjunta e escolherem o melhor nome possível para uma indicação, para Baltazar (2010, p.80), “O cacique deve

informar a pauta da reunião aos conselheiros tribais, e quando isto não acontece, sua função pode ficar comprometida, correndo o risco de até ser destituído do cargo [...]”.

Outro ponto da política indígena é a sua relação com o prefeito do município, onde há questões como ter ou não o seu apoio. Dessa forma pode ter uma negociação onde possam chegar ao mesmo acordo, terem uma boa relação tanto política quanto pessoal, por outro lado como o prefeito ele pode dividir a comunidade caso seus interesses não estejam voltados para os princípios que zelam o cacique e sua liderança, neste caso a uma divisão começando a partir das indicações que são feitas perante os órgãos públicos presentes na aldeia, mas mesmo assim se os representantes mantiverem firmes em suas decisões feitas em conjunto não serão muito abalados, não havendo a desestruturação da sua equipe local.

Sobre a saúde indígena, que não só na aldeia Ipegue, mas em todas as outras aldeias está em uma situação precária, quase não há atendimento médico, devido muitas vezes à falta de automóveis para poder deslocar os profissionais da cidade até a aldeia, como médico, dentista, psicólogo, entre outros, e apesar de haver um número elevado de agentes de saúde, mesmo tendo sido construído um espaço maior para que pudessem obter os atendimentos com uma qualidade melhor, ainda assim ocorre a falta de aparelhos adequados, e ter mais profissionais que estejam de fato preparados para poderem manusear esses equipamentos.

A consolidação de fatores como a educação, a saúde, a infraestrutura são necessárias nas aldeias, porém deve-se observar e se atentar ao fato de que devem ser aplicadas com uma eficiência. Assim na aldeia Ipegue houve algumas conquistas significativas nos últimos anos como uma organização melhor na sua forma de política existente, visto que sem uma boa conduta não se poderiam conseguir benefícios para a aldeia, além disso, os espaços públicos foram de fato ocupados pelos próprios indígenas, antes eram ocupados por não indígenas, como na escola onde há uma grande maioria de funcionários ocupando os cargos existentes sendo compostos por indígenas e muitos desses conseguiram entrar por terem sido aprovados em concursos públicos, além disso, com os professores indígenas atuando em uma escola indígena, podem quebrar certo preconceito existente por parte dos próprios indígenas, e pelos pais desses alunos, pois acham que mesmo apesar de ter sua formação concluída, ter o seu diploma de graduação, sejam incapazes de ensinar da melhor forma possível, da maneira como um professor não indígena da cidade poderia lhes ensinar, mas conforte os bimestres

letivos vão acontecendo percebem a ótima capacidade dos professores indígenas de ensinarem e transmitirem os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos na graduação.

Durante muitos anos nas aldeias tiveram em suas escolas apenas professores não indígenas ministrando aulas, isso passou a se tornar normal, ou seja, não havia questionamento até porque não havia profissionais indígenas qualificados para atuarem na área, dessa forma causou certa estranheza quando passou a haver professores indígenas atuando nas escolas tanto nas municipais quanto nas escolas estaduais que foram criadas mais recentemente e só há apenas duas em toda a região da terra indígena Taunay/Ipegue, a localizada na aldeia Bananal Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Professor Domingos Veríssimo Marcos – MIHIN e a localizada na Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Pastor Reginaldo Miguel Hoyenó, porém nos últimos 10 anos houve uma adaptação, porque houve a percepção que esses professores indígenas poderiam ajudar por ter uma experiência de vida e por morarem dentro das aldeias, em suas aulas poderiam fortalecer mais as ideias de valorização da cultura, dos costumes, em relação principalmente a língua materna Terena, mesmo nem todas as aldeias sendo falantes diariamente, entretanto nas aulas de língua materna Terena, foi priorizada por professores que ministram aulas dessa disciplina a escrita para tentar através dessa maneira poder estabelecer a prática da fala.

Em 2016 houve a inserção nas aldeias da terra indígena Taunay/Ipegue o Programa de Alfabetização da Língua Materna, que é o SIS (Ações Saberes Indígenas na Escola) tendo o intuito de fazer com que os alunos que estão na educação infantil e no ensino fundamental possam através de textos escritos em língua materna Terena com a orientação de um professor de língua materna Terena ou um falante aprender a falar e também a escrever da forma correta, porque há pessoas que falam e não sabem ou não conseguem escrever corretamente e a outras que escrevem mas não falam, também oferece aos professores que participam desse programa uma formação bilíngue ou até mesmo multilíngue.

Com a inclusão de profissionais indígenas a educação passou a ser um alvo de disputas pelos grupos políticos das aldeias, tendo com o PROLIND (Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas) o aumento de professores e muitos desses com a formação na mesma área, como na maioria das aldeias há apenas uma escola acabam ocorrendo conflitos políticos, porque nem sempre a indicação que um representante da liderança tribal indica para atuar no ano letivo é o que o cacique ou

outro representante pertencente à liderança tribal queira também, porém após uma série de diálogos isso é resolvido da forma em que ambas as partes se sintam satisfeitas.

Buscar melhorias para uma comunidade não se resume apenas as questões financeiras, ou bens materiais esses são importante, porém fazer com que a valorização da cultura, das tradições seja sustentada isso sim, deve ser mantido, assim torna-se complicado manter alguns costumes ou manter tradições, por haver aderência de novos costumes, o interesse por novos objetos, a inclusão a uma nova forma de pensar, de vivenciar dentro de uma aldeia indígena ela vai mudando ao longo dos anos. No que se refere ao processo de inserção dos Terena como um todo destaca Galan (1994):

Um dos elementos mais significativos do processo de integração da população Terena à sociedade nacional tem sido sua participação na estrutura econômica regional. Através do comércio e do mercado os Terena se relacionam com a população regional e ingressam na estrutura de classes nacional, fato esse, de fundamental importância para a análise de sua mudança social [...]. (GALAN, 1994, p.42)

No decorrer do século XXI, com o aumento populacional, houve a necessidade das pessoas aprenderem novas profissões, para conseguirem manter o seu sustento e de sua família. Isso se relacionou a um aspecto que é aquele de tratar sobre a cultura dos Terena, dessa forma Cardoso (2004) afirma que:

Quanto à dinâmica cultural Terena, a redução de seu território e a escassez dos recursos naturais, levou esse povo a adquirir diferentes papéis na sociedade regional. É comum encontrar um (a) Terena nas cidades do interior como nas capitais: Campo Grande, Goiânia e São Paulo, sendo que em Campo Grande e Aquidauana, há várias associações urbanas terenas. As principais atividades exercidas pelo Terena urbano são de pedreiro, servente, pintor, segurança, marceneiro, serralheiro, encanador, artesanato, e suas mulheres trabalham como empregadas domésticas. Há também, a presença Terena como servidor ou estagiário nos órgãos públicos, em diversos setores de administração municipal, estadual e federal, bem como estudantes na universidade [...]. (CARDOSO, 2004, p.36)

Com isso houve o surgimento de profissões como pedreiro, padeiro, pintor, que foram aprendidas a partir de convivências e experiências vivenciadas fora das aldeias adquiridas com muito tempo de trabalho exercido nas cidades. A profissão de pedreiro, por exemplo, que foi aprendida por pessoas que começaram a trabalhar como servente na construção de obras.

Com o passar dos anos essas pessoas voltaram para a aldeia, para suas casas e passaram a divulgar seu trabalho, assim foram contratados para fazerem construções de casas, sobrados, banheiros, conseguiram manter-se e foram também adquirindo ainda mais experiência, passaram a se tornar opções fixas na aldeia para exercer esse trabalho, porém, ainda assim ora ou outra alguns que não conseguem trabalho na aldeia voltam

para a cidade para tentar encontrar emprego em alguma construção, mas não há uma permanência fixa e acabam voltando.

A profissão de padeiro foi surgindo aos poucos devido à necessidade de conseguir um emprego para garantir o seu sustento ou aos que já tinham filhos ou eram casados, amasiados, que precisavam conseguir um emprego, mesmo que não fosse fixo. Como alguns trabalhavam em comércios no distrito de Taunay, aprenderam a fazer pão, e passaram a vender na aldeia, que hoje em dia alguns deles, os principais situados no distrito de Taunay se tornaram supermercados, então com o passar dos anos após terem largado o emprego, por motivos como a distância, já que a distância de cada aldeia para outra têm um percurso de 02 a 03 quilômetros percorridos, essas pessoas passaram a fazer pães caseiros, e alguns os pães que vendiam nesses estabelecimentos.

Essas pessoas acordam cedo para oferecer os pães para os moradores da aldeia, e muitos conseguem uma boa diária algo entorno de R\$ 30 reais a R\$ 50 reais, também há vendedores de leite natural, esses geralmente são os que trabalham em fazendas próximas, vêm até a aldeia oferecer o leite por garrafa de 02 litros, e conseguem fazer uma boa venda, pois a garrafa sai em torno de R\$ 10 reais cada.

Há algumas pessoas que contratam mulheres para trabalhar em casa como empregadas domésticas, mas o acordo é tratado pelas famílias e a pessoa que irá ser contratada. O contrato depende do tempo de serviço, que varia de 01 mês, 02 meses, 03 meses, ou o tempo que for necessário, levando também em consideração que muitas vezes a pessoa contratada não faz todo o serviço da casa, geralmente é contratada para lavar as roupas, ou para cozinhar, ou apenas para limpar a casa.

Atualmente houve um aumento grande de lanchonetes ou pontos de vendas de lanches, para tentar conseguir uma renda, e vendem geralmente mais no final de semana, nos dias de sábado e domingo, tendo em vista que as opções de emprego existentes são poucas, mas muitas famílias conseguem manter-se por meio da cesta básica do governo do estado, bolsa família e aposentadoria.

Em 2018 através do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) o programa PREVFOGO (Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais), foi inserido dentro da aldeia Ipegue para que através de processo seletivo e de cursos de formação fossem selecionados profissionais indígenas para poderem trabalhar na atuação de combate aos focos de incêndio que aumentou expressivamente nos últimos anos, na criação de hortas comunitárias, para ajudar a comunidade da aldeia Ipegue e também da região

Taunay/Ipegue, pagando um salário fixo mensal, com contratado de duração de 06 meses a contar da data do contrato assinado, onde esses brigadistas que conseguem a aprovação através das fases existentes recebem todo o material necessário, como camisa, calça, boné, entre outros equipamentos necessários, também é disponibilizado um automóvel do próprio PREVFOGO (Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais) para que possam se locomover pela região, nas outras aldeias e em fazendas onde há esses focos de incêndios, dessa maneira proporciona a esse membro familiar que consegue ocupar uma dessas vagas a oportunidade de ficar empregado durante 06 meses do ano, geralmente fazem as fases do processo seletivo no mês de maio, assim começam a trabalhar a partir do mês de junho até o mês de dezembro.

É percebido também o trabalho com algumas práticas como a de buscar lenhas utilizando suas cascas para fazerem remédios caseiros como explicam Garcia e Zorzato (2014):

É interessante notar que, além do trabalho externo feito pelos índios na agricultura, na pecuária e na navegação, aborda-se também o serviço de tirar cascas de angico, produto muito valorizado, pois sua resina tem aplicações industriais e medicinais, usadas especialmente no combate à bronquite. (GARCIA, ZORZATO, 2014, p.11)

O trabalho com ervas medicinais é muito praticado pelos Terena e a casca de angico é sempre usado para fazer remédios, por pessoas que aprenderam a fazer, assim como há benzedeiros nas aldeias que também fazem os remédios caseiros.

Essas atividades estão ligadas na questão do desenvolvimento presente na aldeia Ipegue, pois percebe-se que as formas de conseguir são instáveis, ao mesmo tempo ficam restritas apenas em dois estabelecimentos que são a escola e o posto de saúde, as pessoas buscam novas alternativas, tentam trabalhar como autônomas e muitas conseguem sucesso com essa decisão, porém têm que ter muita competência e dedicação nas escolhas que forem feitas.

Nos últimos 06 anos houve o aumento de inclusão da internet funcionando como um novo modo das pessoas participarem da chamada “modernidade”, uma vez que, assim como ocorreu com a chegada da eletricidade que introduziu um novo estilo de vida e mudou a rotina das pessoas, que antes iam dormir antes das 20:00 horas, com a eletricidade isso foi modificando e passarão a ir dormir um pouco mais tarde, por volta das 22:00 horas. Isso ocorreu pelo fato de terem mais acessos a alguns aparelhos de comunicação como o rádio e a televisão, passaram a acompanhar alguns programas e

com isso foi ocorrendo às mudanças de hábitos, como o horário do jantar que passou a ser de acordo com o horário em que começava o jornal, ou a novela.

Com o acesso à internet não foi diferente mudou o convívio das pessoas, o modo de se relacionarem uns com os outros, a forma como veem a sociedade atual e todo o seu contexto que foi formado ao longo do tempo, tornou-se uma nova ferramenta para as pessoas, ajudando assim a terem acesso a diversas informações, sendo bastante utilizado nas escolas indígenas, tanto nas estaduais quanto nas municipais, havendo atualmente três opções de acesso: a de via rádio via satélite e mais recente a de fibra ótica, tendo todas essas um preço mensal. Geralmente o acesso à internet se encontra disponível em casas de acadêmicos, já que precisam dessa ferramenta como apoio para a realização de trabalhos, pesquisas, dentre outros. Com isso, há influência sobre a economia da aldeia, pois criaram estabelecimentos que oferecem internet por hora e outros serviços como xerox, escaneamentos, entre outros.

Sobre esse impacto que a tecnologia causou nas aldeias indígenas Lana (2021) observa que através dos aparelhos celulares/smarthphones, tablets, notebooks entre outros, tendo o acesso à internet passaram a utilizar mais as redes sociais, como facebook, instagram, twitter, o próprio whatsapp, havendo ampliação da comunicação com um número muito alto de pessoas que estão em outras realidades em regiões bem distantes, e ao mesmo tempo despertou em alguns jovens a vontade e tendo a criatividade em levar a valorização da cultura local através destes meios digitais, como adereços, trajes indígenas criando um instagram específico para quem tiver interesse em adquirir o produto sejam para alugar ou comprar, tivesse esse meio de comunicação.

E a tecnologia pode também ter impacto no afastamento desses jovens no trabalho desenvolvido na roça, porque como sempre a tecnologia está se modernizando ou está ficando mais atrativa com novos aparelhos eletrônicos mais modernos, sofisticados e tecnológicos, com desempenhos melhores, mais potentes isso acaba chamando bastante atenção não só dos mais jovens mais como da grande maioria da população indígena e da população geral, então aumenta o interesse em querer aquele produto para poder ter acesso ou acessar um determinado aplicativo, então vai se criando um novo hábito e novas práticas vão se inserindo no cotidiano.

Porém, deve-se ressaltar que, como em todas as outras aldeias têm-se a relação que passa por dificuldades do cotidiano, como a questão financeira, já que em sua grande maioria a população têm uma renda que gira em torno de um salário mínimo e os que conseguem um emprego que lhes dê um salário maior, não moram mais na aldeia,

por causa do seu emprego e também porque muitos constituíram famílias nas cidades. Assim muitos se arriscam para poderem buscar novas condições de oportunidades fora da aldeia, assim como o fato de irem trabalhar na cidade, para poderem ter uma estabilidade melhor e com o passar dos anos tem o retorno para as aldeias ao qual pertencem, para descansarem depois de ter prestado muitos anos de serviço longe da sua aldeia.

1.4 – A economia presente na aldeia Ipegue e o trabalho assalariado

A economia presente na aldeia Ipegue, visto que nos últimos anos houve o crescimento e o fortalecimento no setor comercial na aldeia Ipegue, além de impactos causados pelo trabalho assalariado onde o espaço econômico ganhou destaque no que se refere a adquirirem bens de consumos que antes era mais presentes nas cidades e nos dias atuais isso acaba mudando, como exemplos têm as casas e todo o espaço interior e exterior, conforme novos bens matérias entram e proporcionam mais conforto e o desejo de consumo também acaba tornando-se maior.

A organização social que se faz presente dentro da aldeia Ipegue, como destaque ao modelo atual das casas que são hoje em dia bem espaçosas, há um investimento grande por parte da família e com o passar do tempo tornou-se necessário ter uma moradia ao qual proporcionasse mais conforto, Fialho (2010) faz um comparativo sobre o modelo de casa no passado e o modelo atual presente na aldeia Ipegue onde pontua sobre o modelo do passado que:

Os cronistas narram que a família é a célula básica importante, que era formada pelo pai, mãe, filhos, filhas, genros e netos em um mesmo “ovokúti” que era local de moradia formando uma grande família extensa ou local onde se reúnem os clãs e cada uma das famílias extensas. Possuía o “Nâti”, chefe ou líder da família, que era responsável no comando da família, geralmente era um ancião. A distribuição espacial e modelo de construção das casas dos Terena no “Exiva” é bem diferente como é conhecida atualmente. O “ovokúti”, a casa era de forma retangular, construída apoiada em madeira em uma coluna central e as laterais e era coberto de sapê ou folhas de bacuri, apoiadas em caibro e ripas. (FIALHO, 2010, p.36)

Sobre essa a nova forma de configuração de casas Fialho (2010) afirma que:

Atualmente a disposição dos “ovokúti” ou casas segue os mesmos modelos urbanos, com lotes e casas um ao lado do outro, onde é raro ver casas nos moldes da construção tradicional conhecida com o uso de coberta de sapê ou folhas de bacuri, parede de adobe, que era fabricado pelos próprios Terena com argila apropriada, misturada com capim triturado, em seguida colocado na forma tomando um formato retangular e exposto ao sol para secar. As casas no modelo tradicional deixaram de ser construídas por questões de escassez e da falta de vegetação apropriada. Em decorrência da falta de território, os Terena optaram pelas casas de alvenaria construídas de tijolo, madeira, ferragens, tintas, janelas e portas de ferro com vidros, compradas na

cidade de Aquidauana ou no Distrito de Taunay. As casas são servidas de energia elétrica e de água encanada bombeada de um poço artesiano. Por fim, a partir de 2006 iniciou nas aldeias indígenas do Estado a política social de habitação do governo federal, em parceria com o governo estadual e municipal, visando à qualidade de vida dos povos indígenas. Logo, a Aldeia Ipegue foi contemplada com a construção de casas populares sendo dez na primeira fase e 45 na segunda, sendo distribuída a população e construída dentro de cada lote de terreno, com banheiro fora da casa, procurando seguir o que foi adotado pelos Terena. (FIALHO, 2010, p.42)

Os indígenas passaram a se ater a situações que se assemelhem a novas condições de convivência perante a formalidade de contatos e de convívios com o meio urbano, a exemplo temos o trabalho rural exercido em fazendas ou em usinas e a consequente inclusão de mão-de-obra assalariada passou a gerenciar a inserção dos Terena como um todo e acabou ditando novas experiências, que se refletem na cultura. Essa mudança de comportamento sugere a readequação no modo como está associada à forma de convívio, de ambiente presente hoje em dia nas aldeias.

As ideias de economia baseadas a partir das condições existentes dentro de uma comunidade indígena, bem como a sua cultura, e das realizações feitas, como um avanço em áreas como habitação, se hoje a situação perpassa por constatações de que foi preciso adquirir um novo sistema, mecanismos, a inserção muitas vezes até drástica do trabalho assalariado para que fosse possível adquirir bens materiais com uma rápida procedência, mesmo que o preço a se pagar por esses trabalhadores indígenas tenha sido à distância, o tempo de solidão das suas famílias, mas para que viessem a voltar com uma nova visão de sociedade, a convivência com outras pessoas inseridas em outros modos, a rotina modificada, com muitas vezes enormes cobranças de deveres nos trabalhos realizados, como nas usinas, por exemplo, ao mesmo tempo em que reprimiu de certa forma, fez fortalecer também, uma vez em que houve a troca de experiências e ambos conseguiram absorver de uma melhor forma cada qual com a sua necessidade.

As relações econômicas dos Terena da aldeia Ipegue, vão desde os trabalhos exercidos nas roças dos moradores da comunidade até o trabalho assalariado exercido em diferentes setores econômicos como sítios, fazendas, usinas, plantações de frutas em outras cidades e diferentes estados.

Nesses últimos anos as aldeias passaram a receber um grande número de comerciantes que saem das cidades mais próximas como Aquidauana e Miranda para comprarem produtos alimentícios produzidos pelos Terena para comercializarem nas suas respectivas cidades. Porém, destacamos que a presença indígena e o seu consumo

de mercadorias dentro do município de Aquidauana, também contribui diretamente para o seu desenvolvimento econômico.

O município de Aquidauana recebe todos os dias das semanas um grande número de indígenas para estudar, trabalhar ou na maioria das vezes para receber o seu salário e gastar em supermercados, lojas, feiras, pagar suas contas pessoais. Geralmente são aposentados, funcionários públicos da prefeitura ou do governo do estado, agentes de saúde, sendo essas pessoas moradoras da aldeia e trabalham na escola e no posto de saúde dentro da comunidade.

A cidade de Aquidauana, além de receber muito consumo dos indígenas da região Taunay/Ipegue, também acaba sendo privilegiada por ter uma diversidade de produtos indígenas nas feiras para poder vender aos seus moradores da cidade, tendo também como produto de forte procura o artesanato, que é feito pelos indígenas e são muito procurados, tanto pelos próprios indígenas quanto pela população não indígena. Dessa maneira Jordão (2014) afirma que:

O comércio é outra forma de interação. Os produtos mais comercializados pelas mulheres indígenas na cidade de Aquidauana são: a mandioca, milho verde, feijão de corda, farinha de bocaiuva, farinha de mandioca, abacate, laranja, limão, poncã, farinha de mandioca, pequi, guavira, manga, raízes e casca de remédios medicinais. (JORDÃO, 2014, p.39)

Além disso, houve um aumento de comerciantes presentes na aldeia Ipegue, eles trazem produtos para os pequenos comerciantes, que compram seus produtos para revender em seus bulichos, Azanha (2005) chama atenção para o salário dos Terena que tratam sobre a questão dos preços dos produtos que são vendidos pelos mercados locais os bulichos, como ficaram conhecidos os pequenos comércios que são mantidos dentro das aldeias. Assim, os pequenos comerciantes enchem de produtos como balas, chicletes, salgadinhos, geladinhos, entre outros produtos de consumo. Alguns conseguiram fazer desses bulichos verdadeiros pontos de vendas e com isso aumentaram o seu estabelecimento chegando a oferecer produtos alimentícios de maior proporção como arroz, feijão, carne, produtos que são oferecidos à venda em supermercados de grande porte. Isso aumentou o deslocamento de seus proprietários para a cidade para poderem abastecer os seus pontos de vendas dentro da aldeia Ipegue, onde os moradores da aldeia Ipegue passaram a fazer suas compras nesses estabelecimentos, porém, tendo que ter sempre seus estoques cheios, muitos não conseguem, devido à venda de produtos, geralmente alimentícios, fiados, onde há a

abertura de créditos nesses estabelecimentos, já que muitos desses vendedores levam calotes, isso prejudica o desenvolvimento desses estabelecimentos de vendas.

A economia se tornou nos últimos anos um instrumento muito importante presente nas aldeias indígenas, tenta esboçar algumas necessidades que as aldeias necessitam como dar mais visibilidade para a produção agrícola dos indígenas e demonstra que essa melhoria só é possível a partir de investimentos na agricultura, ou seja, demonstra o quanto as aldeias indígenas são vistas pela sua forma de tratar a agricultura, e as suas plantações exercidas na roça.

O aumento do trabalho remunerado fora da aldeia, resultando em um número significativo de pessoas que passaram a trabalhar fora da aldeia, principalmente em trabalhos temporários como no corte do eucalipto, no corte de cana-de-açúcar, e atualmente estão trabalhando na colheita de maçãs. Assim como há os que fazem as chamadas “changas”, em propriedades como em sítios, ou fazendas próximas da aldeia, realizando serviços braçais como limpeza de cercas, ou seja, capina para diminuir o colônio, que se encontra alto nessas localidades, entre outras atividades dessa natureza e recebem por esses serviços uma diária de R\$ 50,00 reais.

Nesse sentido Salvador (2012) afirma que:

O conceito de “trabalho assalariado” ou “serviço” é aqui utilizado para se referir a todas as atividades externas dos Terena, independente da forma de pagamento. Os indígenas relataram que o pagamento pelo trabalho nem sempre ocorria em dinheiro (e nem sempre ocorre atualmente), mas poderia ser através de “vales” nos armazéns – onde os trabalhadores retiravam em mantimentos, utensílios, roupas e calçados [...]. (SALVADOR, 2012, p.46)

Com a inserção na economia de mercado do mundo, eles passaram a buscar mais por empregos fora da aldeia, muitos foram para as cidades, estabelecendo residência e de acordo com a sua nova situação dificilmente voltavam para a aldeia, porque muitos constituem famílias, porém é comum, voltarem para as festividades, principalmente para as festas de natal e ano novo.

Na aldeia Ipegue os Terena trabalham em fazendas há muitos anos, principalmente as que são próximas das aldeias, como a fazenda “Pequi”. Nesta fazenda empregavam-se muitos indígenas para aprender a cuidar do gado, cavalgar para poder ir atrás do rebanho, em troca tinham o direito de morar durante o período em que iam ficar trabalhando e recebiam um salário que era feito por meio de acordos entre o patrão e o seu empregado.

O elemento básico da qual devemos partir é considerar que a sociedade Terena está inserida numa sociedade onde prevalecem as relações capitalistas, cujo poder de influenciar e moldar as relações se encontra no uso

desproporcional do capital. Não podemos nos firmar, neste sentido, na inalterabilidade das atividades tradicionais e demais traços culturais dos Terena, apoiadas nas relações não-capitalistas, frente a presença do capital. O trabalho assalariado ganhou sim um grau de importância significativo na sociedade Terena, onde, de uma forma ou outra, transforma as relações comunitárias. (SALVADOR, 2012, p.49)

E complementa ao mencionar sobre a presença de indígenas nas fazendas.

As poucas fontes quantitativas da população indígena Terena na maior parte do século XX e das atividades que faziam parte da economia doméstica de cada família dificultam mensurar com precisão o grau de importância de cada atividade (tradicional ou não) para os Terena. Todavia, durante todo o século XX podemos observar que a presença da mão de obra indígena nas fazendas é significativa, mesmo com a atuação do SPI no controle da força de trabalho indígena. (SALVADOR, 2012, p.49)

Muitos indígenas trabalhavam e moravam nas fazendas, alguns desde quando eram crianças e quando cresciam passaram a trabalhar, mas quando houve os episódios de retomadas com a reocupação das terras e como os fazendeiros tiveram que se retirarem, desta forma esses indígenas tiveram que sair também e ficaram sem empregos, destes muitos foram e ainda são contra as retomadas de terras, uma vez que ficaram sem emprego e sem casa própria para morar, mesmo que hoje em dia moram em casa de parentes ou se casaram e estão morando na aldeia.

Salvador (2012) menciona que:

Sendo assim, ao que tudo indica, o trabalho externo assalariado tem suas origens nas fazendas. São elas as principais instituições difusoras da mão de obra indígena. De acordo com os relatos que conseguimos registrar, a mão de obra frequentemente era aplicada nas atividades nas quais as ferramentas de aço eram os principais instrumentos, tais como o machado, a foice, o facão e a enxada. (SALVADOR, 2012, p.50-51)

Salvador (2012) detalha como era o trabalho nas fazendas tanto dos homens como das mulheres.

Mesmo aqueles que nasceram dentro das reservas também tiveram contato nesta faixa etária com o trabalho externo, justificando a participação no mercado local de trabalho pela dificuldade em que encontravam suas famílias, pela necessidade de complementar a economia doméstica ou o desejo de consumo de diversos objetos que na época adentravam no cotidiano indígena. Em fazendas a mão de obra masculina era direcionada para a manutenção de internados, limpeza e conservação; retirada de postes para cerca; roçadas; acerto de cerca; derrubada de mata; serviços braçais em geral; outros exerceram a função de cozinheiro, tratorista e campeiro. As mulheres ficavam encarregadas das atividades domésticas. Raramente essas atividades eram seguidas da assinatura da Carteira de Trabalho. Na cidade houve indígenas de Pílad Rebuá que trabalharam de cozinheiro, pedreiro, marceneiro, empregadas doméstica, empreiteiro e serviços gerais (limpeza). (SALVADOR, 2012, p.51)

Ainda nesse sentido, o trabalho indígena fora das aldeias passou a ser bastante intenso. Como podemos constatar, era bem frequente em fazendas e sítios, tinham um

local onde poderiam ficar por um longo tempo, hoje em dia isso já não é mais frequente, devido que passam a morar mais na aldeia, mesmo que haja pessoas que são casadas e não têm trabalho, mas residem na aldeia e muitos preferem ir para a cidade e não mais procurar emprego em fazendas ou sítios.

Esse fato pode ter relação com a incorporação em situação subordinada, dado a situação de que ao saírem das aldeias para buscar novas oportunidades aprendem novas profissões e quando conseguem se estabelecer da melhor forma conseguem alguns de seus objetivos e voltam cheios de orgulho de si próprio com isso acabam indiretamente ou diretamente contagiando as pessoas que se encontram mais próximas. Como explica Salvador (2012):

[...] Ao sustentar a inter-relação através do trabalho assalariado, a sociedade Terena, conseqüentemente, inseriu-se na estrutura econômica de uma sociedade capitalista, passível, neste sentido, da exploração que é característico desse sistema. O campo das relações de trabalho no século XX demonstra que vão aparecendo novos atores e novas possibilidades que serviram de base para as relações de trabalho atuais. (SALVADOR, 2012, p.55)

Para o pesquisador indígena Mário Ney Rodrigues Salvador (2012), o trabalho dos indígenas também foi muito intenso nas usinas e em alguns lugares as usinas se localizam em locais distantes e até então pouco conhecidos. Era uma opção bem aceitável, hoje isso já não se tem muito devido à utilização e a entrada de máquinas muito qualificadas que substituem a mão-de-obra do homem e, sobretudo a mão-de-obra indígena. Porém deve ser ressaltado a importância dos trabalhos exercidos nesses estabelecimentos pelos Terena, afinal conseguiram fazer com que municípios tivessem uma grande visibilidade como é o caso dos municípios de Miranda e Aquidauana, que teve um grande número de trabalhadores. Dessa maneira explica Salvador (2012) que:

As usinas sucroalcooleiras no Mato Grosso do Sul constituem uma das principais instituições do campo das relações de trabalho pelo fato de nos últimos trinta anos terem empregado um número significativo de indígenas, principalmente Terena e Guaraní, como trabalhadores rurais. O início do contato da mão de obra Terena com a primeira usina no Mato Grosso do Sul se deu em meados do século XX, por volta da década de 1940/50, em Miranda – quando este município ainda fazia parte do estado de Mato Grosso – e passou a ter maior visibilidade a partir dos anos 80 quando efetivamente a atividade canavieira tomou novo impulso no recém-instituído estado de Mato Grosso do Sul. (SALVADOR, 2012, p.56-57)

Esse contexto se consolida de fato durante o século XXI, pois se atem ao fato de conseguir implantar o trabalho assalariado, principalmente o exercido pelos indígenas.

A atuação dos indígenas como trabalhador rural assalariado nas usinas foi determinante para fortalecer a “integração” da sociedade Terena na economia regional, nacional, e até mundial, neste caso considerando os parâmetros de relações econômicas do século XXI. Por outro lado, essa interação remodelou

o cotidiano das aldeias impondo novas formas de organização social como já vinha ocorrendo com os trabalhos nas fazendas, principalmente na realocação da mão de obra indígena. (SALVADOR, 2012, p.57)

Segundo Salvador (2012), os serviços que os indígenas prestam fora das aldeias, têm como aspecto destacado dentre os próprios indígenas algumas motivações, a primeira delas se encaixa na necessidade de prover as suas demandas humanas que se tornam imediata, como vestuário e alimentação, isso se torna muito presente tanto no pensamento dos pais de família quanto dos mais jovens, que veem como solução o trabalho externo (assalariado), as vestes se tornaram nestes últimos anos um desejo de consumo bem intenso, seja para ter uma camisa que esteja em moda ou um tênis de marca, a necessidade de vestir bem para poder se sentir bem, isso se explica devido à carência de políticas públicas que seriam as suas necessidades básicas como: infraestrutura, saneamento básico, saúde, educação, transporte e até mesmo alimentação. Obviamente que a situação atual dos Terena se estruturou muito, ou seja, teve a sua melhora considerável, mas ainda há essa carência entre os indígenas. Algumas políticas públicas foram implantadas entre os Terena na tentativa de obtenção de renda algumas tiveram sua evolução e outras não. Isso comprova a situação de “pobreza” e a presença de programas de governo que são direcionadas as comunidades, como bolsa família, programa de segurança alimentar, são alguns dos exemplos. A simples presença desses programas no interior das aldeias reforça a lógica de que estão excluídos socialmente.

Ainda nesse sentido, Salvador (2012) afirma que os produtos industrializados vieram gradativamente fazer parte do dia a dia nas aldeias esses produtos vieram a facilitar no dia a dia dos Terena, acarretando o incentivo de se obter o trabalho assalariado para poder consumir mais em abundancia esses produtos industrializados. Outra necessidade que foi absorvida foi a de construir uma casa com um enorme espaço já que os terrenos, ou quintais, são de larga escala, realizar festas de casamentos ou aniversários com tudo que tem direito, seja com os melhores equipamentos eletrônicos, com decorações, etc. A necessidade dos jovens de ocupar os “espaços sociais”, passa pela logica de ter uma condição financeira melhor para poder usufruir desses espaços, aproveitando ao máximo possível, e o desejo de sociabilidade, que se estende por frequentar clubes noturnos, bares, participar de eventos, enfim tudo que é acessível através do uso do dinheiro.

Com essas necessidades tornam-se cada vez mais prioritárias é raro uma família se dedicar ou tentar se subsistir somente com as atividades tradicionais praticadas (agricultura, pesca, artesanato), pois o incentivo passa a ser por prover de bens materiais e bens materiais modernos, tornando-se bem raro conseguir vender e apostar tudo na venda do artesanato, por exemplo, indo para uma usina além de ter um emprego fixo se têm a garantia de que irá conseguir comprar um produto que atende a sua necessidade, ainda que possa exercer por longos anos o trabalho assalariado.

Segundo Salvador (2012), outro fator que é possível detectar é que muitos jovens abandonam seus estudos estando eles frequentando o ensino fundamental ou o ensino médio. A facilidade que se tem para conseguir ganhar dinheiro de uma forma mais rápida, como nos empregos que são oferecidos para ir catar ou colher maçãs, que hoje em dia já não é mais tão procurando como antes devido a alguns fatores, um deles é a introdução de máquinas neste trabalho.

Nessa conjuntura a figura do “cabeçante” é essencial, é um homem da confiança do cacique, para ser o responsável pela equipe de trabalho, buscando e selecionando trabalhadores em sua aldeia e nas demais aldeias também. Para isso na maioria das vezes torna-se necessário liberar um adiantamento salarial, um valor determinado para demonstrar que de fato haverá o trabalho e também é uma forma de obrigar o indígena a executar o trabalho contratado, alguns fazem a abertura de créditos antes de irem dessa forma já direcionam o dinheiro ganho durante o tempo que prestaram o serviço, escolhendo os nomes montam as turmas com um número x de pessoas para irem trabalhar, como exemplo o que é muito frequente irem para alguma empresa em alguma cidade do estado do Rio Grande do Sul e ficam em um alojamento que os empregadores disponibilizam nessas cidades onde há a colheita, com duração de 01 mês e meio ou de 03 meses, 45 dias ou 90 dias, com proposta de salário de R\$ 1.500 reais ou R\$ 3.000 reais dependendo dos dias que forem ficar trabalhando.

CAPÍTULO 2

OS AGRICULTORES TERENA DA ALDEIA IPEGUE

Este capítulo tem por objetivo conhecer quem são os agricultores Terena da aldeia Ipegue, visto que esses trabalhadores indígenas para se manterem por vezes utilizam de alimentos que plantam em suas roças, obviamente que com o passar do tempo conquistando direitos como de conseguir obter o bolsa família, cesta básica, salário ao se aposentar, funcionários públicos concursados, benefícios que ajudam a população indígena Terena da aldeia Ipegue.

Ao todo foram 12 pessoas selecionadas para participarem desta pesquisa, todos com idade igual ou superior a 18 anos, tendo a pessoa mais nova que aceitou participar da pesquisa com 24 anos de idade e a pessoa mais velha com 80 anos de idade, foram 09 homens e 03 mulheres que participaram das entrevistas, para a realização desta entrevista houve a utilização do gravador de voz pelo celular, onde foram tiradas fotografias de cada participante da pesquisa em suas residências, em dia e hora marcada com antecedência e com o devido aviso prévio sobre o assunto a ser tratado durante a entrevista.

Para a realização das entrevistas foi utilizado o método da história oral, que através dessas fontes orais dos participantes da pesquisa, com os seus saberes tradicionais buscam fortalecer as narrativas acerca da história, os conhecimentos vividos por essas pessoas, como afirma Flôres (2011):

[...] há três modalidades da História Oral. A História Oral de Vida, caracterizada pelos estudos biográficos, centrados nos acontecimentos relacionados à vida de um indivíduo, suas experiências, identidade e memória individual; a História Oral Temática, caracterizada pelos estudos temáticos, centrados em acontecimentos relacionados às experiências, memórias e identidade de grupo/coletividades sociais; e a Tradição Oral, caracterizada pelos estudos relacionados ao conhecimento históricos transmitidos oralmente ao longo tempo pelo saber não sistematizado, pelos costumes transmitidos de geração a geração. Em especial ela se relaciona ao rico universo da cultura popular, do conhecimento não letrado como a medicina popular e as tradições folclóricas no Brasil. (MEIHY, 1996 apud CRUZ, 2005, apud FLORES, 2011, p.16)

Corroborando com a importância da história oral, Felipe e Alves (2016) mencionam que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, apud FELIPE, ALVES, 2016, p.03)

Para que essas entrevistas fossem realizadas a pesquisa, foi submetido ao sistema de base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos a Plataforma Brasil, onde houve o preenchimento e encaminhamento dos documentos que foram necessários, a primeira submissão aconteceu no segundo semestre do ano de 2021, e depois de feitas as correções necessárias que haviam sido pedidos pelos avaliadores do sistema, teve a aprovação concedida pelo sistema CEP (Autoridade Institucional) da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) em 15 de fevereiro de 2022, e dessa maneira necessitou da apreciação do sistema CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), assim foi encaminhado e feito às correções necessárias teve a aprovação concedida pelo sistema CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisas) em 14 de junho de 2022, essa pesquisa para ser realizada em território indígena necessitou da carta de anuência cacique, que teve o consentimento do cacique atual da aldeia Ipegue Ademir Francisco Soares ao final do seu primeiro mandato em 2021 e que atualmente está em seu segundo mandato que começou em 2022, todos os documentos necessários como a carta de anuência cacique e também os pareceres finais de aprovação da Plataforma Brasil através do sistema CEP (Autoridade Institucional) e do sistema CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisas), constam nas páginas finais em anexos.

Para a realização das entrevistas com os participantes da pesquisa foi elaborado um roteiro de entrevistas que consta em anexos nas páginas finais desta pesquisa, onde houve a identificação de cada participante da pesquisa, com o seu nome completo e a sua data de nascimento e as perguntas que foram feitas, para as pessoas que concordaram em participar pudessem responder como foi afirmado no primeiro parágrafo deste item essas entrevistas foram feitas em dia e hora marcada e realizada na casa de cada pessoa que ajudou na pesquisa, e quando não pode ser realizado em suas residências foi chegado a um acordo para que fosse realizado em outro local, porém a realização nas residências dos participantes lhes proporcionaria mais conforto, e poderiam se sentir mais seguros para poder contar todo o seu relato e toda a sua experiência como trabalhador da roça, onde o tempo de cada entrevista variou de 40 a 60 minutos, sendo gravada a entrevista e feito o registro fotográfico, para que essa pesquisa ocorresse foi elaborado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para todos os participantes da pesquisa para que assinassem e ficassem cientes do que foi proposto na pesquisa, documento esse que consta nas páginas finais em anexos, conforme a disponibilidade de cada pessoa foi explicada o intuito da

realização da pesquisa e no primeiro contato foi perguntado se aceitaria participar como voluntário, expor sua imagem, utilizar o gravador de áudio, todos aceitaram e foi deixado claro que essa pesquisa é sem fins lucrativos, ou seja, não receberiam nem um valor financeiro, mas com certeza teria uma importância e um valor sentimental muito grande pela contribuição de cada participante, para enriquecer ainda mais essa pesquisa.

Após análises que foram feitas foi chegado a um roteiro de perguntas para que os participantes pudessem responder, todas as mesmas perguntas foram feitas para os entrevistados e todas elas foram respondidas, foi explicado como assegura o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que poderiam se retirar da pesquisa a qualquer momento, também tinham a total liberdade para decidir se iria responder a todas as questões, porque poderiam se sentir cansado, ou com algum desconforto, por ter que responder a um número expressivo de questões, é importante ressaltar que cada pergunta foi explicada quantas vezes fossem necessárias para o melhor entendimento de cada participante, todas as perguntas tiveram um aspecto de procurar entender as maneiras e as estratégias adotadas para continuarem realizando o trabalho na roça realizado na aldeia Ipegue, outro ponto importante a ser destacado é que a maneira como foi respondida as questões foi da forma como cada um absorveu a questão, ou seja, teve o entendimento da pergunta e achou correta responder daquela maneira, então também tiveram essa total liberdade em se prolongar mais em respostas a algumas questões que tivessem um maior conhecimento de vida, alguma lembrança maior e em outras responderam de uma maneira mais curta.

2.1 – O trabalho na roça realizado pelos agricultores Terena da aldeia Ipegue, informações sobre os agricultores indígenas

Os agricultores Terena que são moradores da aldeia Ipegue aos quais fizeram as suas contribuições através da sua participação na pesquisa, auxiliando assim ao terem respondido o questionário com as perguntas referentes à prática do trabalho realizado na roça, será exposto o nome completo, a idade e também com um registro fotográfico além de outras informações.

Figura 2 – Adenilson Alfredo Constantino



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Adenilson Alfredo Constantino³ nasceu no dia 12 de julho de 1998, ele nasceu na aldeia Ipegue, atualmente está trabalhando como trabalhador braçal, ele carpina, planta, colhe eucalipto, na empresa Suzano na cidade de Ribas do Rio Pardo, quando ele está na aldeia Ipegue ele trabalha na roça, estudou na escola municipal indígena polo Feliciano Pio até o 7º ano do ensino fundamental, porém teve que abandonar os estudos para poder atender as necessidades da família, ajudar em sua casa, atualmente está com 24 anos de idade é morador e é agricultor da aldeia Ipegue, seus pais são Zélia Alfredo e Augusto Constantino Francisco. Ele já trabalhou como brigadista no combate a incêndios, onde a equipe do PREVFOGO decidiu que a sede seria na aldeia Ipegue, assim poderiam atender a toda a região da terra indígena Taunay/Ipegue. Começou a trabalhar na roça desde novo quando tinha por volta de 08 anos a 10 anos de idade, foi instruído por seus familiares e conta como começou a trabalhar na roça, “comecei através de roçar, limpar, capinar, essas coisas e destocar, dessa forma comecei na agricultura, para plantar, a colher depois da plantação”, aceitou o convite em participar como voluntário da pesquisa para poder contribuir de alguma maneira com a valorização cultural que representa a roça indígena nas aldeias, e na comunidade da

³ Entrevista concedida e realizada na residência de Adenilson Alfredo Constantino em 06/05/2023 às 09 horas e 47 minutos da manhã de sábado na aldeia Ipegue.

aldeia Ipegue, acredita também que seja enriquecedor poder tratar e partilhar da experiência de vida, e gostou muito da escolha do tema porque para ele tratar da roça é sim importante, porque alimentos como mandioca, feijão, abobrinha são todos retirados da roça e do esforço do seu trabalho realizado em meio à plantação então trata e cuida muito bem para poder permanecer com esse constante trabalho, assim ao ser questionado de porque continua plantando e trabalhando na roça ele nos informa “porque eu dependo do trabalho na roça para a minha sobrevivência, dela tiro a minha fonte de renda, porque serve para manter a alimentação da minha família”.

Figura 3 – Demétrio Gonçalves



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Demétrio Gonçalves⁴ é morador da aldeia Ipegue, nasceu e sempre morou na aldeia Ipegue, e exerce diariamente a profissão de trabalhar na roça, atualmente está com 73 anos de idade, nasceu no dia 21 de junho de 1949, seus pais são Manuel Antônio Gonçalves e Joana Luiz, ao lado de sua esposa Gelina da Silva Gonçalves aceitou participar da pesquisa, atualmente é aposentado, porém continua trabalhando na roça, nas suas pequenas plantações que tem como mandioca, milho, entre outros para manter a sua mistura na alimentação, como o clima atualmente é muito quente, o calor

⁴ Entrevista concedida e realizada na residência de Demétrio Gonçalves em 06/05/2023 às 15 horas e 45 minutos da tarde de sábado na aldeia Ipegue.

atrapalha a execução do trabalho, mas consegue trabalhar meio período, durante o dia começa as 05:00 horas da manhã e para as 11:00 horas da manhã. Em entrevista realizada ele nos relatou como começou a trabalhar na roça, mencionando que:

Porque naquela época era difícil emprego, então comecei a trabalhar na roça mesmo, e era difícil, tudo era difícil aqui na aldeia Ipegue, não tinha escola, e a escola era longe, era apenas no Distrito de Taunay, aí paremos e começamos a trabalhar eu e a minha família. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

E por mais que já tenha mais de 70 anos de idade, considera muito importante e muito bom poder continuar tendo a sua plantação, dessa forma menciona o porquê de continuar plantando e trabalhando na roça:

Porque a gente precisa para se manter às vezes quando a gente não tem dinheiro para poder comprar as coisas que precisamos, então precisamos para ajudar na casa, e também porque eu já venho trabalhando na roça há muito tempo então isso já está presente na nossa cultura aqui Terena, então temos uma valorização cultural desse trabalho na roça exercido aqui na aldeia Ipegue. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Assim procura sempre continua a manter o trabalho na sua roça, manter boas plantações, e tentar sempre zelar por essa profissão que está ligado a cultura local.

Figura 4 – Gelina da Silva Gonçalves



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Gelina da Silva Gonçalves⁵ é moradora da aldeia Ipegue e sempre morou na aldeia Ipegue, e há muitos anos trabalha na roça, e continua trabalhando diariamente assim como seu marido trabalha meio período, apenas pela manhã das 05:00 horas da manhã até as 11:00 horas da manhã, nasceu no dia 27 de setembro de 1957, atualmente está com 65 anos de idade, seus pais são José Pedro da Silva e Maria Francisco da Conceição, e ao lado de seu esposo Demétrio Gonçalves aceitou participar da pesquisa, e achou muito interessante o tema proposto pela pesquisa porque acredita que é preciso de fato abordar assuntos que fazem parte da cultura e do saber tradicional Terena no caso a forma de trabalho na roça existente na aldeia Ipegue. Ela nos informou como começou a trabalhar na roça explicando que:

Porque meus pais já vinham trabalhando, então dessa maneira o incentivo deles foi para que eu trabalhasse, para poder continuar o trabalho deles, o trabalho na roça, dessa maneira eu continuei trabalhando bastante na roça, até eu me tornar adulta e poder trabalhar mais e viver da roça. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Então por já estar habituada a exercer essa prática do trabalho na agricultura, continuou a plantar e a trabalhar “estimula também a gente, sempre foi algo bom de fazer, é bem gostoso de a gente chegar e pegar o fruto da terra que a gente mesmo pode plantar isso nos traz alegrias quando a gente consegue fazer a colheita”, assim decidi continuar e buscar por melhorias para que possam ter mais estrutura nas plantações, nas áreas destinadas às roças.

Gelina da Silva Gonçalves aponta também como ela observa que eram as roças no passado e como estão no presente assim destaca que:

Nas roças do passado havia mais plantações, em larga escala, agora nas roças do presente há menos plantações, e a falta de interesse da população local se tornou menos, agora no passado os anciões plantavam bem mais também do que nos tempos atuais, o clima por ser muito quente atualmente aqui na aldeia Ipegue, então isso também dificulta bastante de conseguir trabalhar na roça e isso têm impacto para qualquer idade seja ancião ou jovem. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Salienta que o clima atrapalha para poder ser feitos as plantações, e para que a planta ela possa crescer de uma maneira correta, para se tornar bem bonita, e puder ter uma boa produção é preciso ter uma grande dedicação diária, mas também é preciso ter ajuda do clima, porque quando está muito quente além de atrapalhar na hora em que é executada a plantação, conseqüentemente será bem difícil ter uma boa plantação, porque alguns alimentos necessitam de bons tratamentos.

⁵ Entrevista concedida e realizada na residência de Gelina Gonçalves da Silva em 06/05/2023 às 16 horas e 13 minutos da tarde de sábado na aldeia Ipegue.

Figura 5 – Edil Alfredo



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Edil Alfredo⁶ é morador da aldeia Ipegue e sempre trabalhou na agricultura, e continua trabalhando todos os dias, plantando e limpando, sempre cuidando da roça com menos intensidade por conta de sua idade avançada, porém mantendo um horário fixo e diário das 05:00 horas da manhã até as 11:00 horas da manhã e das 13:00 horas da tarde até as 17:00 horas da tarde, nasceu no dia 19 de Julho de 1962, seus pais são Eva Regis e Herotilde Alfredo e está atualmente com 60 anos de idade. Ele também aceitou participar da pesquisa e gostou muito do tema proposto e escolhido, porque entende que é necessário fazer uma reflexão sobre as roças presentes atualmente na aldeia Ipegue. Ele nos conta o motivo pelo qual começou a trabalhar na roça, dessa maneira menciona que:

Eu comecei junto com o meu pai, plantando rama, milho, feijão, e mais outros alimentos e também por causa da dificuldade que a gente não tem estudo, aí meu pai me levou para a roça dessa maneira que aprendi e comecei a trabalhar na roça, e estou há muito anos já trabalhando na roça. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

Assim por ter começado desde muito jovem a trabalhar na roça, permaneceu até os dias atuais e procura sempre cuidar e tratar bem dos alimentos que planta em sua

⁶ Entrevista concedida e realizada na residência de Edil Alfredo em 11/05/2023 às 11 horas e 25 minutos da manhã de quinta-feira na aldeia Ipegue.

roça, os que conseguem plantar com mais facilidade como a mandioca, assim informa o motivo pelo qual continua trabalhando e plantando na roça.

Porque a gente gosta, a gente não tem mais o que fazer então a gente sem estudo é difícil conseguir arrumar emprego, principalmente eu que sou analfabeto, eu estudei apenas fiz a 1ª série, eu iria encarar o 2º ano aí eu parei, então bem dizer eu só fiz apenas 1ª série, então eu não tenho condições de ir para a cidade sem estudos e conseguir emprego. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

Por não ter tido condições de estudar, para Edil Alfredo ter uma boa plantação e uma boa colheita é a melhor maneira de tirar o sustento e conseguir manter uma boa alimentação para a sua família. Assim para Edil Alfredo “através da roça a gente consegue se sustentar pelo o que têm da roça, pelo o que foi plantado, têm mandioca, têm milho, têm feijão, e tudo que a gente planta abóbora, moranga, abobrinha, então já é uma ajuda para a gente”. Por trabalhar todos os dias na roça, então consegue sempre ir buscando uma variedade de alimentos diferenciados para serem plantados, dessa maneira o bom trato com o solo, com a terra, é necessário para que possam sempre uma boa plantação e consequentemente ter uma boa colheita.

Ele também procura sempre incentivar seus filhos a estudarem, se aperfeiçoarem quando conseguirem uma profissão, visto que considera bom o trabalho na roça, porém não é um trabalho fácil de fazer, devido que muitas vezes é necessário ter que limpar o terreno e se for de uma extensão um pouco grande, então isso leva tempo e requer toda uma maneira de fazer uma boa limpeza, pois não pode deixar um pouco limpo, tem que deixar a área totalmente limpa, para poder plantar.

Edil Alfredo frequenta diariamente a roça, também busca lenha para que possa ter a sua alimentação feita através do fogão à lenha, assim faz sua análise de como eram as roças do passado e como se encontra no momento atual, afirmando que:

Como eu falei no passado quem plantava era na roça de toco, na tocaria, serviço bruto que a gente fala, e não tinha máquina, então eles roçavam, queimavam e plantavam, e hoje isso já dificilmente se usa essa maneira que era utilizada no passado, na força braçal. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

A roça de toco como mencionado também chamado de serviço bruto, é uma prática onde se utiliza muito da força, e há uma dependência bem grande da utilização das ferramentas como a enxada, foice, machado, entre outros.

A medida em que maquinários foram sendo cada vez mais utilizados como a expansão maior do trator, da grade agrícola, essa situação de utilizar mais a força para

poder limpar o terreno, foi sendo substituído pelos maquinários, obviamente que cada localidade possui a sua realidade para poder utilizar-se desses maquinários.

Figura 6 – Elcio Flôres



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Elcio Flôres⁷ é morador da aldeia Ipegue sempre morou na aldeia, e nasceu no dia 08 de julho de 1957, seus pais são Mercedes Gomes e Hélio Flôres, está atualmente com 65 anos de idade, é formado em Geografia pela UFMS/CPAQ, é aposentado, e também teve presente ao longo dos anos de sua vida o trabalho realizado na roça, dessa maneira pode contribuir através da sua experiência e com seus relatos do conhecimento que tem sobre a roça, aceitou participar da pesquisa, porque acredita que o trabalho ao abordar essa temática sobre as roças indígenas, pode dar mais visibilidade aos agricultores Terena da aldeia Ipegue, e mesmo que possa ter mudado muito a maneira e a forma da prática da execução do trabalho na agricultura ainda assim continua sendo uma atividade importante dentro da aldeia Ipegue. Assim informa que começou a trabalhar na roça “porque meus pais sempre trabalharam na roça, então dessa maneira eu comecei a acompanhar eles e assim fui trabalhando na roça e aprendendo a capinar, a plantar e depois a colher o que plantávamos na roça”, com o incentivo que teve de seus

⁷ Entrevista concedida e realizada na residência de Elcio Flôres em 07/05/2023 às 15 horas e 44 minutos da tarde de domingo na aldeia Ipegue.

pais na infância passou a trabalhar na roça, algo que era muito comum no passado. E ao ser perguntado por que continua plantando e trabalhando na roça ele informa que:

Porque é um meio de sobrevivência, então o indígena ele já têm essa vocação, sendo assim continua trabalhando na roça até onde ele conseguir e puder, e eu acredito que é muito importante ter esse saber tradicional Terena através do trabalho na roça, porque ajuda a alavancar esse trabalho e a preservar, porque a roça para nós Terena representa a nossa valorização cultural. (FLÔRES, 2023, informação verbal)

Essa valorização da roça enquanto um aspecto ligado à cultura local demonstra que a importância dada a essa prática é enorme, por mais que as roças tenham sido reduzidas a poucos espaços dentro da aldeia, mas através da prática podem buscar uma maneira de permanecer e de resistir com a agricultura. Assim Elcio Flôres destaca que a importância do trabalho na roça para a família, é por que:

É importante porque dali vem à ajuda com o alimento, o sustento, então dessa maneira é muito importante à roça para a nossa comunidade indígena, para as famílias que moram aqui, porque isso já vem de muito tempo é uma tradição cultural, então assim a gente segue cultivando e produzindo para manter a nossa sobrevivência. (FLÔRES, 2023, informação verbal)

Sendo uma tradição na cultura Terena, onde os anciões são os que mais buscam essa permanência dessa prática, e as famílias que também trabalham e plantam se dedicam a roça, dividindo com os seus afazeres diários, como ter que trabalhar seja em suas próprias residências mesmo, com os serviços diários ou então em trabalhos fixos.

Figura 7 – Evaldo Paes Eloy



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Evaldo Paes Eloy⁸ é morador da aldeia Ipegue, ele nasceu no dia 23 de março de 1981, seus pais são Elizabeth Paes e Cinézio Eloy e atualmente ele está com 42 anos de idade, ele aceitou participar da pesquisa e também relatar a sua experiência de trabalho na roça, e as maneiras que utiliza para fazer as suas plantações, e executar a prática na lavoura seja capinando, roçando, limpando, cerando a mata. Também ao longo dos anos por necessidade de conseguir ter uma renda para o seu sustento e de sua família aprendeu observando e praticando a trabalhar como servente de pedreiro, na roça costuma a plantar os alimentos que conseguem serem produzidos e colhidos como mais facilidade que se assemelha a plantação de outros agricultores da aldeia Ipegue, como a mandioca e o feijão verde. Ele nos relatou como começou a trabalhar na roça mencionando que:

Porque não tinha outro meio de ganhar o pão de cada dia, de me sustentar e de sustentar a minha família, aí eu tinha que ajudar meus avós bem dizer no sustento da família, então dessa maneira que eu comecei a trabalhar na roça, na lavoura, na agricultura local aqui existente na aldeia Ipegue. (ELOY, 2023, informação verbal)

E mesmo tendo aprendido uma nova profissão e trabalhando nela, sempre que consegue quando está na aldeia Ipegue, por que assim como muitos para Evaldo Paes Eloy é difícil conseguir emprego fixo dentro da comunidade, então precisa sair ir para outras localidades para poder ganhar o seu salário fixo e mensal, mas sempre que pode vai até a sua roça e limpa e cuida da sua área do seu terreno. Então menciona que o fato de continuar plantando e trabalhando na roça é para que:

Para muitas vezes não faltar algumas comidas orgânicas, isso ajuda bastante, então também manter as tradições, continuar com a minha origem de trabalhador da roça, manter esse hábito de plantar e de colher os alimentos como a mandioca, milho, abobrinha, abóbora, melancia, banana, feijão, manter os plantios na roça. (ELOY, 2023, informação verbal)

Busca manter as plantações para ajudar a ter uma comida que foi plantada e colhida, o que veio do seu próprio esforço e também para manter o terreno sempre limpo e bem cuidado.

Evaldo Paes Eloy também destaca a importância que a roça tem para ele e também o seu trabalho que exerce nela, dessa maneira menciona que:

Para a família é importante porque tudo é orgânico, não vem igualzinho hoje em dia é tudo industrializado, tudo se usa muito agrotóxico, agora o que vêm da roça já é orgânico, então acredito que essa seja a importância porque a gente mesmo planta os nossos alimentos são frutos de nossa própria terra. (ELOY, 2023, informação verbal)

⁸ Entrevista concedida e realizada na residência de Evaldo Paes Eloy em 12/05/2023 às 16 horas e 31 minutos da tarde de sexta-feira na aldeia Ipegue.

Mesmo tendo outra profissão que supri o seu sustento e de sua família, que é ser servente de pedreiro, ainda assim ele busca trabalhar na roça, e se dedicar quando não está exercendo essa outra profissão, dessa maneira busca contribuir para poder manter sempre ativa a profissão na sua roça, com o cuidado e o zelo por essa atividade que no passado era a única fonte de renda de muitos indígenas, que hoje com os benefícios existentes muitos vindos do governo federal, é dividido esse suprimento alimentar para as famílias.

Figura 8 – Ivo Paiz



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Ivo Paiz⁹ é morador da aldeia Ipegue e trabalha na roça, além disso, ele também trabalhou como enfermeiro local no posto de saúde durante muitos anos, nasceu no dia 14 de agosto de 1960, seus pais são Dominga Lipú e Donato Paiz e atualmente está com 62 anos de idade, e aceitou participar da pesquisa para poder relatar a sua experiência de vida, em sua roça o que mais costuma plantar e que consegue ter uma abundancia na hora da colheita, é a mandioca e também a melancia, e para manter é preciso ir quase que diariamente até a sua roça porque se encontra em um ponto mais distante de sua

⁹ Entrevista concedida e realizada na residência de Ivo Paes em 06/05/2023 às 15 horas e 14 minutos da tarde de sábado na aldeia Ipegue.

casa, então precisa cuidar para que nenhum animal venha e estrague a sua plantação. Assim trabalhar na roça acabou acontecendo “por falta de opção, na verdade para poder ajudar o custo da família, da roça você tira abobrinha, você tira a mandioca, milho, batata, banana, uma série de alimentos para suprir a necessidade da família”. Dessa maneira continuou plantando na sua roça buscando preservar a prática da agricultura que já existe há anos e de gerações passadas em sua família, “porque eu principalmente há pessoas que mexem na lavoura, na roça, por necessidade mesmo, alguns eles mexem por prazer, porque tem o prazer de trabalhar com o solo, plantar”, acabou tomando o gosto pela lavoura em poder trabalhar, ter a sua própria plantação, ver o esforço do seu trabalho dar resultado em sua roça.

Figura 9 – Joaquim de Oliveira



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Joaquim de Oliveira¹⁰ é morador da aldeia Ipegue, ele nasceu no dia 27 de outubro de 1967, seus pais são Quintino de Oliveira e Adriana Joaquim, atualmente tem 55 anos de idade, e é um trabalhador da roça, tem roça há muitos anos e faz as suas plantações para poder suprir os mantimentos da alimentação de sua família, a sua roça

¹⁰ Entrevista concedida e realizada na residência de Joaquim de Oliveira em 12/05/2023 às 16 horas e 02 minutos da tarde de sexta-feira na aldeia Ipegue.

fica perto de sua casa assim facilita o seu deslocamento, porém para conseguir uma renda fixa, acabou aprendendo a ser servente de pedreiro, então adquiriu essa profissão para poder manter a sua família, e acabou tendo que sair da aldeia e buscar emprego em outras localidades como em cidades próximas, mas busca sempre que pode e consegue manter a sua roça. Começar a trabalhar na roça acabou ocorrendo “por necessidade em conseguir as coisas, os mantimentos de casa, para poder me manter e depois que eu casei continuei trabalhando na roça para manter a minha família” e acredita que dar importância a essa profissão do trabalho na roça também seja essencial, buscar essa valorização local e cultural, então continuar plantando e trabalhando seja “talvez possa ser por costume, cultura, e outras situações, por já ter aprendido isso desde a minha infância com meu pai e minha mãe, manter essa tradição”, buscar manter e preservar essa prática da agricultura na aldeia Ipegue.

Joaquim de Oliveira faz uma análise de como eram as roças do passado e como elas se encontram no presente, nesse sentido ele menciona que “as roças do passado elas tinham uma facilidade maior na hora de plantar, agora precisa de muito mais dedicação para poder dar certo, para conseguirem produzir, para ter boas plantações”, ao se referir no fato da dedicação que deve ser em conjunto alinhar com a família e também obter ajuda por parte da liderança local, tentar buscar meios e medidas que possam vir a contribuir para que haja uma expansão comercial dos alimentos plantados, podendo assim obter uma diversidade de alimentos vindos da roça.

Os agricultores ao tentarem fazer a manutenção quando conseguem buscam uma maneira de adquirir melhorias para a plantação em sua roça, ainda que com a falta de recursos financeiros e alguns que não conseguem ter uma dedicação diária, ou seja, não conseguem manter uma rotina, por motivos de terem que buscar um emprego que seja fixo, como é o caso de alguns de nossos participantes da pesquisa, que precisam sair da aldeia Ipegue para poderem conseguir uma renda mensal fixa para o sustento da família, porque como já foi constatado aqui nesta pesquisa que as opções de trabalho dentro da aldeia elas são muito restritas, assim muitos precisam sair da aldeia e buscar novas maneiras de conseguir se sustentar e também consequentemente de sustentar a sua família, principalmente quem é casado e tem filhos, assim também se torna necessário ter que aprender a lidar com uma nova profissão que se encaixe no mercado de trabalho, como é o caso de Joaquim de Oliveira que é servente de pedreiro.

Figura 10 – Leonardo Flores Correia



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Leonardo Flôres Correia¹¹ é morador da aldeia Ipegue, o jovem nasceu no dia 05 de dezembro de 1997, seus pais são Rozineide Flôres e Francisco Correa e atualmente está com 25 anos de idade, ele trabalha na roça, porque há muitos anos que a sua família tem roça, então aprendeu isso desde a sua infância, além disso, ele também trabalha como locutor em uma rádio existente dentro da aldeia Ipegue, a rádio Kopenoty FM com a Frequência 102, 3, ele aceitou participar da pesquisa e poder contribuir com a pesquisa, fazendo assim fomentar ainda mais a importância do tema. Ter aprendido a trabalhar na roça vem desde sua infância, assim afirma que:

Bom isto desde a minha infância, desde criança porque o meu avô mexia com a agricultura, então desde criança eu aprendi, então eu nasci e cresci na roça, aprendendo a mexer a lidar com essa vida, lidando no dia a dia com a roça, com a agricultura que a gente mexe aqui na aldeia, e é através disso que eu aprendi. (CORREIA, 2023, informação verbal)

Ele busca manter a roça limpa, capinando, roçando, para que depois possa continuar com as suas plantações, assim menciona que o fato de continuar trabalhando e plantando na roça:

¹¹ Entrevista concedida e realizada na rádio Kopenoty FM com Leonardo Flôres Correia em 08/05/2023 às 10 horas e 16 minutos da manhã de segunda-feira na aldeia Ipegue.

Porque eu gosto de trabalhar na roça, porque foi o que eu aprendi e eu gosto de fazer, e é muito bom comer os alimentos que são plantados na roça, é uma fartura que vêm da roça, então você tira da sua roça já não é igual a do mercado que você tem que comprar, então é uma plantação nativa mesmo, vem da nossa terra. (CORREIA, 2023, informação verbal)

Então poder ter a sua própria plantação, poder tratar bem dela em sua roça é um incentivo a mais para poder continuar com o trabalho realizado na agricultura.

Figura 11 – Mamédio Antônio



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Mamédio Antônio¹² é morador da aldeia Ipegue e sempre morou na aldeia, sempre teve roça na sua família, e trabalha diariamente nela mesmo tendo a idade avançada, agora com menos intensidade, geralmente umas 03 horas por dia de trabalho dedicado a roça, ele nasceu no dia 02 de janeiro de 1947, e atualmente está com 76 anos de idade, seus pais são Chivilo Antônio e Izabel Constantino ele juntamente com sua esposa Maurícia Alfredo outra participante desta pesquisa, aceitou participar e responder as perguntas para poder colaborar com os seus conhecimentos e a sua experiência de vida com longos anos de serviço prestado na plantação de alimentos na sua roça, para suprir as necessidades de sua família, sua roça fica em um terreno próximo de sua casa, onde costuma ter plantações como banana, mandioca, entre outros.

¹² Entrevista concedida e realizada na residência de Mamédio Antônio em 09/05/2023 às 16 horas e 37 minutos da tarde de terça-feira na aldeia Ipegue.

Assim como outros anciões da aldeia Ipegue começou a trabalhar muito novo com a agricultura, dessa maneira menciona que:

Eu comecei quando eu era muito novo, não tinha naquela época esse negócio de sacolão, da cesta básica, de aposentadoria, então eu vivia trabalhando aqui trabalhando ali para suprir o sustento da minha família então quando sobrava um tempo já ia para a roça, não tinha esse negócio de botina, vou falar a verdade o nosso vestuário era o saco branco, mas agora nós temos de tudo. (ANTÔNIO, 2023, informação verbal)

E mesmo com a sua idade avançada busca sempre que consegue e pode ir a sua roça e poder limpar, capinar, manter a sua plantação, assim afirma que:

Porque já trabalho e crio roça há muitos anos já, e é o que eu sei fazer, aprendi e sei capinar, roçar, usar a enxada, foice, machado, facão, essas coisas que a gente usa para limpar, para cortar caminho no mato, então já trabalho na roça há muitos anos e gosto de fazer isso, então vou continuar fazendo isso até eu ter forças, enquanto eu conseguir fazer e graças a Deus que tem me abençoado e a toda a minha família. (ANTÔNIO, 2023, informação verbal)

Busca sempre por melhorias e também manter a roça limpa, e com suas plantações, porque dessa maneira pode consumir o que planta. Ele também destacou a importância da roça para a sua família e acredita que seja essa importância dada pelos outros agricultores Terena da aldeia Ipegue, assim pontua que:

É importante porque já é uma tradição, tá na nossa cultura já, a gente sempre trabalhou e plantou na roça, agora que eu já sou velho e não tenho mais muita força é que não consigo ter a mesma intensidade de antes, mas com certeza o trabalho na roça é sempre muito importante aqui pra gente na aldeia. (ANTÔNIO, 2023, informação verbal)

Mamédio Antônio também pode contribuir por ter muita experiência e por poder ter trabalhado em outras localidades, como em fazendas próximas, sítios, e busca ajudar no que pode a população local, com seus ensinamentos e seu aprendizado que adquiriu ao longo dos seus anos. Ele por ser ancião e ter uma longa experiência de vida muito dedicado ao trabalho na roça nos destaca a maneira como era no passado, dos subsídios produzidos na roça assim destaca que:

Olha no passado a gente comia o que tinha plantado da roça, mas para poder conseguir ter uma plantação que fosse para vender tinha que plantar bastante e também ter um bom terreno para as roças. Eu trabalhava na fazenda esperança no tempo de patrão Ênio, todo sábado um pouquinho de arroz, um pouquinho de graxa de boy que fala carne você nem pensava, tudo isso eu já passei e hoje graças a Deus tem de tudo como a aposentadoria, mas tem que pagar aqui e pagar ali. (ANTÔNIO, 2023 informação verbal)

Dessa maneira destaca que no passado a roça sim produzia e muito o suficiente para manter a alimentação da família, e que hoje com as mudanças ocorridas principalmente as ligadas aos benefícios existentes o nível de intensidade das plantações

diminuiu, mas continua quem tem sua roça a produzir o pouco que consegue para ajudar na alimentação diária.

Figura 12 – Maurícia Alfredo



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Maurícia Alfredo¹³ é moradora da aldeia Ipegue e além de ter trabalhado na roça ela também é uma xamã que tem conhecimentos em remédios caseiros com plantas e ervas, além de também ser benzedora, é uma anciã da aldeia Ipegue, ela nasceu no dia 22 de setembro de 1949, e atualmente está com 73 anos de idade, seus pais são Hozorio Alfredo e Maria Pio, ela ao lado de seu esposo Mamédio Antônio aceitaram participar da pesquisa e serem entrevistados, assim como responder todas as perguntas do questionário e dessa maneira colaborar com os seus conhecimentos e toda a sua experiência de vida e de trabalho na roça, ela continua trabalhando diariamente na roça agora com menos intensidade, porém todos os dias se faz presente na roça, também seguindo o mesmo horário de serviço de seu esposo 03 horas diárias. Começou a trabalhar na roça, com a lavoura, a agricultura a muitos anos atrás, dessa forma afirma que:

¹³ Entrevista concedida e realizada na residência de Maurícia Alfredo em 09/05/2023 às 16 horas e 24 minutos da tarde de terça-feira na aldeia Ipegue.

Comecei a trabalhar na roça faz tempo já desde pequena até agora continuo, já estou velha já, mas mesmo assim continuo trabalhando na roça, aprendi a trabalhar na roça há muitos anos atrás com finado meu pai, ele me mandava fazer o plantio da batata, plantava bastante batata, fazia farinha, eu lembro que a gente torrava a farinha lá na roça eu e finado meu pai. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

A importância que ela proporciona ao trabalho na roça também passa por entender que o contato com a natureza é importante que a mata fornecesse as ervas, as plantas que ajudam a fazer os remédios caseiros, e como as roças geralmente estão em locais com matas por perto então é preciso sempre ter esse contato. E continua ao mencionar do porque mesmo com a idade avançada, já sendo uma anciã o motivo de continuar trabalhando e plantando na roça, assim afirma que:

Porque a gente acha bom plantar na roça, comer o que a gente planta, e também porque já vêm de muitos anos o trabalho na roça, é a nossa cultura esse trabalho na roça, e aqui na aldeia Ipegue eu estou velha já, mas desde criança que eu trabalho na roça, plantando na roça e quando criei os meus filhos sempre pegava o que plantava na roça, para a gente poder comer, só da roça, então os meus filhos, meus netos já criei eles, levava eles na roça, agora que têm a aposentadoria mudou, mas sempre a gente vive do trabalho da roça. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

As contribuições dos anciões como a de Maurícia Alfredo é essencial para o enriquecimento da pesquisa porque com o seu conhecimento, pode auxiliar de diversas maneiras e com informações extremamente valiosas sobre o trabalho realizado na roça.

Figura 13 – Miguelina da Silva



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Miguelina da Silva¹⁴ é uma anciã moradora da aldeia Ipegue, além de muitos anos de trabalho prestados nas práticas de construir e de trabalhar na roça, ela também é uma xamã e têm conhecimentos em remédios caseiros feitos através de plantas e de ervas, ela nasceu no dia 29 de setembro de 1942 e está atualmente com 80 anos de idade, seus pais são Maurícia Constantino e João Fermiano da Silva, ela aceitou participar da pesquisa e também responder as perguntas elaboradas, ela achou muito importante à pesquisa tratar sobre as roças da aldeia Ipegue e acredita que com essa pesquisa possa demonstrar a valorização cultural do trabalho exercido na roça, e que mais indígenas da nossa etnia Terena possam vir a fazer mais pesquisas sobre temas que tem uma importância e um impacto muito grande na nossa região abordando temas muito significativos como o da agricultura Terena. Miguelina da Silva é a participante mais velha da nossa pesquisa atualmente como foi mencionado está com 80 anos de idade, ela tem uma enorme sabedoria que foi adquirida ao longo dos anos de sua vida com ensinamentos que foram lhes repassada por seus pais, ela além de ser uma xamã, também esteve durante muitos anos a frente da Igreja Católica Capela Cristo Redentor da aldeia Ipegue, onde pode ajudar também os membros da Igreja Católica. Pode auxiliar quando concedeu a sua entrevista para a contribuição com a pesquisa, destacando que a importância da roça se destaca pelo fato de que “com a roça têm comida o tempo todo, o mantimento está lá na casa, à comida não acaba principalmente se têm uma roça extensa, agora se parar de trabalhar na roça aí não têm comida”, então buscar sempre manter a roça com uma plantação é importante para o subsídio da alimentação. Ela também nos informou o porquê se deve continuar plantando e trabalhando na roça assim afirma que:

Para não faltar nada para os netos, as crianças, porque as crianças que sentem muito, a gente que já é grande não sente mais, agora eles que são crianças sim, os pais tem que irem trabalhar, tem que plantar para poder ter, e porque também a gente já tem essa cultura então nós temos que fazer, nós temos que plantar temos que trabalhar na roça, pelo menos ter alguma plantação no nosso quintal de casa, eu estou aqui brigando com o povo aqui de casa para plantar um pé de banana, mas ninguém me ouve e me obedece mais, eu tinha muito pé de banana no passado plantado aqui no quintal de casa, hoje ninguém planta mais e eu acredito também que os brancos poderiam nos ajudar com alguma semente, para a gente poder plantar perto do quintal, na roça, a gente iria ficar alegre, mesmo eu não tendo mais força para trabalhar, porque o que a gente fez já fez, eu plantava e fazia muita roça, ficava até a noite na roça ia cedo já trabalhar na roça, e eu acho que por mais que não tem mais roças como antes do povo não plantar mais, mas mesmo ainda assim nunca vai acabar as roças aqui na aldeia aqui em Ipegue, porque é um saber nosso é tradicional e está atrelado e enraizado na nossa cultura local é uma

¹⁴ Entrevista concedida e realizada na residência de Miguelina da Silva em 07/05/2023 às 10 horas e 44 minutos da manhã de domingo na aldeia Ipegue.

valorização cultural nossa daqui da gente que mora aqui, de nos que somos indígenas da nossa etnia Terena. (SILVA, 2023, informação verbal)

Diante disso é possível afirmar que todas essas entrevistas que foram realizadas para a elaboração desta pesquisa evidenciam que o saber tradicional Terena existente na aldeia Ipegue quando buscado e pesquisado pode-se aprender muito, com os conhecimentos existentes, com a memória dos anciões que enriquecem ainda mais e formam elementos que demonstram o trabalho existente realizado nas roças, essa prática da agricultura, da lavoura, que existe na aldeia Ipegue ela faz parte da cultura local e procurar uma maneira de sempre há manter para que nunca acabe, é uma maneira de sempre permitir a existência dessa prática.

CAPÍTULO 3

AS PERMANÊNCIAS E ATUALIZAÇÕES PRESENTES NAS ROÇAS DOS AGRICULTORES TERENA DA ALDEIA IPEGUE

Este capítulo tem por objetivo demonstrar a prática das roças realizadas por nós Terena da aldeia Ipegue, para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas entre as quais privilegiamos autores e autoras indígenas e entrevistas com os agricultores e as agricultoras Terena, principais fontes que compõem este texto e nesse sentido demonstrar as atividades de plantações realizadas na aldeia Ipegue.

Entre as pesquisas realizadas por indígenas constam: Cardoso (2004, 2011), Miranda (2006), Salvador (2012), Jordão (2014), Peralta (2022), Baltazar (2010, 2022), para além desses, os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores não indígenas também compõem esse texto sendo eles, Vieira (2004), Fehlauer (2011), Moreira e Bianco (2018), entre outros que ajudam a refletir sobre a agricultura. Sendo ela, uma das atividades importantes para os moradores que trabalham em suas roças na aldeia Ipegue, pois está ligada a cultura local, acompanha o seu desenvolvimento, nesse sentido vivencia as modificações pelas quais passa a aldeia, como o aumento populacional entre outros fatores que influenciam diretamente em áreas para a formação das roças, ou melhor, da falta de área para a formação das roças.

Assim, antes de prosseguir com os pesquisadores e pesquisadoras indígenas, recorreremos a uma produção bibliográfica já bastante conhecida sobre os Terena, mas que evidencia desde tempos antigos a nossa relação com a terra e com as plantações. Segundo Kalervo Oberg, antropólogo que esteve entre os Terena da aldeia Bananal vizinha da aldeia Ipegue, entre os anos de 1946 e 1947 registrou várias informações a respeito de nossas roças. Assim, informou que:

Os Terena, outrora um povo de agricultores, que entremeavam o plantio com a caça, pesca e coleta, vivem hoje na dependência econômica das povoações brasileiras vizinhas, dedicando-se ao plantio de mandioca, cana-de-açúcar, e trabalhando nas fazendas próximas. (OBERG, 1949, p.286)

Como é possível perceber a produção bibliográfica realizada sobre nós ao longo dos séculos tanto por cronistas, viajantes, quanto por antropólogos entre outras características sempre fomos registrados como povos agricultores, como um povo que se dedica a agricultura, exercendo o trabalho na lavoura, sempre plantando os alimentos na roça.

3.1 – A roça de subsistência presente na aldeia Ipegue

A presença dos Terena na roça é constante, ainda que a roça tenha mudado muito nos últimos anos, ela permanece entre nós, quer seja para subsistência ou como pequeno comercio de produtos alimentícios ainda hoje mantido.

Segundo o pesquisador Terena Wanderley Dias Cardoso (2004), a roça é fator fundamental para marcar novos ciclos na vida indígena, embora sua pesquisa seja referente à aldeia Limão Verde, a realidade que aponta se estende para outras aldeias Terena, sendo esse o caso da aldeia Ipegue, assim:

A distribuição das famílias no espaço da aldeia se dá por sistema piramidal. O pai tem uma posse territorial que é simbolizada pelas árvores e pela plantação, e o filho, ao se casar ou emancipar, recebe um pedaço de terra onde, também, vai plantar suas árvores e sua roça, começando, então, a ter posse sobre este pedaço. Como a aldeia vivia exclusivamente da terra, todas as suas atividades eram voltadas para a terra e para a produção vinda dali [...]. (CARDOSO, 2004, p.31)

Ainda segundo Cardoso (2011):

Em um passado não muito distante os Terena utilizavam a técnica da coivara para a plantação. Geralmente, roçava-se o local pretendido para a plantação, queimava-se o mato roçado, destocava o que restou do fogo e finalmente plantava-se. As plantações eram as mais variadas, compostas da alimentação base: arroz, mandioca, milho e feijão, e outras plantas em menor escala, como quiabo, abóbora, cará, batata-doce, cana-de-açúcar, amendoim, melancia além das frutas como laranja, caju, mangas (as comuns são a bourbon, espada e mangarita). A rotação ou descanso da terra era um fator determinante para a boa colheita de safra em safra. Junto à plantação praticava-se a coleta de mel e frutas silvestres: guavira, pequi. (CARDOSO, 2011, p.45)

Nesse sentido, o pesquisador Terena Claudionor do Carmo Miranda (2006) destaca a importância do saber tradicional indígena e também do conhecimento indígena, ele aponta que os indígenas estão sempre em contato com a natureza então por terem essa proximidade conseguem extrair e ter a percepção, ter uma maior atenção para a biodiversidade existente, algo que na maioria das vezes passa despercebido ou então não têm a atenção necessária, com o ritmo cada vez mais frenético de consumismo e também de exploração dos recursos naturais, tornou-se comum às pessoas que não tem esse contato mais intenso com a natureza, com a mata, procurar meios de tentar lucrar em cima de alguns recursos que a natureza proporciona, seja pela retirada e venda ilegal de madeiras, ou então, a exploração de algumas plantas ou ervas nativas da mata. Sobre o saber tradicional Miranda (2006) considera para o seu trabalho a definição que foi estabelecida pelo Primeiro Relatório Nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica (1998), na qual se define saber tradicional como:

Conhecimento a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração, práticas e inovações e não um simples repositório de conhecimentos do passado. É um modo de produzir inovações e transmitir conhecimentos por meio de práticas específicas. (BRASIL, apud, MIRANDA, 2006, p.84)

Assim Miranda (2006) caracteriza a roça tradicional praticada pelos indígenas Terena, como o que se vincula ao saber tradicional que é utilizado por esses povos, dessa maneira afirma que:

Nas comunidades Terena, estes saberes são de domínio exclusivo dos anciãos, que trabalham suas lavouras segundo seus conhecimentos tradicionais e lutam incansavelmente para que este conhecimento não desapareça. Mas este tema não tem chamado à atenção dos profissionais da área agrícola que trabalham com comunidades indígenas e percebe-se, atualmente, que a juventude também não tem dado importância para isso. Quando os pais indígenas saem com seus filhos para a roça, para trabalhar na lavoura, para a mata buscar lenha, madeiras e tirar mel ou para o rio pescar, tem todo o cuidado de ensinar as melhores estratégias [...]. (MIRANDA, 2006, p. 84)

Ainda referente às roças e a importância que ela exercia e ainda exerce na vida dos Terena, o pesquisador indígena Paulo Baltazar (2010) destaca que:

Cada núcleo familiar, que correspondia a um dos clãs, coletava o mel silvestre – tarefa dos homens – para as festas religiosas, consideradas como a alma de todas as cerimônias e celebrações culturais do povo Terena. Eles faziam o “kavâne” que era a roça para o sustento familiar, utilizando um bastão de madeira para o plantio de mandioca, milho, cana-de-açúcar e algumas variedades de feijão entre as modalidades agrícolas mais comuns. O trabalho do “kavâne” movimenta toda a família no preparo do solo para o plantio, que ia desde os roçados das matas – trabalho exclusivo dos homens – até a coivara com a participação das mulheres e crianças. Toda essa atividade exigia uma extensa mão de obra, tendo em vista a grande quantidade de madeiras e gravetos carbonizados para serem retirados e amontoados fora de área de plantio. (BALTAZAR, 2010, p. 35-36)

Nesse sentido as informações registradas pelos Terena nos ajudam a compreender parte da dinâmica da plantação, segundo Elcio Flôres com 65 anos de idade morador da aldeia Ipegue afirmou que:

No passado o pessoal escolhia a área, eles mesmos roçavam, limpavam a área depois cortavam as árvores que eram maiores, e depois dava uma rápida queimada, e quando ficavam aqueles pedaços de madeira, de pau, juntava tudo em fileira e aí ia capinar, e hoje já mudou esse processo porque geralmente quem tem uma condição financeira um pouco melhor, e tem roça independentemente da extensão do terreno que tem costuma pagar alguém para poder fazer a limpeza da sua roça, para que dessa maneira possa se plantar os alimentos como rama de mandioca, milho, feijão miúdo naquela área que está limpa. (FLÔRES, 2023, informação verbal)

Ainda corroborando com essas afirmações, constam as de dona Miguelina da Silva, anciã e xamã Terena, atualmente com 80 anos de idade, informou que: “quando eu nasci, meu pai e minha mãe já tinham mandiocas, então faz muitos anos já que a

minha família tem roça, e assim a gente foi indo e trabalhando na roça”, quantos aos produtos que plantavam “o que a gente plantava na roça como o arroz, mandioca, feijão, batata, esses alimentos que a gente plantava e depois íamos colher, então desde criança que eu já trabalhava na roça e plantava na roça”.

Continua a nos orientar, quando questionada sobre as técnicas de plantações dos antigos:

As técnicas que eram usadas antes era de limpar a roça, roçar e depois queimar, esse era o processo que se repetia sempre que iria se plantar algum alimento, como o arroz, feijão, milho esses alimentos que eram bem mais frequentes antes aqui na aldeia você via bastante dessas plantações aqui em Ipegue. (SILVA, 2023, informação verbal)

As informações sobre as roças e como elas eram realizadas anteriormente, ou seja, quando a prática envolvia toda família na atividade, são informações constantes entre os mais velhos que realizavam e ainda realizam roça, como foi possível perceber com os depoimentos mencionados anteriormente. Diferentes épocas, diferentes aldeias Terena, mas todos com o mesmo sentindo no texto, o que demonstra a prática comum das roças em todos eles.

Ainda seguem as informações nesse sentido Demétrio Gonçalves, morador da aldeia Ipegue com 73 anos de idade ainda trabalha na roça, como ele mesmo informou trabalha somente pela manhã devido ao sol ser muito forte na parte da tarde. Continua com as suas plantações:

Desde pequeno, quando eu era pequeno, meus pais já tinham roça, aí eu tentei estudar, mas aqui não tinha escola para que eu pudesse continuar apenas no Distrito de Taunay, mas era muito longe e naquela época tudo era muito difícil então à distância para ir daqui da aldeia Ipegue até o Distrito de Taunay era muito longe, então dessa maneira comecei a trabalhar novamente na roça. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

O trabalho na roça ainda persiste, na aldeia Ipegue, de forma um pouco mais reduzida. Corroborando com essas afirmações consta o trabalho realizado pelo pesquisador Terena Mario Ney Rodrigues Salvador (2012), nele demonstra que:

A formação de roças sempre foi um elemento importante na economia doméstica Terena. A agricultura indígena é praticada em pequena escala, pequenas roças familiares que fornece determinados cultivos cada qual em sua época. Considerá-la como precária ou rudimentar seria correto numa comparação com o padrão “moderno” da cultura ocidental, mas não para os indígenas que há mais de um século após a criação das Reservas a exercem dessa forma. O que se pode afirmar é que ela segue um ritmo diferente do padrão da agricultura capitalista tido como “desenvolvido”, principalmente as grandes empresas rurais. O declínio e a descontinuidade das atividades tradicionais não significaram o seu abandono, pura e simplesmente injustificado. Tais aspectos devem ser analisados sob uma perspectiva holística do conjunto dos processos sociais do contexto ao qual estão inseridos. (SALVADOR, 2012, p.39)

Para além desse contexto, outras situações pontuais também são vivenciadas pelos Terena, o aumento populacional que implica diretamente na questão territorial, pois as terras reservadas no início do século XX, para as aldeias não atenderam as especificidades do grupo indígena, não levaram em consideração o seu aumento populacional e as demais necessidades dos povos indígenas, contexto que implicou nas lutas e reivindicações territoriais até os dias atuais, como já demonstraram os trabalhos de Vargas (2003, 2011), Ximenes (2011, 2017), Amado (2019). O aumento populacional implicou diretamente nas áreas destinadas para as roças, pois exige a construção de casas em áreas que na maioria das vezes eram destinadas as roças, com o decorrer do tempo a necessidade de ter um terreno para a construção de casas, as roças passaram a sofrer marcações menores no redor então se tornou comum ter casas e no mesmo terreno ter alguma plantação, todas essas informações já foram mencionadas nos capítulos anteriores, porém aqui vale destacar novamente e dessa maneira poder demonstrar as permanências e as atualizações presentes que passam pelo processo do que gerou resultados para uma evolução na agricultura, e do que continua presente nos tempos atuais e dificultando a execução de sua prática.

Ainda no que se refere à diminuição territorial Cardoso (2011) demonstra que na década de 70 começaram a ocorrer mudanças no roçado, às transformações que passaram a serem áreas de produção agrícola deixando de serem terras políticas, foi um dos principais motivos para as transformações que ocorreram na agricultura tradicional. Assim,

[...] As adaptações efetuadas pela população Terena foram de certa forma forçadas, uma vez que o modelo atual de produção (monocultura, maquinário pesado e insumos químicos), voltada principalmente para o comércio, é imposto de fora, principalmente por programas públicos, de maneira massiva a partir do final da década de 1970. Geralmente esses programas carregam um apelo comercial no discurso de — geração de renda. São, portanto, incompatíveis com as especificidades das quais era detentora esta população indígena: diversidade de culturas e de espécies o trabalho com o solo por meio da coivara e rotatividade do espaço cultivável, criação de pequenos animais, práticas realizadas pelo grupo familiar e voltadas, principalmente, para o consumo interno, sendo a troca o principal mecanismo de distribuição. A entrada de máquinas para o preparo do solo parecia trazer consigo a melhoria de vida. Crescia ano a ano a expectativa de que a monocultura (feijão, milho e arroz, principalmente) fosse resolver todas as necessidades da comunidade. Com o passar do tempo, no entanto, a cada colheita realizada, os terenas viam seu produto sendo desvalorizado nos mercados do entorno regional, levando-o a entregá-lo a preços mínimos. Não tendo escolha na hora de combinar o preço da venda, o indígena volta para Limão Verde desapontado, pois o preço obtido não é suficiente para garantir suas necessidades básicas até a próxima safra, onde muitos ficarão esperando, novamente, pelo apoio do Poder Público, por meio de projetos afins. Essa conjuntura transforma o Terena em mão de obra barata, na busca de satisfazer as necessidades mínimas de sua família. (CARDOSO, 2011, p. 45-46)

A seguir algumas imagens de roças existentes na aldeia Ipegue, de agricultores Terena que aceitaram participar da pesquisa, para serem tiradas esses registros fotográficos foi pedido a autorização e foi concedido a permissão de cada proprietário de roças, são eles Edil Alfredo com 60 anos de idade, Joaquim de Oliveira com 55 anos de idade, Mamédio Antônio com 76 anos de idade e Maurícia Alfredo com 73 anos de idade.

Figura 14 – Roça de Edil Alfredo



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

A figura 14 mostra a roça de Edil Alfredo, na imagem é possível analisar que a terra está batida, o solo foi arado com enxadão, e houve uma pequena queimada em linha reta, do lado há colônia, que está com a mata bem alta, porém essa parte do terreno já pertence a outro morador da aldeia por isso foi limpo apenas até a parte onde está destacado, será plantado mais ramas de mandiocas nessa parte da terra que está arada.

Figura 15 – Roça de Edil Alfredo



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Na figura 15 mostra na mesma área da roça de Edil Alfredo, porém num outro lado da roça, o solo já melhor tratado e com algumas plantações de mandiocas nascendo e ao fundo no canto esquerdo já há pés de mandiocas grandes, e do lado direito e ao fundo um pouco de colômbio com a mata alta.

A roça de Edil Alfredo fica um pouco distante da sua casa, em um terreno que tem uma boa extensão de terra, por isso costuma ir cedo para a roça, para poder trabalhar lá, costuma ir trabalhar sozinho, além disso, costuma ir à mata que fica mais distante de sua roça, para poder pegar lenha, para poder levar e ser utilizado no fogão de lenha que tem em sua casa.

Ele tem essa rotina todos os dias inclusive nos finais de semana, mas com o tempo reduzido, vai apenas pela manhã, agora ao longo da semana fica a manhã inteira e a tarde inteira na sua roça têm uma grande dedicação sobre a sua plantação, essa é a rotina e é a dedicação exercida por Edil Alfredo no trabalho em sua roça.

Figura 16 – Roça de Joaquim de Oliveira



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Na figura 16 mostra a roça de Joaquim de Oliveira nela vemos que há uma plantação de milho, porém ela está suja ao fundo tem colônia alto, como ele trabalha geralmente para fora da aldeia, dessa maneira não consegue deixar sempre limpa a sua roça, ele faz a manutenção, mas também sofre com a falta de recursos financeiros para conseguir suprir as necessidades.

Dessa maneira é importante que as lideranças juntamente com o cacique possam fornecer o apoio que é necessário para que o terreno onde esteja destinada a plantação possa ser limpo, e possa suprir e conseguir uma boa manutenção desse solo ter o reaproveitamento para que futuramente possa ser destinado a uma nova plantação, como mandioca, feijão verde, etc.

O milho é um alimento muito consumido por isso quando é plantado consegue ser aproveitado em larga escala, e consegue ser feito uma boa colheita, assim vai fazendo para sempre ter alguma plantação e ir cuidando e tratando do solo, ou seja, tenta fazer a preservação da terra para que não fique muito batida, e possa ser bem reaproveitada, essa é a dinâmica utilizada pelos Terena da aldeia Ipegue, sempre tentando buscar e trazer melhorias da maneira que podem e que conseguem, porque se tivesse um bom recurso financeiro poderia ter uma melhor manutenção do terreno.

Figura 17 – Roça de Mamédio Antônio e Maurícia Alfredo



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Na figura 17 podemos observar a plantação de mandioca na roça de Mamédio Antônio e de Maurícia Alfredo, essa roça é em um terreno que se encontra atrás da residência deles, onde procuram sempre manter uma plantação para assim poderem tratar do solo e fazer com que permaneça sempre fértil, mesmo sendo anciões, tendo a idade mais avançada ainda assim trabalham quase que diariamente, dessa maneira podem ter os seus subsídios de alimentação, então consomem o que produzem, se nutrem de seus alimentos vindos de sua roça, como é o caso da mandioca que aparece na imagem, mas outros alimentos que são comuns como a banana, milho, feijão verde, abóbora, abobrinha, melancia, entre outros.

O terreno destinado para as roças preenchem uma parte geralmente se encontram em um terreno distante das casas dos agricultores, porque são terras que eram da família e foram doados pelos pais então para que o terreno não suje, eles limpam e constroem as roças nessas localidades.

Sobre o tamanho que as roças ocupam em uma área indígena Fehlauser (2004) afirma que:

Com relação ao tamanho das roças e no tipo de prática que nela é constituída, exceto no preparo de solo, em operações braçais, embora pareça paradoxal, o problema da falta de terra na aldeia não responde imediatamente a um desejo de grande ampliação das áreas de plantio, mas, sobretudo para permitir o

descanso da terra e a possibilidade de plantar em terra nova, de maior potencial de produção, ou seja, de compensação ao trabalho. No geral cada família planta a quantia que possa dar conta. Esta quantia é variável obviamente pelo tamanho da família. No entanto, é comum famílias do mesmo tamanho com roças de tamanho diferente, o que não quer dizer de imediato, como num julgamento precipitado, a certeza de que quem tem plantios mais extensos teriam maiores recursos ou que são mais trabalhadores. Há casos que a limitação da roça ocorre devido a maior intensidade e “agressividade” do estabelecimento de plantas ditas “invasoras”, demandando maior trabalho de capina [...]. (FEHLAUER, 2004, p. 103)

Dessa forma a roça ocupa um espaço considerável, obviamente que vai depender muito de cada família o quanto de extensão de terra possui e o quanto foi destinado para poder construir a roça.

Miranda (2006) também chama a atenção para relação que existe entre os anciões Terena e a natureza, dessa maneira destaca que:

Os Terena mais velhos buscam, ainda, aproveitar os recursos que a natureza lhe oferece para produzirem seus alimentos, tentam tirar da natureza somente o suficiente para alimentar suas famílias, deixando para trás a ambição de ficar rico explorando a única fonte de alimento para seus filhos, que é a terra [...]. (MIRANDA, 2006, p. 85)

E completa que:

É importante ressaltar que, enquanto os profissionais da área técnica defendem a aplicação de calcário para recompor a qualidade do solo, de produtos químicos para combater as ervas daninhas, nossos anciões entendem que a natureza dará conta de recompor as qualidades originárias do solo, através do pousio da terra e da diversificação das culturas [...]. (MIRANDA, 2006, p. 85)

Os anciões Terena sempre tem a preocupação em preservar a terra, manter o solo em um bom estado de conservação, para que dessa forma possam sempre recompor, com boas plantações, e preservar durante as fases das estações do ano. Peralta (2022) destaca a sustentabilidade alimentar aliada a sustentabilidade espiritual, assim afirma que você é o que você come, a alimentação define as pessoas, sendo assim uma mandioca ou um milho bem plantado, e bem benzido, dará para esse agricultor indígena saúde e alegria para todo o corpo, como também para toda a família dessa pessoa, sendo importante preservar e manter sempre em bom estado o solo, a terra onde irá ser plantado, procurar melhorias para manter a roça, para Xakriabá (2018, p. 74) “na prática do semear, do plantar a roça e no ato da alimentação no próprio núcleo familiar ou em momentos festivos, há também uma transmissão de conhecimento”, a alimentação que vem da roça é muito rica para as comunidades indígenas.

A anciã e xamã Miguelina da Silva com 80 anos de idade, nos orienta sobre a maneira como é a relação dos Terena com a natureza, e as práticas de saberes

tradicionais e de saberes espirituais, para que se possa ter uma boa plantação e ter uma boa colheita é sempre estar em constante contato e harmonia com a natureza, dessa maneira afirma que:

A gente faz água benta, para poder banhar quando são pequenas as plantas, e joga a água benta, porque quando planta a mandioca fica reto, não pode ficar reto, aí você joga a água aqui, a água vai para fora, porque fica meio buraco, joga a água aí fica molhada, tem que rezar para a gente plantar, tem que pedir a Deus o terreno para a gente poder plantar, era assim pedia o terreno, a terra, pedir a Deus, lá embaixo, porque quando a gente quer plantar a gente faz a oração lá, no terreno, marca o pedaço onde você quer plantar, faz a oração, todo mundo tem a oração, não sei hoje se as pessoas mais novas já têm ou não, tem dia de fazer a festa e tem dia de fazer a colheita, mas agora eu acho que ninguém faz mais, não têm mais, você vê não tem laranja, acabou a laranja, só lá na mãe da Jane que tem laranja, ela ainda levanta de manhã cedo e leva para ajudar o pé de laranja, ora naquele pé, aí joga lá a água benta, aí o pé fica carregado de laranja, só ela que tem, ela me contou que carregou o pé de laranja, pé de poncã, a oração que eu digo é a oração de falar com Deus, de falar com Jesus Cristo, de pedir o terreno, fazer para poder ficar bonito, a gente quer ver a planta bonita, e a gente quer ver a pessoa boa, não ser briguento, porque pessoas assim que estragam, se quiser fazer três vezes ou sete vezes a oração, para poder falar com Deus, poder falar com Jesus Cristo, o pessoal ia comungar na Igreja, eu me recordo que a minha avó cantava em cima, falando com Cristo também, mas ela não falava Cristo e sim falava Itukó'oviti era difícil escutar a palavra Cristo, agora que se fala muito Cristo, era para serem bem melhor as coisas já que se falam muito sobre Cristo, o que atrapalha são esses irmãos que falam as coisas diferentes. (SILVA, 2023, informação verbal)

Podemos notar que a uma forte ligação no que se refere às práticas de plantações ligadas a espiritualidade por parte dos Terena, sempre buscando esse contato através de rezas e orações, e menciona que antes não se falava Deus, Jesus Cristo e sim mencionava a palavra na língua materna Terena *Itukó'oviti*, que quer dizer na língua Portuguesa “criador”, mas com o passar dos anos foi se tornando cada vez mais rotineiro falar Deus e Jesus Cristo. Maurícia Alfredo anciã e xamã de 73 anos de idade explica que a prática de rezar para que as plantações na roça tivessem maior êxito, que sempre recorriam ao pai dela, “finado meu pai rezava, fazia a reza, todos chamavam ele para rezar”.

Também podemos destacar como técnica para poderem fazer a plantação na roça tradicional à forma como os anciões Terena analisam as fases da lua, dessa maneira Demétrio Gonçalves ancião de 73 anos de idade nos explica que “olhava a lua a cheia para poder plantar mandioca e batata e a mingunte arroz e milho, era utilizado essas orientações lunares”. Então Miranda (2006), através de uma entrevista oral que ele fez com o seu pai e transcreveu sobre os ciclos naturais da lua e do vento, reforça através da fala de seu pai afirmando que:

[...] meu filho, a lua e o vento são um dos melhores indicadores para nós índios na época do plantio. Não se planta nenhuma cultura de “rama” na lua crescente. A maioria das culturas de subsistência se planta na lua nova. Quando se está plantando e começar a ventar sul, pare e não prossiga, porque a cultura quando crescer viçará muito e não produzirá. (DIONÍSIO MIRANDA, informação verbal, 2006, apud MIRANDA, 2006, p. 87)

Esse saber tradicional é adquirido pelos anciões, porque com essa técnica de observar as fases lunares, como a lua nova, crescente, minguante e a cheia, conseguem saber quais alimentos são bons para poder plantar durante a fase determinada da lua. Assim Miranda (2006) destaca que o saber tradicional está ligado ao saber científico, porque assim as técnicas elas se interligam, dessa maneira afirma que:

Há uma relação importante entre os saberes tradicionais e o saber científico. No relato anterior, quando o ancião diz que não se planta ramas na lua crescente, destaca que, neste período, a força de atração da lua sobre a terra aumenta, diminuindo consideravelmente a gravidade terrestre. Isto provoca dentro da planta um maior movimento e quantidade de água, razão pela qual, ao cortar uma estaca ou uma rama, há uma maior eliminação de água e ao ser plantado poderá morrer por desidratação. Afirma, ainda, o mesmo autor que, no caso específico das estacas que são utilizadas para a propagação vegetativa, realmente não é conveniente cortar, nesta fase, pois ao haver muita água dentro dela, os hormônios que promovem o enraizamento (auxinas) estarão muito diluídas e não ajudarão a estimular a emissão das raízes. E quando o ancião afirma que a lua nova é a fase de plantar cultura de subsistência, como o arroz, milho, feijão, etc., é porque, justamente nesta fase há um grande movimento de água no subsolo e as sementes, ao entrar em contato com a mesma, terão oportunidade de absorver água mais rapidamente e germinar no tempo previsto e de forma mais homogêneas que em outras fases da lua. (THUN, 1991, apud MIRANDA, 2006, p. 87-88)

Assim podemos notar que os anciões tem um cuidado enorme para poder sempre preservar a terra, o solo, onde está à plantação procurando o equilíbrio com a natureza, Vieira (2004) destaca sobre a roça tradicional que a escolha do lugar, do plantio, tudo isso impacta muito na hora da colheita, e geralmente os mais velhos são os que conseguem manter uma boa plantação e ter uma colheita melhor e mais apropriada em suas roças, e que a terra serve como base para uma melhor produção e desenvolvimento dessa atividade agrícola, então a valorização é de suma importância. Miranda (2006) afirma que nas comunidades Terena existem as formas tradicionais sobre os conhecimentos que foram adquiridos ao longo dos anos, se tornando conhecimentos históricos sobre as práticas agrícolas, da maneira como é feita a escolha e o armazenamento das sementes, a época correta para o plantio, para ser feita a colheita, respeitando as fases da lua, as estações do ano, como verão, primavera, inverno, outono, porém o avanço tecnológico esse existente em sua maioria nas cidades, acabou atropelando os conhecimentos e saberes tradicionais, porque associaram mais a tecnologia como a característica mais marcante para o desenvolvimento agrícola.

Também destaca a nova fase que há para poder haver o preparo do solo, atualmente é sempre feito por maquinários, sendo necessária a utilização do trator, da grade agrícola para poder arar a terra, e é usada geralmente três vezes ao ano, no início do ano como janeiro e fevereiro, no meio do ano julho e agosto, e por fim no final do ano novembro e dezembro, sendo os alimentos mais plantados o feijão miúdo, milho, abóbora, mandioca, melancia, maxixe, e em alguns anos atrás era muito comum ter mais plantações de arroz. Tratando sobre os alimentos gerados pelas roças Jordão (2014) afirma que:

Os alimentos gerados pelas roças são o milho soporó, a mandioca chupu, que são consumidas cozidas ou raladas como farinhas ramokó para a produção de bolos, doces e demais alimentos produzidos de acordo com a culinária Terena; produz também cana-de-açúcar, takureí feijão miúdo kareoke, feijão rasteiro, maxixe, abóbora kamé, batata koe'é. Nos quintais das casas produzem frutas abundantes durante o ano todo, como é o caso de banana pananá, acerola, caju, seriguela, jaca, jabuticaba, goiaba, laranja narangá, limão, mamão chapaú, manga, maracujá. Essas frutas incrementam a alimentação dos indígenas, apesar de algumas não serem de espécies nativas. (JORDÃO, 2014, p. 62)

Esses alimentos são encontrados com frequência nas roças indígenas Terena e eles se adequam a contagem de meses do ano pois há meses específicos para que se possa realizar a plantação de determinado alimento na roça, isso demonstra o saber tradicional que os agricultores anciões Terena adquiriram ao longo do tempo de trabalho exercendo sempre essa atividade.

3.2 – O cotidiano do trabalho realizado na roça e os tipos de roças existentes

Moreira e Bianco (2018) apontam para o cotidiano, a família e as condições de vida de quem exerce a prática do trabalho na roça todos os dias, que o dia a dia do agricultor se concentra na atividade produtiva, ou seja, não tem uma hora fixa para começar e nem para terminar, obviamente com as condições que são impostas atualmente como o sol sendo muito escaldante, fica difícil realizar o trabalho na roça durante o dia inteiro, porém os que conseguem manter uma rotina diária trabalham até onde o sol fica à vista. Na aldeia Ipegue os agricultores Terena começam cedo desde as 05:00 horas da manhã já estão se preparando para ir a roça e ficam no período da manhã até as 11:00 horas da manhã, depois voltam as 13:00 horas da tarde e vão geralmente até as 17:00 horas da tarde. À noite ao chegarem a casa tomam o seu banho e procuram descansar, “[...] a hora da janta, por sua vez, marca o início do período diário de descanso [...]” Moreira e Bianco (2018, p. 105). Os homens e as mulheres possuem papéis bem definidos acerca das atividades diárias executadas na família, enquanto os

homens que saem são geralmente pais de família, para irem trabalhar, cuidar do plantio na roça, as mulheres, as mães de família ficam cuidando dos filhos, da casa e também fazendo os serviços domésticos. Dessa maneira Moreira e Bianco (2018) destacam que:

Embora considere que a vida no campo é dura e que os filhos e netos mereçam algo melhor, o agricultor familiar se orgulha do que faz e não se imagina trabalhando com outra coisa. A dificuldade que ele enxerga não está relacionada ao trabalho desgastante, mas sim às condições externas à produção, tais como a tributação, a falta de apoio dos governos municipais, estaduais e federais, e mesmo a maneira pejorativa com que a sociedade urbana o enxerga. O agricultor familiar tem convicção de que é o seu trabalho que alimenta e sustenta toda a sociedade. Mas afirma isso sem arrogância. Ele fala com desconsolo e tristeza de uma sociedade que o olha como uma pessoa menor porque se veste de maneira humilde, tem pouco estudo e nem sempre sabe usar as palavras de maneira correta. Ele desconhece o motivo dessa soberania urbana sobre a rural, mas gostaria de compreender. Mesmo sendo visto como alguém que a sociedade urbana julga ser menor, o agricultor acha que a vida é difícil, mas é boa. (MOREIRA, BIANCO, 2018, p. 108)

Mas mesmo tendo esse cansaço diário com o trabalho realizado na roça, o agricultor sempre procura meios de manter a base da alimentação de sua família.

Miranda (2006) destaca que nos tempos antigos o preparo do solo, da terra para ser feito o plantio era com o uso da enxada, e geralmente feita em mutirões, toda a comunidade ajudava, porém com a introdução dos maquinários, isso mudou como o trator que passou a existir nas aldeias com uma ilusão de que tudo seria mais fácil e ágil, no entanto, em torno disso havia o interesse político porque quando ocorrem os pleitos eleitorais tanto municipais quanto estaduais, os políticos que são candidatos, o cacique que quer reunir votos para algum candidato ou até mesmo para ele próprio se reeleger, distribuem óleo diesel, o trator sempre está disponível para atender a toda a aldeia, aos que tem roça, mas quando acaba o período do processo eleitoral é muito comum voltar à dificuldade para conseguir ter a terra arada para se fazer um novo plantio em sua roça, dessa maneira não conseguem mais plantar, porque o terreno suja e precisam da terra arada para poderem fazer um novo plantio. Porém destaca que para a população indígena a introdução do trator e de seus equipamentos foi um avanço importante para poder conseguir ter mais facilidade no processo de limpeza da roça, assim em uma entrevista ao qual Miranda (2006) realizou ele destaca que:

Com o trator, o trabalho na lavoura ficou melhor. Enquanto meu pai ficava vários dias preparando a terra para plantar, hoje, em apenas um dia o trator faz tudo e para mim é melhor porque sobra tempo para estudar, caso contrário teria que ajudar meu pai a preparar a terra para plantar por vários dias e faltar às aulas na escola. (NELSON DA SILVA, informação verbal, 2006 apud MIRANDA, 2006, p. 99-100)

E completa que:

Com relação à facilidade e agilidade proporcionada com o uso do maquinário agrícola o jovem indígena tem razão, mas sob o ponto de vista de conservação do solo, as experiências dos anciãos têm prevalecido, pois o solo das comunidades indígena tem se desgastado muito nos últimos anos, principalmente com o uso rotineiro do trator na mesma área de plantio. Antigamente se fazia constantemente rodízio de plantio e a estrutura do solo das aldeias era visivelmente melhor, mas hoje, em função do aumento da população indígena e em sua grande maioria, diminuição das terras tradicionais, esta prática deixou de ser aplicada com tanta frequência nas lavouras indígenas, causando uma alta exploração dos solos de plantio nas comunidades Terena e consequentemente a baixa fertilidade dos solos, proporcionando o aparecimento de muitas ervas daninhas que antes não se encontravam nas lavouras indígenas e que são difíceis de controlar manualmente, principalmente com enxadas, como é o caso da infestação de carrapicho (*Cenchrus echinatus*) nas lavouras Terena. (MIRANDA, 2010, p. 100)

Dessa forma assim como houve a facilidade com o maquinário para haver a limpeza do terreno, para poder ter uma área melhor e fazer as plantações da roça, os Terena acabaram tendo uma dependência do trator e dos maquinários para poder ter a terra arada, e assim conseguir manter o plantio. Para Cardoso (2004) a agricultura tradicional voltada mais a monocultura, a utilização de instrumentos para à prática que são pesados e tornaram o trabalho puxado e desgastante, com a entrada de maquinários que conseguem cumprir bem o seu papel na limpeza e construção de roças, fez com que o trabalho fosse menos intenso, porém as dificuldades principalmente a financeira se manteve.

Na aldeia Ipegue a roça tradicional ela é praticada pelos agricultores Terena, assim conseguem fazer a manutenção através de suas ferramentas próprias ferramentas de trabalho como enxada, enxada, facão, foice, machete e também quando consegue obter a ajuda do trator para poder passar em suas roças com a grade agrícola e arar a terra, porém se não obtiverem o trator para arar a terra recorrem as suas próprias ferramentas de trabalho. Conforme os relatos dos agricultores Terenas, eles destacam a roça de toco, ou seja, a roça tradicional, também pode ser caracterizada na aldeia Ipegue como roça de toco, que é a roça feita pela força braçal, não tem maquinários, é feito no muque, no serviço bruto, na mecanização do solo, da terra, uma prática de pequenas derrubadas da mata e de pequenas queimadas para poder limpar o terreno da roça, podendo assim fazer o plantio.

Sobre a roça de toco Beltz (2012) afirma que:

O sistema de roças utilizadas pelos povos indígenas é na maioria o sistema de roças de toco, que consiste em derrubar e queimar a mata para o plantio. Apesar da resignificação cultural que os povos indígenas veem sofrendo, muitas etnias procuram manter seus conhecimentos tradicionais, cultivando as roças de toco familiares ou comunitárias. A divisão de trabalho entre os

gêneros é uma semelhança encontrada entre as etnias estudadas, homens e mulheres dividem as tarefas de trabalho, desde a construção da roça até a colheita e preparo dos alimentos. Essas etnias procuram manter seus conhecimentos tradicionais, desde o preparo da roça, a escolha do solo, estocagem de sementes, rituais de plantio ou colheita dos alimentos. E apesar de algumas mudanças, os povos indígenas estudados procuram transmitir para as novas gerações, ensinando para os filhos através da participação e observação os costumes de cultivar os alimentos. (BELTZ, 2012, p. 33)

Beltz (2012) e Ipaqueri (2016) mencionam sobre a prática da roça de toco que é uma maneira de aplicar os conhecimentos existentes, através dessa maneira de se construir as roças, porque são conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, esse saber tradicional deseja dialogar com outros saberes e identidades existentes, a cultura indígena apesar de terem as suas distinções na maneira e forma de serem executadas nas aldeias, ao mesmo tempo buscam sempre manter uma reciprocidade entre povos e a natureza.

Na roça tradicional também podemos encontrar em algumas uma pequena plantação de horta, que se tornou mais comum nos últimos 05 anos, e quem tem recursos financeiros conseguem comprar algumas sementes para poder fazer esses plantios, geralmente são plantações de alface, couve, entre outros, que são os alimentos com um alto consumo quando são comprados no mercado, conseguindo plantar podem retirar e consumir, geralmente essa plantação acaba ocupando um pequeno espaço na roça.

Fialho (2010) aponta para a prática da roça de subsistência dessa forma afirma que:

Outro saber tradicional dos Terena é a prática da agricultura de subsistência geralmente no mês de agosto procedia-se um pequeno desmatamento suficiente para fazer o plantio do sustento familiar, onde, depois de vegetação seca, queimava-se o mato, depois eram recolhidos os troncos carbonizados que foram cortados pelo “povôti” - machado, quando são convocadas as mulheres e as crianças para fazerem a “koivara” limpeza do “kavané” para execução de plantio. Após a primeira chuva, depois da “koivara”, dizem os Terena que as primeiras flores anunciavam a época do plantio ou “nopéti” que geralmente no calendário branco coincidia com o mês de setembro. Plantava-se então o “Xupú” mandioca, “koe’ê” batata doce, “Kâme” abóbora, “Môî” moranga, “Karêuke” feijão miúdo, “Pêxou” feijão, “Sopôro” milho, “Tiketî” feijão andu, “Tákurei” cana-de-açúcar, “Pânaana” banana, “Nakáku” arroz, etc. (FIALHO, 2010, p.49)

Os alimentos que são mais plantados na roça de subsistência são a mandioca, feijão miúdo e banana. De certa maneira a roça tradicional e a roça de subsistência se completam, e as técnicas e as ferramentas usadas são parecidas, porém a roça tradicional utiliza-se das técnicas dos saberes tradicionais como a análise através das fases lunares, e a roça de subsistência funciona com pequenas plantações que suprem a

alimentação básica da família, são plantadas em várias estações do ano, como a mandioca que pode ter sua plantação em meses e em estações do ano diferente, podendo ser plantada a partir de sua rama. A mandioca se caracteriza por ser um dos alimentos que é muito consumido pelos indígenas e pelos não indígenas, sendo o mais plantado nas aldeias indígenas e usado para o consumo próprio de cada morador que tenha sua roça, há uma facilidade em conseguir plantar, porque também nasce quando é bem regada no próprio quintal de casa assim como acontece com a banana, dessa forma Santos (2017) menciona sobre a mandioca que:

[...] Há preferência para plantio em “terra preta”, segundo declaração muito comum na aldeia, de que a raiz da mandioca fica mais macia e menos “aguada” do que quando plantada em terra de cerrado, cujo produto fica “duro de cozinhar” e tem qualidade inferior. Todavia, a “tripla” aptidão de destinação da mandioca, como produto industrial para farinha, como raiz de venda para consumo na culinária doméstica dos centros urbanos sul-mato-grossenses, bem como um constituinte básico da dieta Terena, faz com que a cultura adquira espaço e valor [...]. (SANTOS, 2017, p.24)

Assim a mandioca se torna também um alimento que serve para a venda, e encontrar compradores não é difícil seja nas áreas indígenas ou então nas cidades como nas feiras que são realizadas. Também temos como destaque a roça de comércio, onde os alimentos são plantados pensando em comercializa-los, como a mandioca, o feijão, entre outros, Fehlauer (2011), destaca sobre a comercialização na cidade que:

Na cidade são consagrados quatro formas de comercialização: a feira central, a feira da antiga estação ferroviária, e a venda na rua e a venda de casa-em-casa. Trata-se de espécies de “frentes” de comercialização para melhorar a eficácia e aumentar as alternativas de abordagens de clientes. (FEHLAUER, 2011, p. 129)

Esse meio de comercialização tornou-se muito comum nas feiras da cidade, e conseguem obter um bom nível de venda. Radica (2011), menciona que os Terena são muito engajado na lavoura, e que utilizam seus alimentos para poderem vendê-los, assim destaca o preço do valor médio que são vendidos, “[...] é em torno de R\$ 50,00 por saca de feijão, R\$ 12,00 para o milho, R\$ 30,00 para o arroz e R\$ 3,00 para o kg de mandioca [...]” Radica (2011, p. 19).

Para corroborar com as informações referentes aos tipos de roças, também consta no roteiro de perguntas à questão referente à como eles analisam “a roça tradicional, roça de comércio e a roça de subsistência”, seguem aqui as respostas da pessoa mais velha da pesquisa até a mais nova:

Miguelina da Silva com 80 anos de idade,

A gente vê sim diferença entre as roças, porque lá do branco sempre têm agrotóxico que eles colocam lá na planta, para poder dar fruta e outras coisas

então essa é a diferença, já a nossa não utiliza agrotóxico, por exemplo, planta na época ele dá, aí acabou a época aí tem que guardar a terra de novo, para poder fazer de novo. (SILVA, 2023, informação verbal)

Mamédio Antônio com 76 anos de idade,

Aqui a gente trabalha na roça, a gente planta com amor, claro que a nossa terra já não é mais como era antigamente, essa terra que tem roça já tá bem batida tá desgastada, mais que eu quero dizer é que acho que aqui a gente aprendeu a plantar dessa forma no braçal, no muque, essas coisas agora o de comércio aí já é diferente do nosso tradicional. (ANTÔNIO, 2023, informação verbal)

Maurícia Alfredo com 73 anos de idade,

Eu acho que na roça tradicional a gente planta o que a gente vai comer, é no nosso lote de terra o que a gente planta, a gente colhe e aí a gente vai comer depois, agora na roça de comércio aí quem planta, colhe e depois vai vender o que conseguiu plantar e colher. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

Demétrio Gonçalves com 73 anos de idade,

A diferença é que na cidade eles têm maquinários para mexer nas suas plantações, nas suas roças, com áreas bastante extensas, enquanto a gente tem pequenas faixas de terras para a nossa roça, e não dá para quase nada, como vender, somente mesmo para o nosso sustento próprio, agora se tivéssemos roça, lavoura grande, algum maquinário que pudesse nos ajudar, seria muito bom, e para poder funcionar bem como acontece na cidade à roça de comércio teria que ter mais agrônomos para poder nos auxiliar no trabalho na roça, para poder nos orientar, para que possamos ter mais esse cuidado com a roça. Sobre a roça tradicional aqui a gente adota a roça de toco que no primeiro ano consegue ir bem às plantações, mas o mecanismo é diferente porque quando não chove, a terra ela endurece muito, por isso que a plantação ela acaba não indo para frente, porque essas plantações como mandioca, feijão verde, abóbora, melancia eles necessitam de muita chuva e quando não chove é bem demorado para dar uma boa colheita. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Elcio Flôres com 65 anos de idade,

A nossa roça tradicional é porque a gente planta com amor, pensando apenas no sustento da família, e não para comercializar como acontece na cidade com a roça de comércio, então eu acredito que isso seja o grande diferencial da roça tradicional para a roça de comércio, apesar de que existe aqui sim a roça de comércio, essa venda de alimentos que são plantados na roça, porém na cidade como eles hoje têm tecnologias avançadas, usam a robótica, como o monitoramento das áreas agrícolas através de drones, têm maquinários bem avançados, como a colheitadeira, tudo isso a seu favor, então a gente aqui na aldeia fica observando o manuseio que eles têm e a forma como usam toda essa tecnologia em suas plantações, e eu acho que faz parte de um processo de evolução e encontraram essa maneira para poderem fazer os seus plantios, para trabalharem com a roça, com a lavoura e modernizar a maneira da percepção da agricultura como um todo, principalmente com profissionais qualificados trabalhando na agricultura como os engenheiros agrônomos. (FLÔRES, 2023, informação verbal)

Gelina da Silva Gonçalves com 65 anos de idade,

A roça tradicional ela mantém, sempre tem mesmo tendo pouco, mas consegue ter uma boa plantação, então isso é uma característica da roça tradicional, e já na roça de comércio principalmente a que a gente vê muito

que existe nas cidades, o que eles têm de característica é o uso da tecnologia, a robótica, o monitoramento através de drones, isso com certeza ajuda bastante, e quando a gente vai ao mercado e compramos aquelas plantas artificiais, elas têm elementos químicos que fazem com que possa crescer em diversos lugares e se adaptar as condições climáticas existentes, então eu acredito que essa tecnologia avançada ajuda bastante. (GONÇALVES, 2023, informação verbal)

Ivo Paiz com 62 anos de idade, “há muita diferença de uma roça para a outra, porque cada qual tem uma maneira de trabalhar a terra, então cada qual possui o seu sentido e tem os seus métodos utilizados para poder manter a roça”.

Edil Alfredo com 60 anos de idade,

Na roça de comércio os comerciantes que faz roça já vão usando produtos químicos, e o nosso aqui a gente não usa agrotóxico, do jeito que a gente planta, a gente não mistura com veneno, nem nada isso para mim é a diferença, o que vêm do comércio, vêm tudo com veneno e nós não plantamos com veneno não, e também nas roças da cidade hoje eles tem equipamentos modernos e sofisticados a gente assiste as reportagens que passam na TV e observamos que eles têm drones que ajudam eles a monitorar o local em que está à roça e evitar que bichos, vindos do mato ou próximos venham e comam as plantações, e têm muitos agrônomos que sabem mexer nesses equipamentos modernos. E eu acho que deveria ter mais investimento por parte da prefeitura, do cacique mesmo nos ajudar mais para que a gente pudesse ter melhores plantações e conseguir melhorar. (ALFREDO, 2023, informação verbal)

Joaquim de Oliveira com 55 anos de idade,

A diferença da roça tradicional é que não precisa de trator, agora nas outras roças como a de comércio aí precisa sim de trator, e na roça tradicional é mais no serviço braçal mesmo, porque a gente limpa a nossa roça com as nossas ferramentas de trabalho a enxada, a foice, e eu acho que com essas técnicas nossas tradicionais atualmente isso é o que nos dá o suporte necessário para o trabalho que realizamos nas nossas roças. (OLIVEIRA, 2023, informação verbal)

Evaldo Paes Eloy com 42 anos de idade, “a roça tradicional é que você produz para você mesmo, é só você e a sua família agora a roça de comércio você tem esforçar mais, muito mais porque você vai usar para vender”.

Leonardo Flores Correa com 25 anos de idade,

Na nossa roça aqui da aldeia nos mexemos com algumas plantações o que nos dá mais subsistência própria, agora as roças existentes na cidade elas mexem com outros tipos de plantações, então elas também têm muito mais tecnologia que a gente, mais máquinas, robóticas, usam drones para fazer o monitoramento do local isso a gente não têm, aqui nos somos mais simples então essa é a diferença. (CORREIA, 2023, informação verbal)

Adenilson Alfredo Constantino com 24 anos de idade,

Na roça tradicional é mais natural, porque nos mesmo que preparamos o solo e plantamos nossos alimentos para nos manter, então acaba sendo uma roça de subsistência, para que depois possamos fazer a colheita dessas plantações é mais na roça de tóco, na força braçal, utilizando mais as ferramentas como enxada, enxadão, machete, foice, esses equipamentos, e na roça de comércio

que é em mais larga escala é mais comum na cidade com extensos terrenos nessas localidades, é mais o uso de maquinários, de tecnologias modernas e avançadas, da robótica, o uso de mais produtos químicos como o agrotóxico, acredito que seja essa a diferença entre esses tipos de roças existentes. (CONSTANTINO, 2023, informação verbal)

Todas essas informações reforçam os diferentes tipos de roças existentes e a percepção que cada participante da pesquisa tem sobre essas roças.

Miranda (2006) ao chamar a atenção para o saber tradicional e o saber científico, aponta para a introdução da tecnologia, o que representou o novo para serem utilizadas na agricultura durante o início do século XXI nas áreas indígenas, as novas tecnologias que ele caracterizou como o trator, a grade agrícola, os maquinários, que já eram usadas em plantações agrícolas em áreas urbanas ou então em grandes plantações de agricultura por grandes proprietários rurais, esses maquinários serviram para serem utilizadas nas roças e que trouxeram certa facilidade, e mais agilidade para a prática do trabalho na agricultura.

Os desafios presentes para a agricultura no decorrer do século XXI, passam desde a falta de estrutura adequada como a falta de recursos financeiros, porém a preservação do saber tradicional Terena, do trabalho realizado na roça continua sendo preservado pelos anciões indígenas. Miranda (2006) destaca sobre os plantios agrícolas que:

O que se observa nas comunidades Terena é que as práticas agrícolas, praticadas atualmente, são bastante diferentes dos tempos antigos. Os saberes tradicionais agrícolas, principalmente no que se refere às técnicas de armazenamento e escolha das sementes para o plantio e a relação destas práticas com as fases lunares, ainda permanecem sendo praticados pelos Terena mais velhos de maneira bastante tímida, mas não aceito como o único conhecimento a ser aplicado na agricultura pelos mais jovens. Os anciões lutam para que esses saberes tradicionais não desapareçam das comunidades Terena, e permaneçam como característica de um povo que conhece sobre a agricultura e como afirmação de sua identidade Terena. (MIRANDA, 2006, p.109)

E complementa que:

Estas técnicas são poucas praticadas pelos jovens Terena, os quais apresentam outra visão de desenvolvimento, no sentido de acompanhar a evolução das tecnologias e a nova forma de viver nas comunidades. Defendem que, esta nova visão representa uma nova realidade, muito diferente das vividas pelos antepassados, onde possuíam um território suficiente para desenvolver uma agricultura itinerante, de corte e queima e posterior pousio, por tempo suficiente para a regeneração da fertilidade natural do solo. Atualmente, o processo de confinamento vivido pelos Terena em suas reservas, e a imposição da nova tecnologia na agricultura são considerados os principais fatores responsáveis pelas transformações ocorridas em sua agricultura tradicional. E estes fatores obrigaram aos jovens Terena a pensar novas formas de ocupar seus espaços. (MIRANDA, 2006, p.109)

As formas de manejos sobre as práticas na agricultura que são utilizadas pelos mais velhos têm a tradição de se orientar pelas fases lunares, e também de estar em constante contato com a natureza, com o saber tradicional é possível desenvolver dentro de uma aldeia indígena uma vasta plantação de alimentos, seja para consumo próprio para manter a alimentação ou então para as famílias que têm um terreno maior para conseguir fazer a venda de alguns alimentos que são mais plantados, como é o caso do feijão verde e da mandioca. Os Terena da aldeia Ipegue buscam maneiras de manter a lavoura de sua agricultura sempre em processo de plantação de seus alimentos, mantendo assim ativa a existência de sua roça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais temos uma somatória de propostas que foram apresentadas ao longo da dissertação, por meio da utilização de fontes bibliográficas e por meio das entrevistas com os agricultores indígenas Terena, residentes na aldeia Ipegue, nesse sentido é possível afirmar que a roça é elemento presente e existente na cultura local, fazendo parte assim de um contexto histórico da aldeia Ipegue. Contexto esse que se mantém vivo nas lembranças dos anciões, através de suas memórias sobre a forma de como as roças eram realizadas e mantidas no passado, que ainda se mantém no tempo presente com as transformações condizentes com as mudanças vivenciadas pelos Terena no que se refere principalmente a perda das terras que ocupavam.

Afirmam que o espaço destinado para a construção de roças eram maiores e que alguns alimentos se encontravam com mais frequência como é o caso dos plantios de arroz, que nos dias atuais, quase não se encontra essa plantação e sim é encontrado com mais facilidade as plantações de mandioca e feijão verde.

A prática da agricultura resiste em meio às dificuldades enfrentadas, como a falta de recursos financeiros, o aumento populacional que impacta nas construções de casas nos terrenos que antes eram destinados para a formação das roças, porém, ainda com o espaço existente conseguem manter as suas plantações, e buscam a permanência dessa tradição.

Tratar de aspectos que tem as suas particularidades como é o caso dos participantes exporem os seus trabalhos nas roças, através das entrevistas coletadas demonstram que esses agricultores buscam por melhorias constantemente, porque continuam a trabalhar nas roças, mesmo que alguns atualmente exerçam outras profissões para manter-se. O trabalho com as plantações, o cuidado com sua roça é permanente, por costume, por atividade na família, assim ao longo dos anos praticando tornou-se uma rotina diária, e que ainda passa de geração para geração.

Outra questão que apareceu foi referente à utilização do trator para poder arar a terra, como foi demonstrando no decorrer da pesquisa por meio das respostas dos participantes, o que foi possível perceber é que os mais velhos optaram para o trabalho manual, ou seja, todo o trabalho realizado pelos Terena, sem o uso de máquinas agrícolas. Já os mais jovens preferem o uso do trator para cuidar da terra, compreendendo que atualmente é de grande ajuda, porque facilita o trabalho de limpeza.

Porém nem sempre é acessível o uso do trator, devido ao custo, onde muitas vezes os agricultores não têm condições financeiras para manter, mas isso não impede que tenham uma roça arada, porque recorrem às práticas de limpezas tradicionais, na força braçal, utilizando de suas ferramentas de trabalho como a enxada, enxada, foice, estrovenga, machete, entre outros.

A roça Terena ela é desenvolvida através de práticas e dos saberes tradicionais, principalmente os aprendizados e conhecimentos que são executados e orientados pelos anciões.

Esta pesquisa é uma tentativa de descolonizar o conhecimento na medida em que faz os apontamentos de registros, saberes e memórias de grupos que não são considerados hegemônicos no caso os indígenas.

O intuito dessa pesquisa foi demonstrar as atividades ainda realizadas pelos agricultores Terena, que residem na aldeia Ipegue, pessoas que passaram muitos anos de suas vidas se dedicando e ainda continuam a se dedicar aos trabalhos realizados nas roças. A agricultura foi por muitos anos a principal atividade agrícola para os Terena, em um primeiro momento para consumo próprio e as trocas por outros produtos que necessitavam. Depois para os pequenos comércios, tanto dentro da aldeia, quando fora dela, nas cidades próximas, contexto que permanece até os nossos dias atuais. Dessa forma as roças eram o meio que os sustentavam e mantinha as famílias, assim a prática da roça é fundamental para os Terena da aldeia Ipegue.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFREDO, Edil. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue**. [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 11 de maio de 2023.

ALFREDO, Elen Flores; PHILIPPI, Daniela Althoff. **Destinação do Resíduo Garrafa Pet: Estudo com Residentes da Aldeia Ipegue**. Revista Brasileira de Meio Ambiente & Amp; Sustentabilidade, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 144–166, 2021. Disponível em: <https://rbmaes.emnuvens.com.br/revista/article/view/55>. Acesso em: 30 mar. 2023.

ALFREDO, Maurícia. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue**. [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 09 de maio de 2023.

AMADO, Luiz Henrique Eloy. **Vukápavano O Despertar do Povo Terena para os seus direitos: Movimento Indígena e confronto Político**. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2019.

ANTÔNIO, Mamédio. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue**. [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 09 de maio de 2023.

ATHAYDE, Fernando Luís Oliveira. **Ações Afirmativas Cotas e a Inserção de Acadêmicos Indígenas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS. 2010.

AVILA, Milena Abreu. **Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos?** Politize. Conteúdos e Conceitos. 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

AZANHA, Gilberto. **As Terras Indígenas Terena No Mato Grosso do Sul**. Revista de Estudos e Pesquisas. FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.61-111, jul. 2005.

BALTAZAR, Paulo. **Geografiana Óyoe Têrenoe Ya Poké? Exake Toné Yoko Ipéakaxoti/Geografia das Afetividades no Território Indígena Taunay/Ipegue**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados. 2022.

BALTAZAR, Paulo. **O Poder Decisório dos Terena**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade de São Paulo. 2010.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estudos Culturais: O quê e o como da investigação**. Carnets, Revue électronique d'études françaises de l'APEF. Première Série – 1 Número

Spécial, Cultures Littéraires: nouvelles performances & développement. 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em: 08 jun. 2023.

BELTZ, Leilacir. **Roças Indígenas no Estado de Mato Grosso: Educação Ambiental e Sustentabilidade entre os Estudantes da Faculdade Indígena Intercultural**. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências Ambientais. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres. Mato Grosso. Brasil. 2012.

CARDOSO, Wanderley Dias. **A História da Educação Escolar para o Terena: Origem e desenvolvimento do ensino médio na Aldeia Limão Verde**. Tese de Doutorado para o Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS. 2011.

CARDOSO, Wanderley Dias. **A Aldeia Indígena de Limão Verde: Escola, Comunidade e Desenvolvimento Local**. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande - MS. 2004.

CONSTANTINO, Adenilson Alfredo. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue**. [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 06 de maio de 2023.

[Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigo 231**. Legislação Citada pela Coordenação de Estudos Legislativos – CEDI. Título VIII Da Ordem Social. Capítulo VIII Dos Índios. n.p. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=469704#:~:text=Art.,respeitartodososseusbens. Acesso em: 13 jul. 2023.

CORREIA, Leonardo Flores. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue**. [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 08 de maio de 2023.

ELOY, Evaldo Paes. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue**. [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 12 de maio de 2023.

FELIPE, Márcia Leyla de Freitas Macêdo; ALVES, José William Felipe. **A Importância da Fonte Oral como Instrumento de Resgate Histórico das Mulheres de Quilombo Sítio Arruda, no Estado do Ceará**. XIII Encontro Nacional de História Oral. História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade. Associação Brasileira de História Oral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 01 a 04 de maio 2016.

FEHLAUER, Tércio Jacques. **“Conhecimento Indígena” em Perspectiva: Performance, Habilidades e Capacidades Agrícolas dos Terena da Aldeia Limão Verde (Aquidauana – MS)**. Programa de Pós-Graduação Mestrado em

Agroecossistemas. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Agrárias. Florianópolis. Santa Catarina. Brasil. 2004.

FIALHO, Celma Francelino. **O Percurso Histórico Da Língua e Cultura Terena na Aldeia Ipegue/Aquidauana/ MS.** Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande - MS. 2010.

FIALHO, Cerizi Francelino. **O Processo Histórico da Retomada do Território Tradicional dos Terena da TI/Taunay Ipegue.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Geografia. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS. 2019.

FLÔRES, Elciney Paiz. **Os Caciques da Aldeia Ipegue (1912-2013).** Centro de Ciência Humanas e Sociais – Curso de Especialização – Antropologia e História dos Povos Indígenas – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2017.

FLÔRES, Elcio. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue.** [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 07 de maio de 2023.

FLÔRES, Elcio. **Territorialização das Religiões da Aldeia Ipegue.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS. 2019.

FLÔRES, Elzéber Paiz. **A Dificil Inserção dos Indígenas Terena da Aldeia Ipegue na Perspectiva da Economia de Mercado.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS. 2018.

FLORES, Nilzilene Paiz. **O Ensino da Dança Kipaé`xoti e Siputêrena na Escola Indígena da Aldeia Ipegue.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS. 2011.

GALAN, Maria Cristina da Silveira. **As Terena.** Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1994.

GALLAS, Luciano. **Decolonialidade como o caminho para a cooperação.** Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) on-line. Tradução: André Langer. Edição 431/ 04 Nov. 2013. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5253-walter-mignolo>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GARCIA, Adison de Campo, ZORZATO, Osvaldo. **Modalidades de Trabalho Envolvendo os Índios Terena nos Séculos XIX e XX.** XII Encontro da Associação Nacional de História. Seção Mato Grosso do Sul. 13 a 16 de Outubro de 2014. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS.

GONÇALVES, Demétrio. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue.** [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática

das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 06 de maio de 2023.

GONÇALVES, Gelina da Silva. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue**. [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana. 06 de maio de 2023.

IPAQUERI, Roseli Manepa. **A Roça do Povo Umutina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural. Faculdade Intercultural Indígena. Campus de Barra dos Bugres. Universidade do Estado de Mato Grosso. 2016.

JOAQUIM, Erika Flores. **Saberes Indígenas na Escola Feliciano Pio da Aldeia Ipegue**. Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em História. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS. 2022.

JORDÃO, Miguel. **Projetos Agrícolas, Economia Indígena e Assistência Técnica: da Assimilação à Política de Ater Indígena e Participação**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2014.

LANA, Cibele. **O impacto das novas tecnologias em povos indígenas. Tecnologia/Comunicação**. Cidade Nova Fraternidade em Rede. 2021. Disponível em: https://www.cidadenova.org.br/editorial/inspira/38260_impacto_das_novas_tecnologias_em_povos. Acesso em: 20 abr. 2023.

MIGNOLO, Walter. **Desafios Decoloniais Hoje**. Duke University. Epistemologia do Sul. Foz do Iguaçu. Paraná. 1 (1). PP. 12-32. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 18 maio 2023.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. **Territorialidades e Práticas Agrícolas: Premissas para o Desenvolvimento Local em Comunidades Terena de MS**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local. Mestrado Acadêmico. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande - MS. 2006.

MOREIRA, Gilmar Roberto; BIANCO, Nélia Rodrigues Del; **Cotidiano e Recepção no Meio Rural: Um Estudo Etnográfico entre Agricultores Familiares Goianos**. Estudo de Recepção Rural; Estudos Culturais; Agricultura Familiar; Rural; Observação Etnográfica. Ação Midiática n.16. Jul./Dez. 2018. Curitiba.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. **O processo de terenização do cristianismo na terra indígena Taunay/Ipegue no século XX**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP: [s.n.]. 2009.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. **UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em História. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados - MS. 2001.

OLIVEIRA, Joaquim de. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue.** [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 12 de maio de 2023.

PAIZ, Edinalva Francisco. **Koixomunetís na Aldeia Ipegue, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS. 2022.

PAIZ, Ivo. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue.** [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 06 de maio de 2023.

PERALTA, Anastácio. **Tecnologias Espirituais: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e os Guarani.** Universidade Federal da Grande Dourados. Faculdade Intercultural Indígena. Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade. Dourados – MS. 2022.

RADICA, Carolina. **Iniciativas Econômicas Sustentáveis Indígenas do Cerrado.** Relatório de Estágio Supervisionado apresentado ao curso de Gestão do Agronegócio da Universidade de Brasília Faculdade de Planaltina. 2011.

SALVADOR, Mario Ney Rodrigues. **Os Índios Terena e a Agroindústria no Mato Grosso do Sul: A Relação Capital-Trabalho e a Questão Indígena Atual.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2012.

SANTOS, Edenir Maidana da Silva. **Aldeia Ipegue: Registros Orais Sobre sua História.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS. 2015.

SANTOS, Tatiana da Silva Lima dos. **A Agricultura Terena da Aldeia Limão Verde: do plantio à feira indígena de Aquidauana.** Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao Curso de História. Campus de Aquidauana. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS. 2017.

SILVA, Cesar Augusto Vareiro da. **As Agências Terena nas Igrejas Cristãs da Aldeia Passarinho: Protagonismos e Apropriações.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus de Aquidauana - MS. 2022.

SILVA, Miguelina da. **Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue.** [Entrevista cedida a] Elzéber Paiz Flôres. Título da Pesquisa da Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais - A Prática das Roças entre os Terena da Aldeia Ipegue: Permanências e Atualizações. Aquidauana - MS. 07 de maio de 2023.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A dimensão sóciopolítica do território para os Terena: as aldeias nos séculos XX e XXI.** Tese de Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense. 2011.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A construção do Território Terena (1870 – 1996): uma sociedade entre a imposição e a opção,** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em História. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2003.

VIEIRA, Luiz Gonzaga. **Desenvolvimento Local na Perspectiva Terena de Cachoeirinha, Município de Miranda/ MS.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local. Centro de Pesquisa e Extensão. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS. 2004.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Correa. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada.** Universidade de Brasília Centro de Desenvolvimento Sustentável Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais. Brasília – DF. 2018.

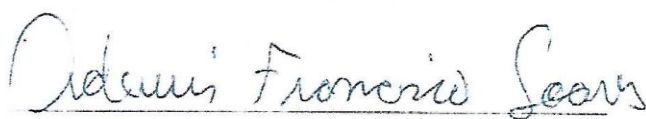
XIMENES, Lenir Gomes. **A Retomada Terena em Mato Grosso do Sul: oscilação pendular entre os tempos e espaços da acomodação em Reservas, promoção da invisibilidade étnica e Despertar Guerreiro.** Tese de Doutorado em História. Universidade Federal da Grande Dourados. 2017.

XIMENES, Lenir Gomes. **Terra Indígena Buriti: estratégias e performances Terena na luta pela terra.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em História. Universidade Federal da Grande Dourados. 2011.

ANEXOS

CARTA DE ANUÊNCIA CACIQUE

Eu, Ademir Francisco Soares, Cacique do Território Indígena da Aldeia Ipegue declaro estar ciente da realização da pesquisa intitulada: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE, que será realizado pelo pesquisador Elzéber Paiz Flôres.

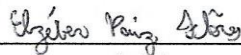


Cacique

Ademir Francisco Soares
Cacique da Aldeia Ipegue
Portaria Nº 11 2018 a 2021



FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 12			
3. Área Temática: Estudos com populações indígenas;			
4. Área do Conhecimento: Estudos com populações indígenas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Elzéber Paiz Flôres			
6. CPF: 050.868.201-03		7. Endereço (Rua, n.º): Aldeia Ipegue Rua Principal nº131 Distrito de Taunay AQUIDAUANA MATO GROSSO DO SUL 79200000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (67) 9663-8853	10. Outro Telefone:	11. Email: zebinho97@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: <u>22</u> / <u>12</u> / <u>2021</u>  Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS		13. CNPJ: 15.461.510/0001-33	
14. Unidade/Órgão:			
15. Telefone: (67) 3345-7187		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Responsável: <u>Ana Grazielle Lourenço Toledo</u> CPF: <u>267.727.748-41</u> Cargo/Função: <u>Diretor(a) da UFMS/CPAQ</u> Data: <u>22</u> / <u>12</u> / <u>2021</u>  Assinatura			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Pesquisador: Elzéber Paiz Flôres

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 2

CAAE: 53943821.7.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.243.595

Apresentação do Projeto:

Pesquisa que visa compreender a prática da agricultura realizada pelos Terena ao longo de sua história de contato com a sociedade envolvente, mais especificamente dentro da aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. A metodologia da análise dos dados se dará por meio da análise das informações obtidas nas entrevistas com os agricultores Terena, comprando com as informações obtidas, que depois de registradas serão transcritas e analisadas com as demais informações.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar os desafios presentes hoje na aldeia Ipegue acerca da agricultura Terena que é desenvolvido no local. Fomentar a forma do manejo que é utilizado nas plantações da agricultura Terena. Descrever como essas práticas agrícolas estão ligadas no desenvolvimento da cultura local dos Terena moradores da aldeia Ipegue.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Informados pelo pesquisador no projeto:

"Riscos:

De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.243.595

durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões) ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

Benefícios: A presente pesquisa visa contribuir com a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam no Território indígena da aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Ciência do Cacique da Aldeia Ipegue, devidamente assinada.

Instrumento de coleta de dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- TCLE, necessita de adequações.
- Autorização institucional, assinada.
- Instrumento de coleta de dados (roteiro para entrevistas), precisa de adequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram identificadas pendências no projeto de pesquisa e as mesmas foram apresentadas através do sistema Plataforma Brasil e por meio de uma Carta de resposta ao CEP contendo todas as modificações realizadas e aprovadas por este comitê.

[ATENDIDO] - Folha de Rosto: deve ser assinada pela Direção da Unidade (não pela coordenação de curso), conforme Portaria RTR/UFMS nº 1.254, de 01 de julho de 2021, Art. 1º, inciso XI, alínea b.

[ATENDIDO] - Instrumento de coleta de dados: não pode conter identificação do(a) participante (garantia de confidencialidade). Se o pesquisador quiser, pode atribuir códigos ou numerar os questionários, a fim de ter um controle próprio e restrito da identidade dos participantes, que, em

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias, Hércules Maymonez, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br

Página 02 de 07



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.243.595

todo caso, deve ser resguardada.

- TCLE:

[ATENDIDO] 1) A relação de pesquisa é entre pesquisador(a) e participante. Por isso, não devem ser usadas titulações no TCLE ("Dr.", "doutor" etc.).

[ATENDIDO] 2) Quanto o documento tiver duas ou mais páginas, é necessário campo de assinatura/rubrica em todas elas.

[ATENDIDO] 3) Em havendo registro de áudio e/ou vídeo, é preciso autorização própria. Sugere-se que, no próprio texto do TCLE, haja tal menção/autorização explícita. Por exemplo: "Autorizo gravação de áudio/vídeo: () Sim () Não".

[ATENDIDO] 4) O parágrafo final que começa com "Eu _____, fui informado..." é desnecessário. A assinatura do participante é suficiente para atestar consentimento.

[ATENDIDO] 5) Sugere-se usar esse texto com as informações deste CEP: "Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' - 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande - MS." e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino."

Considerações Finais a critério do CEP:

CONFIRA AS ATUALIZAÇÕES DISPONÍVEIS NA PÁGINA DO CEP/UFMS

1) Regimento Interno do CEP/UFMS

Disponível em: <https://cep.ufms.br/novo-regimento-interno/>

2) Calendário de reuniões

Disponível em <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2022/>

3) Etapas do trâmite de protocolos no CEP via Plataforma Brasil

Disponível em: <https://cep.ufms.br/etapas-do-tramite-de-protocolos-no-cep-via-plataforma-brasil/>

4) Legislação e outros documentos:

Resoluções do CNS.

Norma Operacional nº001/2013.

Portaria nº2.201 do Ministério da Saúde.

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
UF: MS Município: CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.243.595

Cartas Circulares da Conep.

Resolução COPP/UFMS nº240/2017.

Outros documentos como o manual do pesquisador, manual para download de pareceres, pendências frequentes em protocolos de pesquisa clínica v 1.0, etc.

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/legislacoes-2/>

5) Informações essenciais do projeto detalhado

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/informacoes-essenciais-projeto-detalhado/>

6) Informações essenciais – TCLE e TALE

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/informacoes-essenciais-tcle-e-tale/>

- Orientações quanto aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) que serão submetidos por meio do Sistema Plataforma Brasil versão 2.0.

- Modelo de TCLE para os participantes da pesquisa versão 2.0.

- Modelo de TCLE para os responsáveis pelos participantes da pesquisa menores de idade e/ou legalmente incapazes versão 2.0.

7) Biobancos e Biorrepositórios para armazenamento de material biológico humano

Disponível em: <https://cep.ufms.br/biobancos-e-biorrepositorios-para-material-biologico-humano/>

8) Relato de caso ou projeto de relato de caso?

Disponível em: <https://cep.ufms.br/662-2/>

9) Cartilha dos direitos dos participantes de pesquisa

Disponível em: <https://cep.ufms.br/cartilha-dos-direitos-dos-participantes-de-pesquisa/>

10) Tramitação de eventos adversos

Disponível em: <https://cep.ufms.br/tramitacao-de-eventos-adversos-no-sistema-cep-conep/>

11) Declaração de uso de material biológico e dados coletados

Disponível em: <https://cep.ufms.br/declaracao-de-uso-material-biologico/>

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros 4 Prédio das Pró-Reitorias 4 Hércules Maymone 4 1º andar
Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
UF: MS Município: CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.243.595

12) Termo de compromisso para utilização de informações de prontuários em projeto de pesquisa
Disponível em: <https://cep.ufms.br/termo-de-compromisso-prontuarios/>

13) Termo de compromisso para utilização de informações de banco de dados
Disponível em: <https://cep.ufms.br/termo-de-compromisso-banco-de-dados/>

DURANTE A PANDEMIA CAUSADA PELO SARS-CoV-2, CONSIDERAR:

Solicitamos aos pesquisadores que se atentem e obedeçam às medidas de segurança adotadas pelos locais de pesquisa, pelos governos municipais e estaduais, pelo Ministério da Saúde e pelas demais instâncias do governo devido a excepcionalidade da situação para a prevenção do contágio e o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19).

As medidas de segurança adotadas poderão interferir no processo de realização das pesquisas envolvendo seres humanos. Quer seja no contato do pesquisador com os participantes para coleta de dados e execução da pesquisa ou mesmo no processo de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE, incidindo sobre o cronograma da pesquisa e outros. Orientamos ao pesquisador na situação em que tenha seu projeto de pesquisa aprovado pelo CEP e em decorrência do contexto necessite alterar seu cronograma de execução, que faça a devida "Notificação" via Plataforma Brasil, informando alterações no cronograma de execução da pesquisa.

SE O PROTOCOLO DE PESQUISA ESTIVER PENDENTE, CONSIDERAR:

Cabe ao pesquisador responsável encaminhar as respostas ao parecer pendente, por meio da Plataforma Brasil, em até 30 dias a contar a partir da data de sua emissão. As respostas às pendências devem ser apresentadas em documento à parte (CARTA RESPOSTA). Ressalta-se que deve haver resposta para cada uma das pendências apontadas no parecer, obedecendo a ordenação deste. A carta resposta deve permitir o uso correto dos recursos "copiar" e "colar" em qualquer palavra ou trecho do texto, isto é, não deve sofrer alteração ao ser "colado".

Para que os protocolos de pesquisa sejam apreciados nas reuniões definidas no Calendário, o

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros º Prédio das Pró-Reitorias º Hércules Maymone º 1º andar
Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
UF: MS Município: CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br

Página 05 de 07



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.243.595

pesquisador responsável deverá realizar a submissão com, no mínimo, 15 dias de antecedência. Observamos que os protocolos submetidos com antecedência inferior a 15 dias serão apreciados na reunião posterior. Confira o calendário de reuniões de 2020, disponível no link: <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2021/>

SE O PROTOCOLO DE PESQUISA ESTIVER NÃO APROVADO, CONSIDERAR:

Informamos ao pesquisador responsável, caso necessário entrar com recurso diante do Parecer Consubstanciado recebido, que ele pode encaminhar documento de recurso contendo respostas ao parecer, com a devida argumentação e fundamentação, em até 30 dias a contar a partir da data de emissão deste parecer. O documento, que pode ser no formato de uma carta resposta, deve contemplar cada uma das pendências ou itens apontados no parecer, obedecendo a ordenação deste. O documento (CARTA RESPOSTA) deve permitir o uso correto dos recursos "copiar" e "colar" em qualquer palavra ou trecho do texto do projeto, isto é, não deve sofrer alteração ao ser "colado".

Para que os protocolos de pesquisa sejam apreciados nas reuniões definidas no Calendário, o pesquisador responsável deverá realizar a submissão com, no mínimo, 15 dias de antecedência. Observamos que os protocolos submetidos com antecedência inferior a 15 dias serão apreciados na reunião posterior. Confira o calendário de reuniões de 2020, disponível no link: <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2021/>

EM CASO DE APROVAÇÃO, CONSIDERAR:

É de responsabilidade do pesquisador submeter ao CEP semestralmente o relatório de atividades desenvolvidas no projeto e, se for o caso, comunicar ao CEP a ocorrência de eventos adversos graves esperados ou não esperados. Também, ao término da realização da pesquisa, o pesquisador deve submeter ao CEP o relatório final da pesquisa. Os relatórios devem ser submetidos através da Plataforma Brasil, utilizando-se da ferramenta de NOTIFICAÇÃO. Informações sobre os relatórios parciais e final podem acessadas em <https://cep.ufms.br/relatorios-parciais-e-final/>

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros º Prédio das Pró-Reitorias º Hércules Maymone º 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



Continuação do Parecer: 5.243.595

O presente projeto, seguiu nesta data para análise da CONEP e só tem o seu início autorizado após a aprovação pela mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1859052.pdf	14/01/2022 16:06:16		Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_CACIQUE.pdf	14/01/2022 15:59:34	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AO_CEP.pdf	14/01/2022 15:51:54	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_PLATAFORMA_BRASIL.pdf	14/01/2022 15:50:55	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	14/01/2022 15:50:06	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_DETALHADO.pdf	14/01/2022 15:46:02	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	14/01/2022 15:44:48	Elzéber Paiz Flôres	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Sim

CAMPO GRANDE, 15 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
Juliana Dias Reis Pessalacia
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros / Prédio das Pró-Reitorias / Hércules Maymone / 1º andar
Bairro: Pioneiros CEP: 70.070-900
UF: MS Município: CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 Fax: (67)3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br

Carta de resposta ao CEP/UFMS

Em atenção ao Parecer CEP/UFMS nº 5.167.146 seguem as informações:

- 1) Folha de Rosto: autorização institucional, assinada pela direção do Campus, conforme documento anexo;
- 2) Instrumento de coleta de dados (roteiro para entrevista) foi substituído o item “identificação” por “identificação conforme definida pelo participante da pesquisa”, conforme Resolução nº 510/2016, Art. 9º.

As perguntas também foram modificadas, tornaram-se mais abertas para as respostas dos participantes, assim como outras foram incluídas, conforme documento anexo;

- 3) Quanto ao TCLE: foram realizadas as solicitações, conforme documento anexo (TCLE revisado).
 - a) Retirado à titulação e o nome da professora orientadora da pesquisa;
 - b) Foram incluídas em todas páginas o campo “rubrica do pesquisador/rubrica do participante da pesquisa”
 - c) Foram incluídas as informações “autorizo gravação de áudio/vídeo e registro fotográfico”.
 - d) Parágrafo final que começava com “Eu _____, fui informado ...” foi excluído.
 - e) E o texto sugerido com as informações referentes ao CEP, foi incluído do TCLE.
- 4) O projeto detalhado:
 - a) No projeto detalhado foi ajustado o objetivo geral como consta no TCLE, e os objetivos específicos também foram atualizados.
 - b) O cronograma da pesquisa também foi atualizado incluindo as atividades correspondentes ao ano de 2022.

Atenciosamente, Elzeber Paiz Flores.

COMISSÃO NACIONAL DE
ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Pesquisador: Elzéber Paiz Flôres

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 53943821.7.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.469.784

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas das Informações Básicas do Projeto (arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1859052.pdf).

INTRODUÇÃO

Nasci e cresci na aldeia Ipegue que pertence a Terra Indígena Taunay/Ipegue. Local este onde resido há 24 anos. A aldeia Ipegue está situada a 60 km do município de Aquidauana, nela vivem aproximadamente cerca de 1.061 indígenas da etnia Terena. Conforme os dados da SESAI 2019 (Secretaria Especial de Saúde Indígena), com 244 pessoas na idade de 0 a 12 anos, 647 pessoas de 13 a 59 anos e 170 pessoas de 60 anos ou mais. Estudei durante o período de 2004 a 2011 e completei o meu ensino fundamental na Escola Municipal Indígena Polo Feliciano Pio da aldeia Ipegue, durante os anos de 2012 a 2014 completei o meu ensino médio na Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Professor Domingos Veríssimo Marcos – MIHIN, que se localiza na aldeia Bananal a 02 km da aldeia Ipegue completando dessa forma um ciclo de estudos concluídos em minha vida. Ingressei na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, no Campus de Aquidauana/CPAQ, no curso de História Licenciatura Plena durante os anos de 2015 a 2018, dessa forma conclui outro ciclo de estudos em minha vida. Através dessa graduação consegui obter grandes aprendizados e me interessar pela pesquisa principalmente na que se refere ao campo

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

dos estudos com as populações indígenas, o quanto o protagonismo indígena já conseguiu conquistar espaço na sociedade em geral. Em 2020 resolvi me inscrever para ingressar no Programa de Mestrado em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS no Campus de Aquidauana/CPAQ, e tive a graça e a felicidade de conseguir entrar, e optei pela linha de pesquisa Diferenças e Alteridades. Essa pesquisa iniciou-se com o objetivo de compreender a prática agrícola ainda realizada pelos Terena na aldeia Ipegue, principalmente identificar porque cada vez menos agricultores permanecem nessa atividade, uma vez que, os Terena foram identificados como povo agricultor nos registros ao longo de sua história. A relevância dessa pesquisa está diretamente vinculada à compreensão das mudanças ocorridas dentro da aldeia, quer seja pelo aumento populacional, o estabelecimento de instituições educacionais, de saúde entre outras que possibilitaram e possibilitam o trabalho assalariado para os Terena, bem como o ingresso no ensino superior e na pós-graduação, são mudanças significativas que alteraram e alteram o contexto sociocultural da vida na aldeia. O povo Terena aparece em vários registros documentais como os da Diretoria Geral dos Índios/DGI, do Serviço de Proteção aos Índios/SPI, entre outros como hábeis agricultores, auxiliando os não índios com os produtos que cultivam em suas roças, das mais diferentes formas como demonstrou Taunay (1975) durante a Guerra contra Paraguai (1864-1870) e em outros momentos de sua história como também evidenciaram os trabalhos de Vargas (2003) e Garcia (2008). A pesquisa tem por objetivo compreender a pouca prática da agricultura na aldeia Ipegue, no atual contexto do século XXI, bem como também demonstrar as dificuldades enfrentadas pelos Terena na prática da agricultura tanto para sua subsistência quanto para a comercialização dos seus produtos na região, questões que serão abordadas mais adiante.

HIPÓTESE

Reconhecer que o espaço que é ocupado pela prática da agricultura dentro do território indígena, para essa pesquisa especificamente dentro da aldeia Ipegue, é extremamente enriquecedor para compor os campos que norteiam a esfera da cultura indígena, a importância e o valor que é dado principalmente pelos anciões que trabalham com essa atividade dentro das roças na aldeia Ipegue.

METODOLOGIA

A metodologia aqui adotada será o aporte teórico estabelecido no campo dos Estudos Culturais, principalmente por meio do conceito de decolonialidade, pois permite evidenciar as inúmeras ações exercidas pelos Terena em diferentes contextos, principalmente aquelas vinculadas as

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

Página 02 de 09

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

práticas agrícolas. Também será utilizada a produção acadêmica realizada pelos próprios pesquisadores Terena sobre a agricultura para compor o diálogo com a pesquisa que se encontra em desenvolvimento. E por isso apresenta breves considerações, entre elas destacam-se que nos últimos anos os agricultores reclamaram da falta de estrutura adequada para um melhor manejo da terra para a plantação, situação que também influencia no interesse, mas também na falta de interesse de alguns agricultores Terena continuarem a desenvolver a atividade, realidade que reflete diretamente na baixa produção de alimentos na aldeia.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

São aproximadamente 12 (doze) os sujeitos participantes da pesquisa todos moradores do Território Indígena da aldeia Ipegue, no município de Aquidauana, do Estado de Mato Grosso do Sul. Os convidados e participantes da pesquisa deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O referido termo será elaborado em duas vias, ficando uma retida com o pesquisador responsável e outra com o (a) participante da pesquisa, conforme Resolução CNS nº 466 de 2012 itens IV. 3.e f IV.5.d.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Não serão aceitos na pesquisa os sujeitos que não assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a sua participação. A assinatura neste documento atende a Resolução n. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Portanto, será excluído da pesquisa o sujeito que não autorizar sua participação por meio do TCLE. Se, depois de consentir sua participação, o (a) Senhor(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da produção de dados, independente do motivo e sem prejuízo a sua pessoa. Os resultados serão analisados e publicados, mas sua identidade será sempre mantida em sigilo.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Compreender a prática da agricultura realizada pelos Terena ao longo de sua história de contato com a sociedade envolvente, mais especificamente dentro da aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

- Analisar os desafios presentes hoje na aldeia Ipegue acerca da agricultura Terena que é desenvolvido no local;
- Fomentar a forma do manejo que é utilizado nas plantações da agricultura Terena;
- Descrever como essas práticas agrícolas estão ligadas no desenvolvimento da cultura local dos Terena moradores da aldeia Ipegue.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões) ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

BENEFÍCIOS

A presente pesquisa visa contribuir com a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam no Território indígena da aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Resumo: Estudo nacional e unicêntrico, de caráter acadêmico, realizado para obtenção do título de mestre em Estudos Culturais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O estudo tem como objetivo compreender o panorama atual da agricultura na aldeia Ipegue, na Terra Indígena Taunay, município de Aquidauana (MS), considerando o declínio da prática entre indígenas. De etnia Terena, o pesquisador nasceu e criou-se na aldeia Ipegue e procura compreender, por meio de entrevistas, a prática atual de agricultura de subsistência, em relação ao aumento populacional, estabelecimento de instituições de educação e saúde, as dificuldades enfrentadas e o panorama de comercialização de seus produtos na região.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conepe@saude.gov.br

Página 04 de 09

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

Financiamento próprio.

Número de participantes incluídos no Brasil: 12.

Previsão de início do estudo: 03/2022.

Previsão de encerramento do estudo: 04/2022.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente nº 5.337.392 emitido pela Conep em 10/04/2022:

1. Nas Informações Básicas do Projeto, na Plataforma Brasil, o campo "Critérios de inclusão" informa que serão cinco (5) participantes, número que diverge do que foi informado na versão atualizada do Projeto Detalhado (p. 20 de 32). Solicita-se que o pesquisador atualize a informação onde for necessário, de modo a garantir coerência entre os documentos do protocolo.

RESPOSTA: Informações Básicas do Projeto, na Plataforma Brasil, o campo "Critérios de inclusão", o número de participantes na pesquisa foi atualizada conforme o solicitado sendo de 12 (doze) pessoas. Projeto Detalhado:

São 12 (doze) os sujeitos participantes desta pesquisa sendo todos moradores do Território Indígena da aldeia Ipegue, no município de Aquidauana, do Estado de Mato Grosso do Sul. Os convidados e participantes da pesquisa deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O referido termo será elaborado em duas vias, ficando uma retida com o pesquisador responsável e outra com o (a) participante da pesquisa, conforme Resolução CNS nº 466 de 2012 itens IV. 3.e f IV. 5.d.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Quanto ao Projeto Detalhado (PROJETO_COMPLETO_DETALHADO.pdf, submetido em 14/01/2022), na página 23 de 32, lê-se: "O presente projeto não envolve a aplicação de recursos

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

financeiros". Mesmo que a pesquisa tenha financiamento próprio, considerando os gastos com impressão de roteiro de entrevista e outros gastos relativos à pesquisa, solicita-se detalhar o orçamento previsto, no Projeto Detalhado e no formulário de Informações Básicas do Projeto, na Plataforma Brasil, conforme solicitado pela Norma Operacional CNS nº 001/2013, item 3.3.e.

RESPOSTA: Orçamento Detalhado:

Qualquer gasto eventualmente necessário à aplicação da pesquisa será suportado diretamente pelo pesquisador responsável, sem qualquer ônus para os participantes. Gastos previstos: R\$ 100,00 (cem reais), com despesas de impressão e de xerox.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Quanto ao Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, arquivo **TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf**, submetido em 14/01/2022:

3.1. Considerando a redação do documento:

3.1.1. Ressalta-se que o item "1. Garantia de liberdade" está repetido nas páginas 1 e 2. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: A escrita foi corrigida em relação à garantia de liberdade.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.1.2. Ressalta-se que não há necessidade de incluir no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido os critérios que o pesquisador adotará para inclusão e exclusão de participantes. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Foram retirados os critérios solicitados de inclusão e exclusão.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.2. Como o estudo envolve população indígena, solicita-se que o uso de imagem e/ou som dos participantes contemple também a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai e demais legislações pertinentes.

RESPOSTA: As informações referentes à Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai, foi acrescentado no TCLE. Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

Página 06 de 09

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

pesquisa.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.3. Nos documentos do projeto, existem referências exclusivamente à Resolução CNS nº 466/2012. Considerando que é um projeto cuja metodologia utilizada é de Ciências Humanas e Sociais, recomenda-se estar em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e a Resolução CNS nº 304/2000 (Pesquisa com População Indígena), especialmente nas declarações e no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido.

RESPOSTA: Em relação à Resolução CNS nº 510/2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e a Resolução CNS nº 304/2000 (Pesquisa com População Indígena), as informações foram acrescentadas. Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.4. Considerando os resultados do estudo:

i. Na página 1 de 4, lê-se: "Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue";

ii. Na página 2 de 4, lê-se: "(...) poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros". Considerando que o pesquisador é também morador da comunidade e que há interesse em contribuir com a nova história indígena, solicita-se incluir o compromisso de divulgar os resultados da pesquisa em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV), além das publicações acadêmicas.

RESPOSTA: O compromisso conforme a Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV, em divulgar os resultados obtidos foi acrescentado. Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.5. Dado que o estudo envolveu a análise ética pela Conep, solicita-se, para melhor informar os participantes de pesquisa, que seja incluída uma breve descrição do que é a Conep, qual sua função no estudo, e suas formas de contato, conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX [Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h].

RESPOSTA: As informações referentes ao CONEP foram acrescentadas. Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP. Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias „Hércules Maymone – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS. e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

Página 08 de 09

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.469.784

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1859052.pdf	11/05/2022 00:00:15		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AO_CONEP.pdf	10/05/2022 23:58:50	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_DETALHADO.pdf	10/05/2022 23:57:42	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_DETALHADO_VERSAO_LIMPA.pdf	10/05/2022 23:57:03	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_VERSAO_LIMPA.pdf	10/05/2022 23:56:31	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	10/05/2022 23:56:12	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA_CACIQUE.pdf	14/01/2022 15:59:34	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_PLATAFORMA_BRASIL.pdf	14/01/2022 15:50:55	Elzéber Paiz Flôres	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	14/01/2022 15:50:06	Elzéber Paiz Flôres	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

BRASILIA, 14 de Junho de 2022

Assinado por:
Laís Alves de Souza Bonilha
(Coordenador(a))

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

Carta Resposta ao CONEP

Em atenção ao Parecer CONEP nº 5.337.392, seguem as informações:

- 1) Informações Básicas do Projeto, na Plataforma Brasil, o campo “Critérios de inclusão”, o número de participantes na pesquisa foi atualizada conforme o solicitado sendo de 12 (doze) pessoas.

Projeto Detalhado:

São 12 (doze) os sujeitos participantes desta pesquisa sendo todos moradores do Território Indígena da aldeia Ipegue, no município de Aquidauana, do Estado de Mato Grosso do Sul. Os convidados e participantes da pesquisa deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O referido termo será elaborado em duas vias, ficando uma retida com o pesquisador responsável e outra com o (a) participante da pesquisa, conforme Resolução CNS nº 466 de 2012 itens IV. 3.e f IV. 5.d.

- 2) Orçamento Detalhado:

Qualquer gasto eventualmente necessário à aplicação da pesquisa será suportado diretamente pelo pesquisador responsável, sem qualquer ônus para os participantes. Gastos previstos: R\$ 100,00 (cem reais), com despesas de impressão e de xerox.

- 3) Redação do Documento:

3.1.1 – A escrita foi corrigida em relação à garantia de liberdade.

3.1.2 – Foram retirados os critérios solicitados de inclusão e exclusão.

3.2 – As informações referentes à Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai, foi acrescentado no TCLE. Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

3.3 – Em relação à Resolução CNS nº 510/2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e a Resolução CNS nº 304/2000 (Pesquisa com População Indígena), as informações foram acrescentadas. Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016

(Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

3.4 – O compromisso conforme a Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV, em divulgar os resultados obtidos foi acrescentado. Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3.5 – As informações referentes ao CONEP foram acrescentadas. Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP. Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS. e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.

Atenciosamente, Elzéber Paiz Flôres.

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 06/05/2013

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Adenilson Alcido Constantino

Data de nascimento: 22/07/1998

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Adenilson Alfredo Pontes para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres

Rubrica do Pesquisador

Adenilson

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

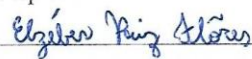
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS.” e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo (X)

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico (X)

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 06 de maio de 2023.

Elzêver Paiz Flores
Assinatura do Pesquisador

Deucler Kussak
Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 06/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Devotina Boncalhe

Data de nascimento: 21-6-1949

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Wenderson Guacaba para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres

Rubrica do Pesquisador

Wenderson Guacaba

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

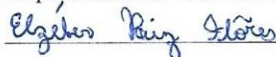
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' - 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande - MS." e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo ☒

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico ☒

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 06 de maio de 2023.

Elzilver Paiz Flores
Assinatura do Pesquisador

Deividson K. Mendes
Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 11/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Edio Alvaro
Data de nascimento: 19-7-62

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Edap Alado para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres
Rubrica do Pesquisador

Edap Alado
Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

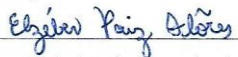
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.


Rubrica do Pesquisador


Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS.” e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo (X)

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico (X)

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 11 de maio de 2023.

Elziane Ruiz Flores
Assinatura do Pesquisador

E. D. Alado
Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 07/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Elcio Flôres

Data de nascimento: 08/07/57

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Elcio Flores para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres

Rubrica do Pesquisador

[Assinatura]

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

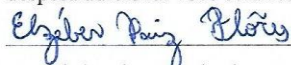
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

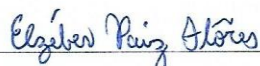
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' - 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande - MS." e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

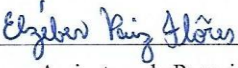
Autorizo gravação de áudio/vídeo (X)

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico (X)

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 07 de maio de 2023.


Assinatura do Pesquisador


Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 12/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Eraldo Reis Eloy

Data de nascimento: 23-03-81

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Evaldo Paes Eloy para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres

Rubrica do Pesquisador

Evaldo Paes Eloy

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

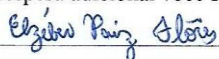
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' - 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande - MS." e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

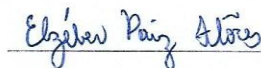
Autorizo gravação de áudio/vídeo (X)

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico (X)

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 12 de maio de 2023.


Assinatura do Pesquisador


Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: aldeia Ipegue

Data: 06/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Helena da Silva Gonçalves
Data de nascimento: 27/08/1957

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Stelina da Silva Gonçalves para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres

Rubrica do Pesquisador

Stel

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.

Elzuber Ruiz Flores

Rubrica do Pesquisador

Juliana da Silva Gomes

Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

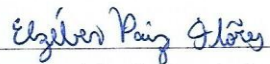
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

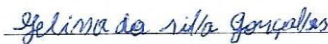
Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' - 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande - MS." e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo ☒

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico ☒

Não autorizo registro fotográfico: ()

3 de 4

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 06 de maio de 2023.

Ezequiel Paiz Alôres
Assinatura do Pesquisador

Isolina Silva Gonçalves
Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 06/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

João Faria

Data de nascimento: 14.08.1960

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Elzéber Paiz Flores para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flores, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flores

Rubrica do Pesquisador

[Assinatura]

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

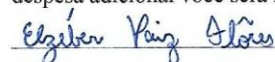
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

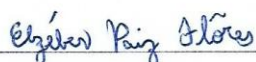
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS.” e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo ☒

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico ☒

Não autorizo registro fotográfico: ()

3 de 4

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 06 de maio de 2023.

Elzébet Paiz Flores

Assinatura do Pesquisador

João Paiz

Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 12/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Fraquim de Oliveira
Data de nascimento: 27.10.67

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Joaquim do B. Almeida para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres
Rubrica do Pesquisador

Joaquim
Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.

Eliziane Pinheiro

Rubrica do Pesquisador

Teagui

Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

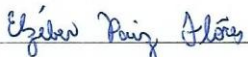
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS.” e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo (X)

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico (X)

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 12 de maio de 2023.

Elzabet Ruiz Flores

Assinatura do Pesquisador

Joaquim de Oliveira

Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 08/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Leonardo Flores Correia

Data de nascimento: 05/12/1997

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Leonardo Flores Correia para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres
Rubrica do Pesquisador

Leonardo Flores Correia
Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.

Elzabeu Paiz Alôres

Rubrica do Pesquisador

Leonardo Flores Correia

Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

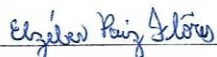
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS.” e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo (X)

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico (X)

Não autorizo registro fotográfico: ()

3 de 4

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 08 de maio de 2023.

Elizian Ruiz Flores
Assinatura do Pesquisador

Leonardo Flores Correia
Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 09/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Nome do Antônio

Data de nascimento: 02/01/1947

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Mamãdu Antonio para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres

Rubrica do Pesquisador

Ma

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

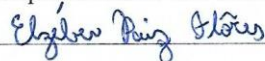
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

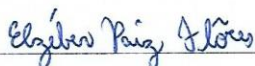
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS.” e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo ☒ (X)

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico ☒ (X)

Não autorizo registro fotográfico: ()

3 de 4

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 09 de maio de 2023.

Elzeir Paiz Glória
Assinatura do Pesquisador

mo-mediis Antonio
Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 09/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Marcicir Albede

Data de nascimento: 22/09/1949

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) Maurícia Albredo para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres

Rubrica do Pesquisador

Maurícia Albredo

Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

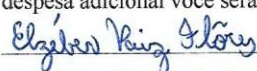
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

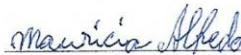
Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

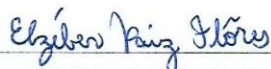
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' - 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande - MS." e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo ☒

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico ☒

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 09 de maio de 2023.

Elzeir Pinz Flores

Assinatura do Pesquisador

Maurícia Alfredo

Assinatura do Participante da Pesquisa

Roteiro de entrevista com os(as) Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue

Pesquisa: OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE

Local: Aldeia Ipegue

Data: 07/05/2023

Identificação (Conforme definido pelo participante da pesquisa [Res. 510/2016, Art. 9º]):

Miguelina da Silva

Data de nascimento: 29/09/1942

1. Porque começou a trabalhar na roça?
2. Sua família tem roça desde quando?
3. O que diferencia a roça Terena de outras roças?
4. Há técnicas específicas para a sua realização?
5. Toda roça precisar de trator para arar a terra?
6. O que há em comum entre as famílias que realizam essa atividade?
7. Qual a importância do trabalho na roça para a sua família?
8. A roça produz renda suficiente para se manter?
9. Existe outra fonte de renda? Qual sua fonte de renda principal?
10. Para você qual é a diferença da roça tradicional, da roça de comércio e da roça de subsistência?
11. Porque antes se plantava mais e agora menos?
12. Qual a diferenças das roças do passado para as roças do presente?
13. Como era a aldeia Ipegue no passado e como é no presente?
14. Como observa o movimento das retomadas em relação às roças?
15. Se tiver terra para as roças haveria gente para poder plantar?
16. Com o surgimento de novas profissões dentro da aldeia principalmente nas áreas da educação e da saúde isso impactou no trabalho nas roças, na sua produção?
17. Por que continua plantando e trabalhando na roça?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

(Para Agricultores(as) Indígenas Terena Residentes na Aldeia Ipegue)

Convidamos o(a) Senhor(a) MIGUELINA DA SILVA para participar da Pesquisa OS TERENA E NOVOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: A AGRICULTURA NA ALDEIA IPEGUE voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Elzéber Paiz Flôres, residente na aldeia de Ipegue.

O objetivo desta pesquisa é analisar a agricultura realizada pelos Terena por meio de suas roças para demonstrar as permanências e rupturas presentes em suas práticas agrícolas, na aldeia Ipegue, localizada na Terra Indígena Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana-MS. Participarão dessa pesquisa homens e mulheres indígenas Terena, com idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos, que trabalham ou trabalharam com roças, que tenham experiências com as práticas agrícolas e que residam na aldeia Ipegue.

Sua participação será voluntária e não terá despesas ou será remunerado para participar. Porém, caso sua participação gere alguma despesa para você, você será ressarcido.

Sua participação ocorrerá, por meio de entrevista a ser agendada e será orientada por um roteiro semiestruturado com perguntas abertas, em dia e horário que melhor atender à sua disponibilidade e que não cause prejuízo às suas atividades. A entrevista será de 40 a 60 minutos, será gravada em áudio/e ou vídeo, assim como será realizado registro fotográfico. A entrevista após ser agendada, será realizada em sua residência para maior conforto e para evitar cansaço decorrente de seu deslocamento, terá total liberdade para relatar sua vivência.

Depois de realizada, será transcrita e analisada. Sua participação é de suma importância para contribuir com o registro da nova história indígena e também para demonstrar as práticas culturais que são mantidas pelos agricultores indígenas Terena na aldeia Ipegue.

Respeitando os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes, dos participantes da pesquisa. Respeito à visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política; Conforme a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e à Resolução CNS nº 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena).

Elzéber Paiz Flôres
Rubrica do Pesquisador

Miguelina da Silva
Rubrica do Participante da Pesquisa

Para decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador qualquer dúvida que possa ter.

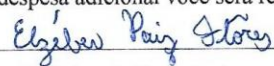
1. Garantia de liberdade: É garantida aos sujeitos participantes a liberdade de se retirar a qualquer momento da pesquisa e seus consentimentos de participação, sem qualquer prejuízo pessoal.

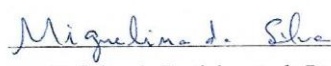
2. Garantia de confidencialidade: Todos os questionários e entrevistas gravadas ficarão armazenados por cinco anos, sob a responsabilidade do pesquisador. Depois desse prazo, esses documentos serão destruídos, de forma segura que não ofereça risco de quebra de sigilo das informações contidas neles. Os dados relativos à pesquisa advindos dos depoimentos registrados serão analisados conforme a metodologia da pesquisa comporá a dissertação de mestrado, bem como poderão ser utilizados em publicações, apresentação de trabalhos em eventos e artigos científicos futuros, sempre preservando o anonimato dos sujeitos.

Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 3º, Inciso IV empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada. Comprometo-me a divulgar os resultados obtidos a comunidade indígena do Ipegue e demais públicos quando solicitado.

3. Garantia do acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa: É direito dos sujeitos participantes e dever do pesquisador mantê-los informados sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário.

4. Garantia de isenção de despesas e/ou compensações: Não há despesas pessoais para os sujeitos participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação. Caso haja alguma despesa adicional você será ressarcido.


Rubrica do Pesquisador


Rubrica do Participante da Pesquisa

5. Riscos: De acordo com o item II. 22 da Resolução CNS nº 466 de 2012, os riscos apresentados podem ser de toda pesquisa envolvendo seres humanos, que apresenta riscos ao participar da pesquisa. Os riscos de sua participação na pesquisa são considerados mínimos, associados ao eventual cansaço durante o preenchimento do questionário ou desconforto e/ou incômodo durante a entrevista. Ou ainda, como situação que consideramos comum ao responder-se questionário e/ou entrevista, poderá surgir acanhamento e/ou constrangimento do participante. Então você terá plena liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização alguma, ou ainda poderá deixar de responder a(s) questão(ões)

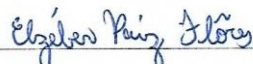
ou pergunta(s) que desejar. Para evitar esses riscos serão realizados diálogos prévios com os participantes, assegurando-lhes seu anonimato, para adquirir a confiança dos mesmos.

6. Benefícios: Como benefício direto de sua participação nesta pesquisa consta a valorização da cultura e das tradições dos Terena que habitam na aldeia Ipegue. Reconhecer que as fontes orais dos participantes da pesquisa são importantes para o fortalecimento étnico dessa comunidade.

Para perguntas ou informações referentes à pesquisa, entre em contato com o pesquisador: Elzéber Paiz Flôres, pelos telefones: (067) 998309627 ou (067) 996638853, e-mail: zebinho97@gmail.com, endereço: Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aldeia Ipegue, nº 131, município de Aquidauana-MS, CEP:79200-000.

Conforme Resolução CNS nº 510/2016, Art. 17, inciso IX, breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que é o órgão responsável pelo acompanhamento e apreciação ética desse estudo, que se encontra no prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' - 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande - MS." e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.



Rubrica do Pesquisador



Rubrica do Participante da Pesquisa

Conforme a Portaria nº 177/PRES/2006, artigo 6º, da Funai as imagens indígenas poderão ser utilizadas para difusão cultural; nas atividades com fins comerciais; para informação pública; e em pesquisa. As imagens serão utilizadas somente para a presente pesquisa.

Autorizo gravação de áudio/vídeo ☒

Não Autorizo gravação de áudio/vídeo ()

Autorizo registro fotográfico ☒

Não autorizo registro fotográfico: ()

Aldeia Ipegue, Terra Indígena Taunay/Ipegue, Aquidauana - MS, 07 de maio de 2023.

Elzeu Paiz Flores
Assinatura do Pesquisador

Miguelina da Silva
Assinatura do Participante da Pesquisa